

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e  
Patrimônio Cultural



**Dissertação**

**A louça e os modos de vida urbanos  
na Pelotas oitocentista**

**Luciana da Silva Peixoto**

Pelotas, 2009

**LUCIANA DA SILVA PEIXOTO**

**A LOUÇA E OS MODOS DE VIDA URBANOS  
NA PELOTAS OITOCENTISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Linha de Pesquisa: Memória e Identidade Social

Pelotas, 2009

**Banca examinadora:**

Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari

Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes Dominguez

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus filhos Cláudio e Isadora, por compreenderem a minha ausência em vários momentos importantes de suas vidas e por me incentivarem na conclusão deste trabalho.

À minha mãe, pela compreensão e pela ajuda sem as quais não teria sido possível a minha formação.

Ao Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira pela orientação, pela confiança depositada em meu trabalho e, sobretudo pela amizade.

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes Dominguez pela disposição em ensinar os caminhos para a realização deste trabalho, contribuindo com sugestões bibliográficas e críticas construtivas.

À colega Rafaela por ter auxiliado nas atividades de laboratório.

À amiga Chimene Kuhn Nobre, companheira desde meus tempos de graduação, agradeço pelo companheirismo, pela amizade incondicional e pela contribuição na realização deste trabalho.

Agradeço à Nanci, secretária do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, bem como aos professores que de alguma maneira participaram deste trabalho.

Por último, mas não menos importante, sou grata também a CAPES pela cadência de uma bolsa de mestrado durante o período de agosto/2007 a fevereiro/2009, sem a qual não poderia ter me dedicado exclusivamente a este projeto.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é caracterizar o comportamento de consumo da sociedade pelotense do século XIX (1830-1900) através da louça recuperada da área central urbana da cidade e, a partir disso, caracterizar o processo de urbanização, considerando suas dimensões culturais, sociais e simbólicas. Para isso, propõe como metodologia a análise de uma amostra de louças selecionada a partir do critério de possibilidade de identificação da sua forma/função, seguindo um método de classificação referenciado em uma base documental já constituída, o Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro. Para a análise tomamos como referência o quadro teórico da arqueologia processualista, no sentido de que estamos interessados em identificar os processos culturais responsáveis pela construção destas evidências. No entanto, a interpretação dos dados está referenciada na arqueologia pós-processual, já que nosso principal interesse é perceber os contextos simbólicos, históricos e sociais relacionados a estes processos culturais.

## **Abstract**

The goal of this article is to characterize behavior of consumption of the Pelotas' city society in the XIX century (1830-1900), through the dishware excavated in the downtown. So, we pretend to characterize the urbanization process, considering its cultural, social e symbolical dimensions. On proposes the methodology of analyzing a sample of dishware, selected considering as criteria the possibility of identification of its form and function, following the classification method that takes as reference the data basis constituted by the Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel. For the analysis, we take as reference the theoretical frame of the processual archaeology, interested in identifying cultural processes responsible for the construction of these evidences. Nevertheless, the interpretation of the data was based in the post-processual archaeology, since our principle interest is to perceive the symbolic, historical and social contexts, related to these cultural processes.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Planta do centro urbano com a localização dos limites da Freguesia. **32**
- Figura 2 – Mapa do 1º loteamento. **33**
- Figura 3 – Planta da cidade de Pelotas, 1835. **34**
- Figura 4 – Quadro de localização dos principais prédios históricos do entorno da Praça Coronel Pedro Osório. **49**
- Figura 5 – Vista panorâmica da Praça Coronel Pedro Osório. **50**
- Figura 6 - Vista frontal e lateral da Residência Francisco Antunes Maciel. **52**
- Figura 7 – Vista frontal e lateral da *Casa 2*. **53**
- Figura 8 – Vista lateral e frontal da *Casa da Banha*. **54**
- Figura 9 - Representação fotográfica do MCP (cartão postal). **54**
- Figura 10 - Representação gráfico-digital da PMP (vista aérea). **55**
- Figura 11 - Representação fotográfica da PMP (fotopintura). **55**
- Figura 12 - Representação gráfico-digital do MCP (vista aérea). **56**
- Figura 13 – Estrutura de tijolos evidenciada nas escavações do pátio da *Casa 2*. **62**
- Figura 14 – Malha de quadriculagem. **65**
- Figura 15 – Malha de quadriculagem. **66**
- Figura 16 – Croqui da área de intervenção. **67**
- Figura 17 – Frascos de remédio, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. **68**
- Figura 18 – Garrafas de vidro, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. **68**
- Figura 19 – Recipientes de grés, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. **69**
- Figura 20 – Louça com decoração carimbada, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. **69**
- Figura 21 – *Largo Edmar Fetter*, e ao lado foto do acompanhamento das obras de infraestrutura. **70**
- Figuras 22 e 23 - Localização do ponto zero e das linhas X e Y; Desenho da malha. **71**
- Figura 24 – Gráfico de representação das categorias em relação à amostra. **126**
- Figura 25 – Gráfico de representação das formas dentro da subcategoria serviço de chá e café. **127**

- Figura 26 – Gráfico de representação das formas dentro da subcategoria serviço de jantar. **128**
- Figura 27 – Gráfico de representação das formas dentro da subcategoria serviço de jantar. **128**
- Figura 28 – Gráfico de representação das tipologias de decoração no total da amostra. **129**
- Figura 29 – Gráfico de representação das tipologias de decoração na subcategoria serviço de chá e café. **131**
- Figura 30 – Gráfico de representação das tipologias de decoração na subcategoria serviço de jantar. **131**
- Figura 31 – Gráfico de representação das tipologias de decoração na categoria higiene e toalete. **131**
- Figura 32 – Gráfico de representação de tipologias por período de início de produção. **135**
- Figura 33 – Gráfico de representação de tipologias por período de final de produção. **137**
- Figura 34 – Recipientes de grés, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. **154**
- Figura 35 – Frasco de perfume e uma taça de vidro, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. **155**
- Figura 36 – Garrafas de vidro para diversos fins, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. **155**

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Datação de Faiança Fina.	<b>79</b>
Tabela 2 – Percentuais dos padrões tipológicos por categoria.	<b>130</b>
Tabela 3 – Classificação geral da amostra.	<b>132</b>
Tabela 4 – Padrões tipológicos com início de produção entre 1750 e 1824.	<b>134</b>
Tabela 5 – Padrões tipológicos com início de produção entre 1825 e 1860.	<b>135</b>
Tabela 6 – Padrões tipológicos com início de produção entre 1861 e 1890.	<b>135</b>
Tabela 7 – Padrões tipológicos com final de produção entre 1825 e 1860.	<b>136</b>
Tabela 8 – Padrões tipológicos com final de produção entre 1861 e 1890.	<b>136</b>
Tabela 9 – Padrões tipológicos com final de produção a partir de 1890.	<b>136</b>

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	<b>4</b>
<b>Abstract</b>	<b>5</b>
<b>Lista de Figuras</b>	<b>6</b>
<b>Lista de Tabelas</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>Considerações Teórico-Methodológicas</b>	<b>14</b>
1.1. Espaço Urbano	18
1.2. Cultura Material	20
1.3. A Louça e suas possibilidades de análise	23
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>Processo de urbanização do Rio Grande do Sul e de Pelotas</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>A área urbana central de Pelotas do ponto de vista histórico e arqueológico</b>	<b>48</b>
3.1 Contextualização histórica	48
3.2 Contextualização arqueológica	58
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>As louças do centro urbano de Pelotas no século XIX</b>	<b>77</b>
4.1 Síntese dos resultados da catalogação da faiança Fina da Casa 8	77
4.2 Amostra de louças do centro urbano de Pelotas	89
4.3 Análise da amostra	126
4.4 Considerações	138
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>Interpretação: a louça e o processo de urbanização da Pelotas oitocentista</b>	<b>142</b>
5.1 Abordagem diacrônica: o desenvolvimento urbano	142
5.2 Abordagem sincrônica: a urbanização dos modos de vida	151
<b>Conclusão</b>	<b>157</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>161</b>

## INTRODUÇÃO

Diversos autores têm, há muitas décadas, escrito sobre a história de Pelotas. Em caráter acadêmico ou literário, esses autores se esforçam para resgatar e tornar públicos os fatos e os acontecimentos que sucederam desde os primórdios da fundação da Freguesia de São Francisco de Paula. Uma história de “opulência e cultura” nas palavras de Mário Osório Magalhães, ou de “barro e sangue” nas de Ester Gutierrez, mas acima de tudo, uma história que invariavelmente provoca de um lado, o orgulho por seu passado glorioso e, de outro, o desconforto pelo martírio da escravidão.

E são muitas essas histórias: dos charqueadores, dos estancieiros, dos negros, dos imigrantes, do proletariado, das guerras, dos heróis, da cultura, da economia, da sociedade, da arquitetura, da indústria, do comércio, da agropecuária, e mais uma infinidade de temas, comuns às pesquisas científicas das mais diversas áreas do conhecimento. Histórias que estão nos documentos, nos livros, nos jornais, mas também nas memórias, na tradição, na poesia, na literatura e até na ficção. E são todas essas histórias que, juntas, formam e fortalecem a identidade da cidade e de cada um de seus cidadãos.

Pelotas se destacou no cenário rio-grandense na segunda metade do século XIX. A riqueza econômica e cultural deste período, propiciada pela indústria do charque, tornou a cidade uma referência, com destaque também no plano nacional. Apesar de sua formação tardia, Pelotas teve um rápido desenvolvimento econômico e urbano, o que possibilitou o seu desenvolvimento social e cultural, fazendo com que, em determinados períodos ela fizesse frente aos grandes centros da época.

No entanto, durante o século XX, especialmente a partir da segunda década, o crescimento econômico da cidade sofreu enorme retração. O surgimento dos frigoríficos, no início do século, fez declinar a indústria do charque, já abalada desde 1888 pelo fim do regime escravista. A economia a partir daí, voltou-se para a produção agrícola que se desenvolveu em dois níveis: as grandes plantações de

arroz, concentradas na região da planície, e a agricultura colonial, concentrada na região serrana e impulsionada pelos núcleos coloniais.

A partir da metade do século XX a economia do município se diversificou com o incremento das indústrias, principalmente a indústria de conservas, abastecidas pela produção colonial e pelo desenvolvimento do comércio, que acabaria por definir o novo perfil da cidade: um pólo comercial e de prestação de serviços da região sul (MOURA, 2002, p.26). Contudo, a economia nunca mais chegaria aos padrões do século anterior. O eixo produtivo do estado havia se deslocado para a região norte, causando uma estagnação na região sul que se faz sentir até os dias de hoje.

No entanto, uma vocação nascida nos tempos de “opulência” econômica tornou-se, no século XXI, uma das bases para a retomada do seu crescimento: a cultura, que em seus mais variados aspectos vem se configurando como um elemento fundamental de incentivo a novos empreendimentos sejam eles, econômicos, sociais ou intelectuais. Programas de desenvolvimento e fomento desencadeados em âmbito nacional têm encontrado em Pelotas um campo fértil para seu desenvolvimento e despertado o interesse das novas gerações, que fazem um movimento de volta ao passado em busca de sua história.

Exemplo disso é o Programa BID/Monumenta, programa do Governo Federal, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e coordenado em escala nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/MinC), que visa à recuperação de importantes centros históricos.

O Programa Monumenta foi implementado a partir de 2002. De lá para cá proporcionou a restauração de diversos prédios históricos do centro urbano de Pelotas. Mas, muito mais que o restauro de prédios históricos, o Monumenta trouxe um novo ânimo, uma nova consciência com relação ao patrimônio. E não só ao patrimônio edificado, aos monumentos, às artes, mas também ao patrimônio imaterial, nas suas mais diversas formas. A partir deste momento começou a efervescer, principalmente no meio acadêmico, uma grande quantidade de idéias, propostas e projetos que vêm mudando o cenário cultural da cidade.

Este momento foi também fundamental para a Arqueologia em Pelotas, pois foi para atuar nas áreas de intervenção do Programa que o então recém constituído Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da

Universidade Federal de Pelotas, desenvolveu o Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas (RS).

As atividades do projeto tiveram início com o acompanhamento arqueológico das obras de restauro da Casa 8 e do Chafariz das Nereidas, localizados, respectivamente, no entorno e no centro da Praça Coronel Pedro Osório. A partir dessas intervenções, o projeto tomou um caráter permanente e estendeu sua atuação para uma área mais ampla dentro do núcleo urbano e também para o espaço periférico, que abrange a antiga ocupação charqueadora, assim como a área industrial e rural, integrado as áreas diretamente relacionadas ao núcleo urbano.

Este projeto está inserido no campo específico da Arqueologia Histórica e tem como principal objetivo colocar sobre uma mesma base de dados as evidências da cultura material de Pelotas, levantadas em diferentes áreas do atual município, retratando distintos aspectos do processo de desenvolvimento da cidade.

As atividades desenvolvidas pelo projeto proporcionaram o resgate de uma grande quantidade de material arqueológico, tanto em campanhas de escavação como por meio de doações. O acervo arqueológico proveniente das escavações é bastante diversificado ocorrendo diferentes tipos de materiais como louças inglesas e portuguesas, azulejos franceses, tijolos e telhas, garrafas de vidro e grés de diferentes tipos de bebidas, grande quantidade e variedade de ossos de várias espécies animais, metais, etc.

Como resultados parciais do projeto foram elaborados catálogos e artigos interpretativos referentes às áreas já trabalhadas e às coleções arqueológicas, com destaque aos catálogos do material da Casa 8: Catálogo de Material Arqueofaunístico, Catálogo de Grés e Catálogo de Faiança Fina.

A documentação arqueológica<sup>1</sup>, referente ao centro urbano de Pelotas, gerada a partir das atividades de campo e de laboratório, possibilitou uma série de inferências a respeito do desenvolvimento urbano, principalmente no que se refere à ocupação do solo, e suscitou uma série de questionamentos relativos às relações econômicas, sociais e culturais da sociedade pelotense do século XIX.

---

<sup>1</sup>A documentação arqueológica é composta pela cultura material, pelos dados relativos ao sítio recolhidos em campo, como desenhos de perfil estratigráfico, mapas de localização e distribuição de fragmentos, fotografias, registros de edificações, etc., e também pelos dados produzidos em laboratório, como relatórios, artigos, catálogos e outros.

O objetivo deste trabalho é caracterizar o comportamento de consumo da sociedade pelotense do século XIX (1830-1900) através da louça recuperada da área central urbana da cidade e, a partir disso, caracterizar o processo de urbanização, considerando suas dimensões culturais, sociais e simbólicas.

A proposta metodológica é a análise de uma amostra de louças selecionada a partir do critério de possibilidade de identificação da sua forma/função, seguindo um método de classificação referenciado em uma base documental já constituída, o Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro traz considerações acerca do referencial teórico-metodológico adotado, apresentando conceitos e potencialidades da louça como fonte de estudo dos modos de vida e comportamentos de consumo pretéritos, nomeadamente atinentes ao processo de urbanização para a interpretação e construção de narrativas. O segundo traz uma contextualização histórica do processo de urbanização do Rio grande do Sul e de Pelotas durante o século XIX. O terceiro capítulo está dividido em duas partes: na primeira apresentamos uma contextualização histórica da área urbana central da cidade, e na segunda uma contextualização arqueológica. O quarto capítulo está dividido em quatro partes; na primeira, apresentamos uma síntese dos resultados da catalogação da faiança fina da Casa 8; na segunda, apresentamos a amostra de louças por meio de fotografias acompanhadas de dados de identificação; na terceira parte apresentamos uma análise quantitativa da amostra; a quarta parte traz considerações a respeito dos resultados desta análise. O último capítulo é dedicado a um exercício epistemológico com o objetivo de caracterizar o processo de urbanização de Pelotas no século XIX, considerando suas dimensões simbólicas, culturais e sociais, a partir das informações obtidas pela análise da louça articuladas a informações de outras fontes arqueológicas e históricas.

## **CAPÍTULO 1**

### **Considerações Teórico-Methodológicas**

A arqueologia é uma ciência que está em constante movimento. Ao longo dos últimos 50 anos ela sofreu mudanças conceituais e, principalmente metodológicas que fizeram dela uma ciência social, que tem por objetivo explicar o processo de formação e transformação de grupos humanos específicos, tanto no passado quanto no presente.

Quando surgiu, na Europa como disciplina auxiliar da História, e na América como auxiliar da Antropologia, sua função era fornecer dados que deveriam ser interpretados pelos verdadeiros cientistas. Essa perspectiva foi bastante difundida e até hoje alguns arqueólogos a adotam. No entanto, a maioria dos cientistas atuais entende que a arqueologia não precisa, e não pode ser só história ou só antropologia e que, apesar de ser uma ciência independente, a Arqueologia vai sempre se utilizar de outras (várias) ciências para realizar suas interpretações. Apesar disso, a maioria dos arqueólogos brasileiros tem sua formação com base na história ou na antropologia, e isso vai sempre se manifestar de alguma forma na maneira como esses arqueólogos desenvolvem suas pesquisas e interpretam seus objetos de estudo, fazendo surgir diferentes conceitos e métodos, e propiciando o surgimento de novas vertentes dentro da disciplina arqueológica.

Tradicionalmente a Arqueologia era vista como uma técnica que visava a recuperar objetos antigos através da escavação do solo. Esse material, reconstituível pelo arqueólogo, era o objeto de estudo da arqueologia. Durante muito tempo, esse conceito foi largamente difundido e a Arqueologia do desenterramento (FUNARI, 1988, p.51) apresentou-se como uma prática de campo ligada à satisfação das necessidades econômicas e ideológicas. Grandes monumentos eram desenterrados para favorecer o turismo ou a manutenção das estruturas de poder.

A partir da década de 1960, houve uma renovação nos estudos arqueológicos e o objeto de estudo da Arqueologia passou a ser visto de maneira

diferente. Agora, o arqueólogo busca não apenas listar objetos mas, através deles, descobrir o universo dos homens e sua vida social. A cooperação interdisciplinar e a tentativa de uma História muito menos factual colaboram para essa mudança na Arqueologia que, “utilizando-se de métodos próprios, e, através do estudo da cultura material, deve aspirar a ambos os objetivos, históricos e sócio-antropológicos” (FUNARI, 1988, p.14-15). Essa nova visão torna cada vez mais importante a relação da Arqueologia com as outras ciências sociais. Todas as discussões teóricas relativas ao objeto de estudo ou aos métodos arqueológicos não foram, ainda, suficientes para que se formulasse um conceito definitivo para a Arqueologia.

André Prous, por exemplo, define a Arqueologia como uma ciência que estuda a *pré-história*, sendo aí entendida como o principal e único meio de que dispõe o pré-historiador. Segundo ele, para o historiador, a Arqueologia não passaria de uma ciência secundária, uma técnica (PROUS, 1992). Na concepção de Pedro Augusto Mentz Ribeiro (1977, p.14), a Arqueologia “é uma ciência que busca a reconstituição das tradições culturais extintas e tenta descobrir sua evolução ou decadência, expansão no tempo e no espaço, e adaptações ao meio ambiente”.

O surgimento de novos campos de estudo dentro da arqueologia vem provocando discussões teóricas, não só no sentido de definir e caracterizar esses novos campos, mas também de (re)definir o conceito da própria disciplina arqueologia. A arqueologia histórica é um exemplo disso. Surgida na América do Norte na década de 1960, a arqueologia histórica foi definida como o estudo das sociedades com registros escritos (FUNARI, 2007, p.49). Segundo Funari, o surgimento da arqueologia histórica deveria ter resultado em uma distinção flexível entre os dois campos de estudo: passado pré-colonial pré-letrado e sociedades letradas desde os babilônicos. No entanto, segundo o autor, esta distinção não ocorreu e a arqueologia histórica passou a ser aplicada quase que exclusivamente ao continente americano, ao período posterior à chegada dos europeus, mais especificamente ao estudo dos aspectos materiais dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo no Novo Mundo e, “em razão disso, formou-se uma dicotomia fixa e dura, uma disjunção completa entre períodos da história humana” (FUNARI, 2007, p.50). Esta dicotomia, no entanto, não é tão rígida na arqueologia europeia, sendo que os arqueólogos treinados na Europa tendem a aplicar esses modelos mais flexíveis para seus estudos também fora da Europa.

No Brasil, a atuação de arqueólogos com formação tanto na Europa quanto na América do Norte têm provocado, há algum tempo, debates com o objetivo de estabelecer definições e conceitos para a arqueologia brasileira. Ao mesmo tempo em que ocorrem esses debates, a arqueologia histórica vem abrindo novas “frentes de trabalho”, ou seja, surgem novas especialidades que tem diferenciações teóricas e metodológicas de acordo com sua área de abrangência, se caracterizando por diferenças de abordagem teórica, de período estudado, ou de objeto. O surgimento dessas especialidades aproxima ainda mais a arqueologia de diversas outras ciências reforçando seu caráter transdisciplinar. Esta aproximação gera interações disciplinares que muitas vezes provocam a formação de novas ciências, tais como a Bioarqueologia, Zooarqueologia, Arqueobotânica, Geoarqueologia, Arqueo-organologia, entre outras, assim como surgem, a todo o momento, novas teorias e métodos de pesquisa. É a partir disso que se percebe que a Arqueologia é uma ciência dinâmica, em constante transformação.

Uma das conseqüências dessa dinâmica, observada nas últimas décadas, é a aproximação cada vez maior da Arqueologia com as questões relativas à memória social e ao patrimônio cultural. Esta aproximação favoreceu o surgimento de uma especialidade dentro da arqueologia histórica, que se caracteriza pela diferença de abordagem sobre o seu objeto de estudo e pela atuação exclusivamente na área urbana.

A arqueologia histórica, inicialmente, atuava na área urbana de modo pontual, geralmente apenas como auxiliar em projetos de restauração de prédios históricos. A intensificação, nas últimas décadas, das ações de identificação, conservação, proteção e restauração do patrimônio cultural, fez com que os arqueólogos começassem a perceber que este tipo de atuação, apesar de indispensável para garantir o salvamento do patrimônio arqueológico, não era suficiente para dar conta de questões específicas do contexto urbano.

Assim, surgiu uma nova especialidade, denominada então arqueologia urbana, que passou a se preocupar em compreender o processo de formação do espaço urbano. Para isso foi preciso passar a considerar não apenas cada sítio arqueológico, mas “considerar a cidade como um sítio, cujos artefatos possuem formas e técnicas próprias que correspondem a idéias da sociedade que os produziu” (THIESEN, 1999, p.11).

Desta forma, a Arqueologia urbana se caracteriza por trabalhar com o conceito de cidade-sítio e pretender fazer arqueologia *da* cidade. Isto, segundo Staski (apud THIESEN, 1999, p.11), “implica em utilizar métodos arqueológicos para contribuir com a compreensão do fenômeno urbano”.

A arqueologia urbana tem se aproximado muito mais intimamente das questões de memória social e patrimônio cultural, já que é no *espaço* urbano que tem se desenvolvido a maioria das ações de preservação do patrimônio cultural.

De acordo com Beatriz Thiesen (1999, p.11), nos trabalhos de arqueologia urbana

[...] se não estivermos vendo a cidade como um sítio cujas diversas partes estão inter-relacionadas, se não considerarmos que ela está inserida em uma totalidade maior, situada em um contexto histórico e espacial específicos, e que pode influenciar de diferentes maneiras os fenômenos sociais e culturais que ocorrem aí, então estamos fazendo arqueologia na cidade e não da cidade.

O desenvolvimento do conceito de arqueologia urbana, baseado na definição de cidade-sítio e na caracterização da cidade como uma forma específica de organização social, trouxe aos pesquisadores dois grandes desafios: desenvolver novas metodologias de levantamento de dados e de prospecção e trabalhar efetivamente em uma perspectiva transdisciplinar. Este caráter transdisciplinar faz com que a arqueologia urbana se insira no contexto da arqueologia pós-processual e busque em disciplinas como a geografia urbana, a arquitetura, a antropologia ou a sociologia conceitos e metodologias que ampliem suas possibilidades de análise.

Orser (2000, p.106) conceitua arqueologia pós-processual como “un tipo de arqueología interesada principalmente en contextos simbólicos, históricos, sociales y culturales y en el papel de los individuos en la sociedad”. A arqueologia pós-processual está ligada à arqueologia social e tem uma perspectiva histórica: sua característica é considerar os indivíduos como negociadores ativos das regras sociais e a sociedade como uma rede dinâmica em constante transformação.

A arqueologia pós-processual pretende dar conta de um grande número de questões, e para que essas possam ser respondidas é preciso que não se desconsiderem questões que, segundo os teóricos, estão inseridas em outras abordagens como a histórico-cultural e a processual. Segundo Funari (2003, p.53),

“a convivência de diferentes e, às vezes, contraditórias teorias em Arqueologia constitui uma salutar característica da disciplina na atualidade”.

No espaço urbano, a possibilidade de realizar escavações é, na maioria das vezes, limitada a pequenas áreas, geralmente as que sofrem intervenção em razão de obras públicas e privadas, como as obras de infra-estrutura ou restauro de prédios históricos. No entanto, esta limitação não traz prejuízos ao trabalho de prospecção do arqueólogo, já que, como explica Lima (apud THIESEN, 1999, p.13)

[...] a maior complexidade cultural, as tecnologias avançadas e um menor espaço de tempo decorrido faz com que o arqueólogo histórico atue mais sobre o terreno, já que os vestígios são eminentemente estruturas verticais, construções e outros tipos de depósitos não encobertos, podendo em muitos casos dispensar a escavação.

Esta possibilidade reduzida de realizar escavações obriga o arqueólogo a, efetivamente, colocar em prática a teoria pós-processual. É a metodologia pós-processual que vai permitir ao arqueólogo encontrar novas formas de se chegar ao objeto. Entre estas novas formas estão a observação dos vestígios de superfície e a tomada de depoimentos orais. Estes dois métodos deverão ser associados ao uso de documentos como mapas, plantas e fotografias, o que possibilitará a obtenção de um grande número de informações sobre o objeto, o sítio, podendo inclusive prescindir das escavações (THIESEN, 1999, p.13). Porém, é preciso que o pesquisador esteja atento para não perder de vista a especificidade do trabalho arqueológico, ou seja, o estudo do comportamento humano e da transformação do espaço urbano através da cultura material.

#### **1.4. Espaço Urbano**

Como afirma Sidney Gonçalves Vieira (2006), “a memória urbana está sempre se transformando, em virtude de que os grupos que a guardam na lembrança desaparecem”. Porém, mais importante é o fato de que a memória social é formada a partir das relações dos grupos sociais e que estas relações acontecem em um determinado lugar e são de diferentes formas materializadas.

Segundo o mesmo autor, desaparecendo os grupos, o que resta como lembrança são as transformações do lugar produzidas e materializadas na

paisagem urbana, onde o espaço construído é revelado como o elemento principal: “é no lugar que temos que analisar o modo como é produzida a existência social dos seres humanos” (VIEIRA, 2006, p.4). Trata-se do lugar entendido como o espaço ocupado, ou seja, a porção do espaço que está preenchida pela materialidade. Assim, também é no lugar que temos que analisar o modo como é produzida a sua existência material. No entanto, é no conjunto dos lugares, no espaço urbano, que podemos analisar as dimensões culturais, sociais e simbólicas desta produção material. Assim, o espaço urbano pode ser compreendido como a totalidade dos vários lugares, construído através de processos dinâmicos de relações sociais.

A cidade é caracterizada pela diversidade de lugares, de micro-espacos, de grupos sociais, de atividades, etc. O espaço urbano é construído ao longo do tempo e essa construção se dá definitivamente pela distribuição e ocupação do solo que é um processo dinâmico e resulta das atividades sociais, culturais e econômicas das pessoas. A análise do espaço urbano revela ao arqueólogo exatamente essa dinâmica de ocupação e reocupação do solo ao longo do tempo, permitindo problematizar a identidade de cada lugar.

Na arqueologia, esta análise do espaço urbano pode ser feita tanto pela leitura dos vestígios de superfície quanto pela leitura estratigráfica do solo e pela cultura material exumada nos processos de escavação. A possibilidade de se realizar escavações na área central urbana de Pelotas contribuiu significativamente para a ampliação das pesquisas arqueológicas, na medida em que estas escavações revelaram uma grande quantidade de vestígios materiais direta ou indiretamente relacionados às estruturas conservadas sobre o solo. A partir da leitura estratigráfica estes vestígios foram classificados genericamente como pertencentes a dois tipos de depósitos arqueológicos: lixeiras domésticas e lixeira coletiva.

A identificação na área central urbana da cidade de uma “lixeira coletiva”, datada do século XIX, e de vestígios dos processos de melhorias urbanas, como por exemplo, a canalização de esgotos, trouxe novos elementos para se pensar o processo de urbanização deste espaço.

## 1.5. Cultura Material

A cultura material como objeto de pesquisa da Arqueologia inclui toda e qualquer coisa que tenha sido produzida materialmente pelo homem para satisfazer suas necessidades. Neste contexto, estão a moradia, a produção de alimentos, a religiosidade, o lazer, a educação, a locomoção, etc.

Empiricamente, a cultura material compõe-se de todo o conjunto de artefatos, ou seja, de instrumentos materiais produzidos pelo homem a partir da transformação de elementos naturais, podendo ser de natureza móvel ou imóvel. Os bens materiais móveis são os objetos ou utensílios; os bens imóveis são as estruturas, sejam elas alterações construídas da paisagem, como os aterros (cerritos, mounds, sambaquis) ou o conjunto do patrimônio arquitetônico (palácios, templos, senzalas, etc.). Nesta materialidade, estão imbricados os aspectos simbólicos e pragmáticos da cultura. Ou seja, os objetos carregam consigo, ao mesmo tempo, a sua dimensão prática (a sua finalidade de uso) e a sua dimensão simbólica (o conjunto de valores, princípios éticos, padrões de comportamento, etc.), associadas a estes objetos, na sua fabricação e no seu consumo. Funari (2003, p.40) lembra que:

Tanto os documentos escritos quanto a Cultura material são produtos de uma mesma sociedade, mas não são necessariamente complementares ou convergentes, pois o documento escrito representa as idéias ou interesses subjetivos de seu autor, à diferença da Cultura material. (...) Os documentos escritos informam-nos sobre as idéias de seus autores, em geral pertencentes a uma minoria dos que sabem ler e escrever. A escrita, assim, é um instrumento de poder, de classe. A Cultura material, por outro lado, é o resultado, em grande parte, do esforço das pessoas comuns e conserva-se, muitas vezes, sem que assim se queira ou planeje, como testemunhos involuntários da história.

Senatore e Zarankin (2002, p.9) consideram que um dos pontos de fundamental importância para a “compreensão da sociedade moderna são as mudanças no uso da cultura material, pois a cultura material não tem significado por si mesma, e só adquire uma dimensão ativa e ideológica dentro de um sistema cultural determinado”.

Para dar significado a esta cultura material é necessário que o arqueólogo, em sua análise, busque as conexões históricas que forneçam o contexto dentro do qual seja possível interpretar, a partir da cultura material, as mudanças nas práticas sociais.

A análise arqueológica da cultura material depende basicamente da concepção teórica do arqueólogo sobre a função da Arqueologia e sobre a organização social da sociedade estudada (FUNARI, 1988, p.27). A função da Arqueologia é definida de acordo com a perspectiva histórica ou antropológica adotada pelo arqueólogo. Segundo Orser (2000, p.24), os arqueólogos com formação histórica tendem a valorizar um objeto do mesmo modo que um documento escrito, interessando-se por questões como quando o sítio foi construído, de que maneira foi edificado, para que era usado, quem o usava e por quanto tempo continuou em uso. Já os arqueólogos com formação em antropologia consideram a pesquisa arqueológica como uma maneira de compreender os processos e as tradições que atuam nas sociedades e nas culturas. Ele compara estes arqueólogos a etnógrafos: fazem, partindo das mudas evidências materiais, uma comparação entre culturas mortas, antigas ou do início do período moderno.

Atualmente a maioria dos arqueólogos direciona sua pesquisa numa perspectiva que compreende tanto a história como a antropologia. A arqueologia histórica passa a ser então, uma junção entre diversos campos de abordagem e passa a utilizar-se de diversas fontes, onde se inclui, além dos artefatos e estruturas<sup>2</sup>, a arquitetura, os documentos escritos, a informação oral e a informação imagética.

É preciso salientar que apesar da possibilidade de utilização de diversas fontes na arqueologia histórica, é necessário, na realização de uma pesquisa científica que se eleja e delimite um objeto de estudo. É somente a partir da delimitação do objeto de estudo e da definição dos objetivos da pesquisa que podemos identificar e escolher quais e quantas fontes serão consultadas.

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é caracterizar os comportamentos de consumo<sup>3</sup> da sociedade pelotense no período de 1830 a 1900, representados através da louça, desenvolveu-se uma metodologia fundamentada nos conceitos de cidade sítio e espaço urbano. Isso significa considerar cada um dos sítios não como uma unidade isolada, mas sim como uma parte da totalidade do espaço urbano que é construída através de processos dinâmicos, e que nos

---

<sup>2</sup> Segundo definição de Orser uma estrutura é “qualquer evidência de presença humana que não pode ser removida do sítio, mas que fornece informações abundantes sobre as atividades desenvolvidas no sítio”.

<sup>3</sup> Segundo PRAETZELLIS (apud SYMANSKI, 1998, p.22) comportamento de consumo é a participação de diferentes grupos sociais na expressão local de um sistema econômico nacional.

possibilita analisar as dimensões culturais, sociais e simbólicas da sua produção material.

Para a análise das evidências materiais tomamos como referência o quadro teórico da arqueologia processualista, no sentido de que estamos interessados em identificar os processos culturais responsáveis pela construção destas evidências. No entanto, a interpretação dos dados está referenciada na arqueologia pós-processual, já que nosso principal interesse é perceber os contextos simbólicos, históricos e sociais relacionados a estes processos culturais.

Por esse motivo trazemos da geografia urbana o conceito de espaço urbano que nos permite perceber a cidade como um conjunto de lugares inter-relacionados e, assim fazer arqueologia **da** cidade, como propõe Beatriz Thiesen (1999, p.11). Deste modo, passa-se a considerar o espaço urbano de Pelotas como um sítio, formado pela totalidade dos seus vários lugares (*loci*), ou seja, cada um dos *sítios* até então trabalhados passa a ser considerado, para efeito de análise, como um *locus* do sítio urbano Pelotas.

Nesta perspectiva, os conceitos, as hipóteses e a metodologia adotados para a análise de um *locus* deverão ser adotados para todos os demais, o que proporcionará uma visão muito mais ampla dos processos de criação e desenvolvimento histórico deste núcleo urbano.

Nesse sentido é possível tomar, por exemplo, a documentação do *locus* Casa 8 e, neste caso específico, o seu respectivo catálogo de faiança fina, não apenas como referência para análise do sítio, mas como um documento do próprio sítio, que pode ser ampliado e atualizado, incorporando-se dados na medida em que as análises do material dos outros *loci* vão sendo concluídas.

Entende-se que a incorporação de dados não deve ser feita de forma parcial, ou seja, os dados devem ser incluídos na sua totalidade, após o término da identificação e do inventário de todo o material de um *locus*. Essa recomendação é feita por motivos técnicos e operacionais, para que sejam respeitados os procedimentos do trabalho em laboratório.

A análise proposta por este trabalho é em parte um ensaio para a aplicação desta metodologia. Seguindo a orientação acima, decidiu-se não realizar uma atualização do catálogo, incorporando dados de outros *loci*, mas sim, apresentar uma seleção de peças representativas das categorias pretendidas para o estudo, com formatação direcionada para a análise proposta. Esta decisão deve-se ao fato

de que, excetuando-se a *Casa 8*, nenhum *locus* teve a totalidade de seu material identificada e inventariada.

É preciso ressaltar que esta metodologia foi adotada especificamente para este trabalho de análise, e que a interpretação de cada um dos sítios como um *locus* não acarretará alteração de denominação, ou seja, a denominação *locus* não será adotada na prática, mas apenas como expressão de um conceito. Assim, quando nos referirmos às unidades trabalhadas usaremos para elas o nome de registro adotado pelo LEPAARQ.

### **1.6. A Louça e suas possibilidades de análise**

Os materiais cerâmicos, nas suas diversas categorias, apresentam um enorme potencial interpretativo tanto em sítios arqueológicos pré-históricos quanto históricos, pois através deles podemos inferir sobre um maior número de questões, tais como hábitos de alimentação e higiene, sociabilidade, padrões econômicos, gênero, etc.

Nos sítios históricos os materiais cerâmicos são exumados geralmente em grande quantidade, o que os tem colocado em lugar de destaque no estudo dos arqueólogos. Dentre estes materiais cerâmicos a louça é o que apresenta o maior número de características passíveis de interpretação. Na bibliografia especializada, convencionou-se chamar de louça, dois materiais cerâmicos, a faiança e a faiança fina. No entanto, neste trabalho, estamos utilizando o termo louça para nos referir à faiança fina e ao *ironstone*.

As categorias cerâmicas correspondem aos estágios tecnológicos de produção e são definidas, basicamente, pela composição da pasta (produtos adicionados à argila), pelo cozimento (tipos de fornos e temperaturas) e pela decoração. Dentro das categorias cerâmicas a faiança fina é a que apresenta a maior diversidade de técnicas de produção, tanto com relação à pasta quanto aos processos de cozimento e decoração. Essa diversidade de técnicas de produção faz com que sejam criados diferentes sistemas de classificação, que na maioria das vezes divergem pela nomenclatura adotada ou pelas subcategorias criadas a partir das suas diferentes características.

Uma consideração importante a respeito da faiança fina relaciona-se com o seu uso como indicador cronológico de períodos de ocupação em sítios arqueológicos. Vale lembrar que vários outros fatores devem ser levados em consideração para a datação de um sítio e não apenas este. No entanto, a faiança fina tem sido muito utilizada para este fim por ser um dos materiais para o qual se tem a maior quantidade de informações históricas. A bibliografia e os documentos históricos (relatórios, inventários) nos fornecem dados sobre os períodos de fabricação dos diversos tipos de faiança fina ao redor do mundo, sobre as importações e exportações em diversos países assim como vários outros dados que podem ser utilizados para a análise e interpretação dos sítios.

Mas para que possa utilizar essas informações como indicadores cronológicos, ou melhor, para que esses indicadores cronológicos tragam contribuições mais precisas para a análise dos sítios, é preciso que façamos o cruzamento do maior número possível de variáveis. Por exemplo, sabemos que o padrão *shell edged* foi produzido no período de 1775 até o final do século dezanove; no entanto, se delimitarmos este padrão à presença de incisões ou relevo moldado, reduzimos esse período para até 1860. E, se ainda combinarmos a cor azul acinzentado a essas variáveis podemos reduzir o período para até 1820.

O *ironstone* é uma variedade de louça inglesa também conhecida como “louça de granito”, caracterizada por uma pasta branca irregular coberta por uma camada fina de esmalte translúcido muito brilhoso. Sua decoração assemelha-se muito à da faiança fina, porém o esmalte assemelha-se à porcelana.

A incorporação dessa categoria cerâmica na amostra está fundamentada em duas questões, de um lado a grande ocorrência desse material nos sítios estudados, e de outro por que, segundo Symanski (1998, p.186), “estas louças estavam numa posição de *status* comparável àquelas impressas na técnica do *transfer printing*”, e por isso servem, assim como a faiança fina, como indicadores cronológicos e possibilitam inferências a respeito de padrões sócio-econômicos e de mudanças de comportamento de consumo. Mas, mais do que auxiliar na datação de um sítio arqueológico, a louça pode ser utilizada como um excelente indicador de desenvolvimento urbano, ou, mais especificamente, de urbanização.

A louça, como um elemento material da cultura “se apresenta como uma fonte que, ao contrário dos registros escritos, não pode ser distorcida segundo os

interesses e valores das pessoas que a produziram” (SYMANSKI, 1998, p.15), e por isso evidencia aspectos que são reveladores de uma sociedade.

A adoção de um modo de vida urbano, passa necessariamente pela adoção de novos valores e comportamentos. Segundo Fernandes (1975 apud SYMANSKI, 1998) condições econômicas, sociais e políticas propiciaram, a partir da formação do Estado Nacional, que uma grande parcela de estancieiros e senhores rurais passassem a fazer parte do cenário econômico e político das cidades, ligados, na maioria dos casos, à corte ou aos governos provinciais. Esta nova condição exigia a adoção de comportamentos que reforçassem a sua distinção social. Assim, as camadas mais abastadas da sociedade se espelharam em modelos e padrões de comportamento das elites européias valorizando, sobretudo o requinte e a cultura intelectual.

A chegada da corte portuguesa ao Brasil e a abertura dos portos em 1808 possibilitou um maior intercâmbio entre brasileiros e portugueses, e foi a partir deste momento que, segundo Symanski (1998, p.34), “as elites brasileira começaram a emular as elites européias”. Esta emulação significou mudanças significativas no ambiente doméstico, com a incorporação de novas mobílias, ornamentos e utensílios, criando um mundo material totalmente diferente do período colonial e à semelhança da burguesia européia, propiciadas pela intensificação do contato da sociedade brasileira com a Europa e com uma infinidade de itens industrializados europeus.

No entanto, é de extrema importância a consideração feita por Symanski (1998, p.35) de que:

[...] da mesma forma que as elites brasileiras estavam, através do consumo, buscando criar um mundo semelhante ao da burguesia européia, elas também estavam sujeitas a serem emuladas pelos segmentos médios e baixos da sociedade, os quais começaram a ter acesso a uma razoável variedade de produtos industrializados.

O acesso das camadas médias e baixas da sociedade aos produtos industrializados está diretamente relacionado à Revolução Industrial que permitiu a produção em massa e em consequência a diminuição significativa dos preços de produtos que até então eram de consumo exclusivo das classes superiores.

A louça é um bom exemplo disso. Produzida de forma artesanal até meados do século XVIII, tinha um alto custo de produção, sendo acessível a uma pequena

parcela da sociedade. Porém, incluída no processo industrial, teve seu custo de produção reduzido e tornou-se um produto acessível a um número bem maior de consumidores.

Essas características da louça, associadas ao grande número de informações documentais sobre modos de produção, técnicas decorativas, períodos de fabricação, valor de mercado, etc., a tornam uma valiosa fonte de pesquisa.

## CAPÍTULO 2

### Processo de urbanização do Rio Grande do Sul e de Pelotas

O crescimento urbano é um processo espacial e demográfico e refere-se à importância crescente das cidades como locais de concentração da população numa economia ou sociedade particular. [...] A urbanização, por outro lado, é um processo social e não espacial que se refere às mudanças nas relações comportamentais e sociais que ocorrem na sociedade, como resultado de pessoas morando em cidades. Essencialmente, isso refere-se às mudanças complexas do estilo de vida, que decorrem do impacto das cidades sobre a sociedade. (CLARK apud ARRIADA, 1994)

Segundo Rhoden (1999, p.71), a construção da rede urbana do Brasil começou somente a partir de 1532, quando a coroa portuguesa implantou aqui o sistema de capitanias hereditárias. Durante todo o período colonial a fundação de vilas e cidades no Brasil passou por diferentes fases e esteve relacionada principalmente a momentos políticos e econômicos específicos.

No início do processo de colonização do Brasil, Portugal adotou o sistema de feitorias<sup>4</sup>, o qual era utilizado nas suas possessões orientais. Tal sistema, no entanto, mostrou-se improdutivo pelo fato de que o Brasil tinha características bastante diferentes das possessões orientais. Deste modo, Portugal optou por apenas explorar os recursos naturais da nova colônia, sem se preocupar com sua colonização.

Em 1532, com o objetivo de implantar um modelo de colonização baseado na produção agrícola, Portugal adotou no Brasil o sistema de capitanias hereditárias. Neste sistema a metrópole distribuía terras e “transferia aos donatários as responsabilidades militares, judiciárias e fazendárias além de os encargos de criarem uma rede urbana” (RHODEN, 1999, p.62). Este sistema sobreviveu economicamente com o plantio de algodão, cana e engenhos de açúcar, porém não cumpriu com dois objetivos fundamentais: a defesa do território, que era

---

<sup>4</sup> Entrepasto, em geral fortificado, que, na fase inicial da colonização dos domínios ultramarinos portugueses, negociava com os nativos e recolhia e armazenava os produtos que deviam ser transportados para a metrópole.

frequentemente ameaçado pelos inimigos ávidos pelas riquezas do Brasil, e o controle dos índios que viviam em constante revolta.

Como solução para este problema, Portugal adotou um governo-geral em 1548. Até este momento tinham sido criadas 8 vilas, todas em torno das capitânicas de Pernambuco e São Vicente, as únicas que prosperaram. A partir daí começou uma nova relação entre a metrópole e a colônia. Portugal passou a dominar e controlar a colônia e, para ampliar seu controle, começou a implantar uma rede de cidades, começando por Salvador. No entanto, segundo Rhoden (1999, p.65):

Na América portuguesa, [...] predominou uma sociedade rural, de sentido pragmático, visando povoar o território através da concessão de grandes extensões de terra para os poucos colonos que se habilitavam a viver na colônia. Neste contexto, a implantação de uma rede urbana, ainda que incipiente, visava muito mais atender às demandas conjunturais do que o estabelecimento de uma política de ocupação do território tendo como base a sua urbanização.

Durante todo o período colonial a criação de vilas e cidades atendeu a dois objetivos: povoar o território – o que garantia a posse - e, submeter a população à disciplina das leis da metrópole. Segundo Faoro (apud RHODEN, 1999, p.11), a existência das vilas servia para lembrar a autoridade da coroa.

A maior ou menor ocorrência de vilas durante este período foi determinada basicamente por fatores econômicos e políticos. Segundo Rhoden, um dos períodos de grande impulso urbanizador do Brasil foi entre 1581 e 1640, período em que Portugal esteve sob o domínio da Espanha (União Ibérica). No período seguinte, fatos importantes vieram concorrer para a demarcação definitiva dos limites entre Portugal e Espanha. Em 1680 Portugal funda a Colônia do Sacramento, às margens do rio da Prata, em território que, até então, pertencia à Espanha, conforme determinava o Tratado de Tordesilhas. Ao mesmo tempo Portugal começou a descer em direção à Santa Catarina e à região de Minas Gerais, onde mais tarde seriam descobertas as minas de ouro.

Após a descoberta do ouro em 1697, o Tratado de Tordesilhas, ainda vigente, mas já contestado<sup>5</sup>, deixa de ser efetivamente respeitado e Portugal passa a avançar sobre domínios da Espanha em direção às regiões de Goiás e Mato

---

<sup>5</sup> Em 1676 o Papa Inocêncio XI promulgou a bula *Romani Pontificis* que erigiu o bispado do Rio de Janeiro, dando-lhe como limites meridionais o Rio da Prata. Estava reconhecido implicitamente o direito de Portugal sobre a região platina (Rhoden, 1999).

Grosso, com o objetivo de ampliar o território colonial português (RHODEN, 1999), caracterizando uma tendência de interiorização do processo de urbanização.

É neste momento que a ocupação territorial do Rio Grande do Sul começou a ser pensada. Grande parte do território rio-grandense estava ocupada por rebanhos de gado xucro remanescentes das Missões jesuíticas. Abandonados na região após a destruição das Reduções (1640) proliferaram-se e passaram a despertar o interesse dos bandeirantes paulistas e de comerciantes lagunenses. Estes, durante longo período, se aventuraram em campanhas de aprisionamento deste gado, o qual era levado para ser vendido na feira de Sorocaba, em São Paulo. Conforme Arriada (1994, p.16), em mapa de 1737, já estavam assinalados alguns rincões e currais, que eram locais de retenção e aprisionamento do gado usados temporariamente pelos tropeiros. Este nova modalidade econômica caracterizou o “ciclo da preia do gado” que se estendeu durante todo século XVIII.

A decisão de povoar o extremo sul do país foi avaliada por Portugal até que, em 1737, diante do avanço dos castelhanos em direção à região da campanha<sup>6</sup>, a coroa portuguesa decidiu fundar o presídio<sup>7</sup> de Jesus, Maria e José, na atual cidade de Rio Grande. O presídio era uma espécie de acampamento militar e não propriamente uma vila nos moldes de tantas outras fundadas neste período. A fundação do presídio tinha basicamente três funções: impedir o avanço dos castelhanos, garantir a comercialização dos produtos derivados do gado e vigiar o contrabando do ouro brasileiro. Somente 10 anos mais tarde foi criada a Vila de Rio Grande de São Pedro.

Em 1760 o Rio Grande foi elevado à condição de Capitania, desvinculando-se de Santa Catarina e ficando subordinado ao Rio de Janeiro (PESAVENTO, 1980 apud GUTIERREZ, 2001, p.42)

A ocupação territorial do Rio Grande do Sul foi marcada, ao longo de todo o século XVIII, pela intensa luta entre espanhóis e portugueses, delineando peculiaridades que diferenciam esta região.

Em 1777 Espanha e Portugal assinaram o Tratado de Santo Ildefonso que tinha como objetivo encerrar as disputas entre as duas coroas pela posse da Colônia do Sacramento. Por este tratado, a Colônia do Sacramento e a região dos Sete

---

<sup>6</sup> Região geográfica do Rio Grande do Sul formada por planície ondulada em coxilhas, coberta por vegetação herbácea, onde predomina a pecuária, as estâncias de gado.

<sup>7</sup> A palavra presídio era usada para definir “praça de guerra” ou “tropa de guarnição encarregada de defesa”.

Povos das Missões foram incorporadas à coroa espanhola. O tratado também estabeleceu, como medida de segurança, a delimitação de uma faixa de terra que se estendia do Taim ao Chuí, chamada Campos Neutrais, a qual não pertenceria a nenhum dos dois países ibéricos.

Após a assinatura do tratado seguiu-se um período de paz, no qual foram criadas, nas regiões contíguas aos Campos Neutrais, “sete grandes sesmarias: Feitoria, Pelotas, Monte Bonito, Santa Bárbara, São Tomé, Pavão e Santana” (ARRIADA, 1994, p.26). Estas sete sesmarias originaram-se a partir do Rincão das Pelotas, concedido à Tomás Luís Osório em 1758. No entanto, esta região não estava totalmente desabitada, existindo notícias de que antes de 1763, Luiz Gonçalves Viana já estava estabelecido no lugar onde hoje está a cidade de Pelotas. Também neste período vieram da Colônia do Sacramento para esta região muitas famílias açorianas, que aqui se estabeleceram (MAGALHÃES, 1993, p.23)

Durante o final do século XVIII e início do XIX, a região das Pelotas foi sendo ocupada, suas terras divididas, vendidas e, muitas vezes, disputadas judicialmente. O crescimento urbano de Pelotas tem início neste período, na primeira década do século XIX, a partir de um pequeno povoado instalado às margens do Arroio Pelotas. Este crescimento urbano está diretamente ligado ao desenvolvimento econômico da região.

A economia da região até o final do século XVIII estava baseada na apropriação de imensos latifúndios, em decorrência da cessão de sesmarias pelo governo português, que permitia o arrebanhamento de grande quantidade de gado, que era a riqueza da época (ARRIADA, 1994, p.48).

No entanto, essas grandes propriedades, cujas sedes eram as estâncias, foram aos poucos evoluindo na sua organização sócio-econômica e incorporando outras atividades que na maioria das vezes eram de subsistência, como por exemplo, pequenas lavouras e o fabrico do charque. E foi o charque que acabou por se tornar uma fonte de grande riqueza. Do final do século XVIII até as duas primeiras décadas do século XIX, tem-se o fim do ciclo do preia do gado e o início do ciclo do charque.

O estabelecimento das charqueadas proporcionou uma grande mudança na organização das estâncias. Segundo Magalhães (1993, p.31) “a estância – até então mera ‘empresa de coleta e pilhagem do gado’ – transformou-se numa empresa de criação de gado, passou a ter verdadeira significação econômica”. A criação de gado

voltou-se ao abastecimento das charqueadas, e muitos charqueadores passaram a ser também estancieiros. O fabrico do charque era conhecido há muito tempo, desde a formação do Rio Grande do Sul, mas apenas de forma artesanal, para garantir a alimentação nos intervalos das carneadas, e para conservar a carne para ser transportada por longas distâncias. De acordo com Magalhães (1994, p.72), a fundação da primeira charqueada, ou seja, de uma unidade fabril produtora de charque, ocorreu em 1779<sup>8</sup> por José Pinto Martins.

Foi a partir daí que a produção industrial do charque se desenvolveu, tornando-se, em pouco tempo, a principal fonte de acumulação de capital na região. O desenvolvimento da indústria do charque proporcionou, além da acumulação de riquezas, o crescimento demográfico. Segundo Arriada (1994, p.58), até 1835 existiram 19 charqueadas ao longo do Arroio Pelotas e 4 ao longo do São Gonçalo.

Como resultado deste crescimento econômico e demográfico, já em 1812 as autoridades reais elevaram o povoado à condição de freguesia, oficialmente chamada de São Francisco de Paula, o que significava a fundação de uma paróquia e com isso a autonomia religiosa em relação a Rio Grande. A criação da Freguesia, porém, não esteve vinculada à existência de um núcleo urbano. Segundo Arriada (1994, p.87) o alvará de criação da Freguesia foi uma resposta aos apelos dos moradores da região que em 1809 solicitavam tal ação ao Príncipe Regente. O principal argumento usado para o pedido era que a população, para cumprir suas obrigações religiosas durante a Quaresma, precisava se deslocar até a Matriz de São Pedro, em Rio Grande, que distava várias léguas e tinha acesso difícil, passando pelo sangradouro da Mirim e por muitos pântanos. Considerando que a Quaresma coincidia com o período de maior atividade nas charqueadas, o deslocamento até a Matriz “causava grandes prejuízos ao comércio e habitantes” (MAGALHÃES, 1993, p.24).

Fundada a Freguesia, ficaram os moradores com a função de definir um local e construir a igreja. Era uma decisão importante, pois a partir da igreja iria se configurar o núcleo urbano, no seu entorno seriam erguidos os prédios administrativos, a praça e as residências, seguindo o modelo das vilas e cidades fundadas em todo Brasil. A discussão sobre esse importante assunto durou cerca de cinco meses. Os locais sugeridos, cada um deles defendido por um grupo de

---

<sup>8</sup> De acordo com Simões Lopes Neto (apud ARRIADA, 1994, p. 56) a fundação da charqueada de José Pinto Martins teria ocorrido em 1780.

moradores locais, eram: 1) a estância de D. Isabel Francisca da Silveira, no Laranjal; 2) a lomba onde hoje se situa o Asilo de Órfãos (Instituto Nossa Senhora da Conceição); 3) as terras do capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos (local da atual Catedral). Sem esperar por uma decisão, o capitão-mor, com o apoio do Padre Felício, começou, em fevereiro de 1813, a construção da Capela em terras de sua propriedade. Em dezembro de 1813 foi realizada uma procissão que levou uma imagem de São Francisco de Paula até a capela que acabara de ser construída.

Retirada a porção de terra necessária para a construção da igreja, do átrio e da casa do vigário, Antônio Francisco dos Anjos negociou o restante de suas terras em forma de lotes urbanos. A partir daí, se desenhou o núcleo urbano de Pelotas, que contou, a princípio com 19 ruas dispostas em um plano quadriculado (Fig. 1), (MAGALHÃES, 1993, p.27).

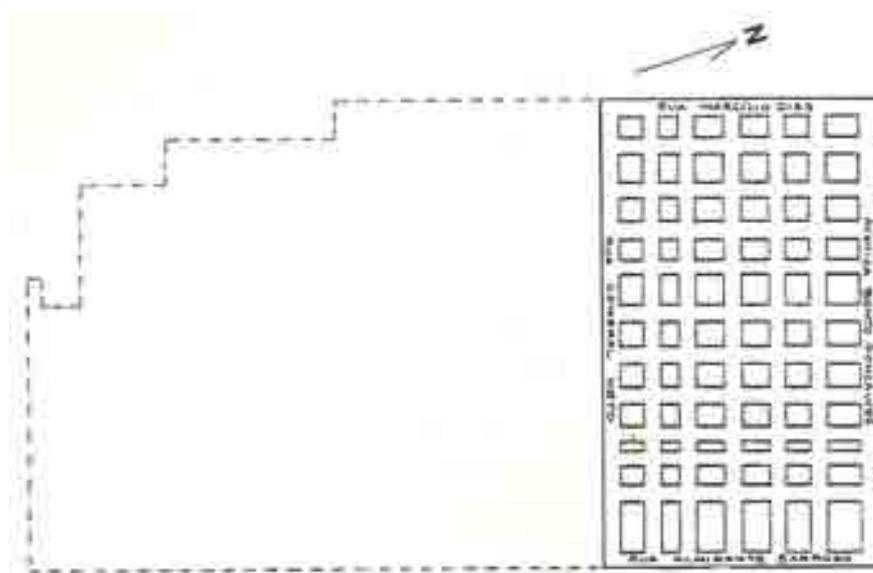


Figura 1 – Planta do centro urbano com a localização dos limites da Freguesia.

Fonte: MAGALHÃES, 1993, p.28

Em 1815, foi realizada a primeira medição judicial da área e foi então planejado e executado o assim chamado primeiro loteamento, sob responsabilidade de Maurício Inácio da Silveira (Fig. 2).

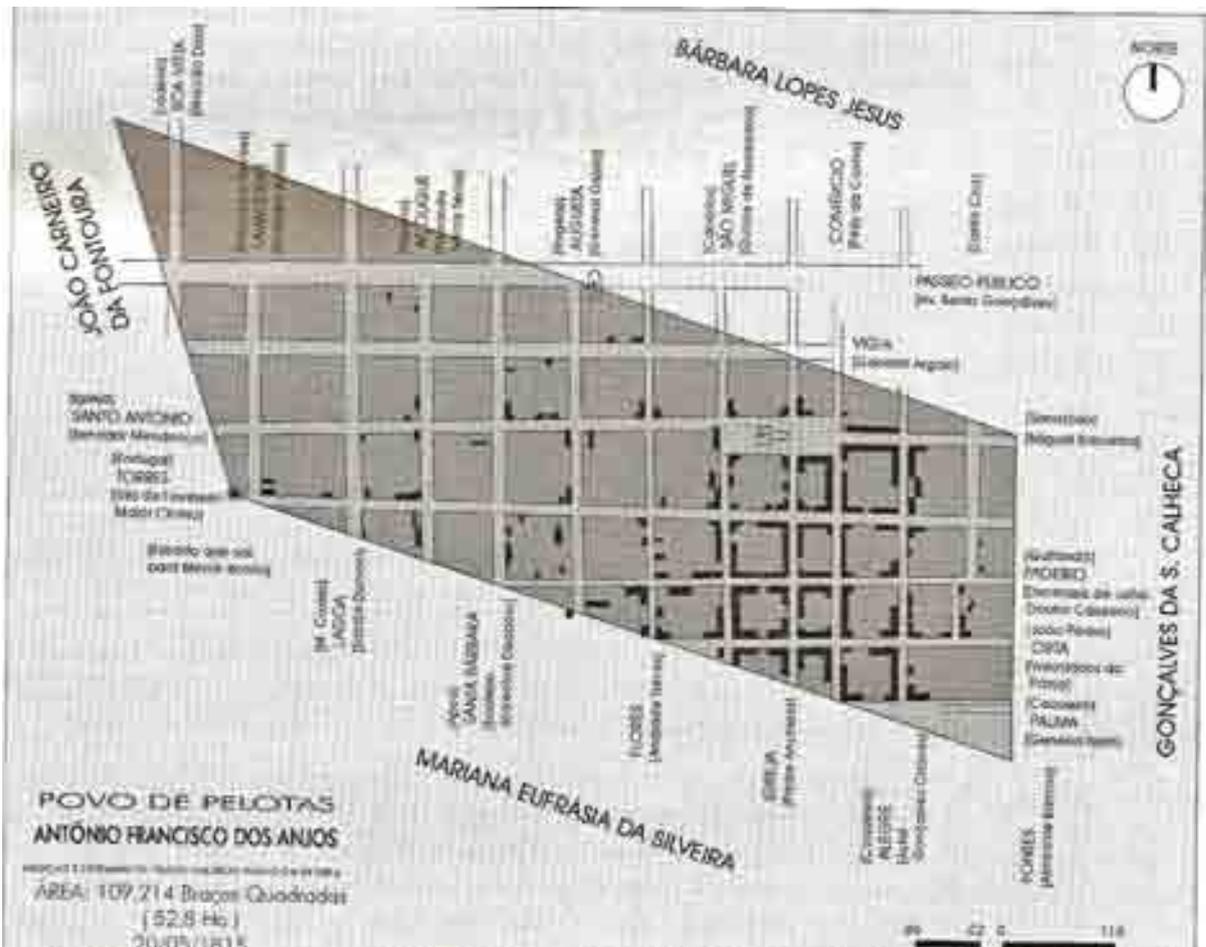


Figura 2 – Mapa do 1º loteamento. Fonte: GUTIERREZ, 2001, p.167.

Em virtude do crescimento econômico que as charqueadas trouxeram a Pelotas, a freguesia de São Francisco de Paula começou a apresentar demandas de um estilo de vida mais urbano, ao mesmo tempo em que adquiria mais influência no cenário da Província do Rio Grande de São Pedro. Em 1830, foi redigido o decreto imperial que elevava a localidade à condição de vila, consagrando sua autonomia administrativa em relação a Rio Grande. No entanto, a Vila de São Francisco de Paula foi estabelecida tão-somente em 7 de abril de 1832.

Com o crescimento demográfico e administrativo, tornou-se necessária uma readequação urbana. Procedeu-se então ao assim chamado segundo loteamento, planejado e executado em 1832, pelo engenheiro alemão Eduardo Kretschmar, que deu seqüência ao plano quadriculado. A expansão do núcleo foi realizada em terras de Mariana Eufrása da Silveira, que assim como Antônio dos Anjos, decidiu dispor de suas terras para loteamento, já que a povoação começava a se expandir em direção a elas.

Quinze novas ruas foram projetadas e incorporadas ao loteamento anterior. Para o novo loteamento foi previsto, ao centro, a praça da povoação, e, em seu entorno, a nova igreja, o quartel e o hospital. A igreja acabou permanecendo ao centro do primeiro loteamento, onde fora estabelecida em 1813; quartel e hospital acabaram não ocupando as áreas que lhes haviam sido previstas. A praça foi criada, com o nome de Praça da Regeneração, posteriormente chamando-se Praça Dom Pedro II. No limite setentrional da praça, foram erguidos, entre 1832 e 1833, o Theatro Sete de Abril, a Câmara Municipal e a Escola Pública; diante destes, foi colocado o pelourinho. No mapa de 1835 (Fig. 3), aparecem poucas edificações no seu entorno, entre as quais se destacam a *Casa da Banha* e a *Casa 2* (então residência do proeminente charqueador José Vieira Viana).



Figura 3 – Planta da cidade de Pelotas, 1835. Fonte: GUTIERREZ, 2001, p.169.

Com relação ao traçado urbano do novo núcleo que se formava, cabe ressaltar que ele foi planejado de acordo com as práticas urbanísticas portuguesas adotadas nos séculos XVII e XVIII. Uma das regras dos planos urbanísticos deste período era que a igreja estivesse no eixo central do núcleo, o que acabou por não acontecer, fazendo com que Pelotas seja “uma das poucas cidades antigas do Brasil em que a igreja e a praça principais ficaram localizadas a relativa distância” (MAGALHÃES, 1993, p.29).

Com muito menos experiência que a Espanha, no que diz respeito a práticas urbanísticas, Portugal adotou nos seus processos de colonização modelos mais pragmáticos e tradicionais, construindo cidades com arquitetura mais vernacular e menos monumental. A necessidade de proteção dos seus domínios fez com que Portugal se preocupasse em construir cidades fortificadas. Por conta disso, investiu na formação teórica de engenheiros e arquitetos, contratou profissionais de outros países, principalmente da Itália e abriu escolas de engenharia e urbanismo. Esta necessidade de garantir a soberania de seus domínios fez com que a maioria dos primeiros núcleos urbanos ultramarinos se desenvolvesse a partir de construções militares, como foi o caso da cidade de Rio Grande, que surgiu a partir do presídio Jesus, Maria e José, em meados do século XVIII.

Até meados do século XVII foi adotado, tanto na América como na África, o modelo português de cidade *composta*, “dividida em dois locais bem definidos e opostos: a alta residencial, antigo sítio de defesa e a baixa, centro de negócios e das trocas comerciais” (RHODEN, 1999, p.38). Assim foram os casos, por exemplo, de Salvador e Rio de Janeiro. Estes dois núcleos urbanos foram criados em capitanias pertencentes à coroa e já nasceram com o título de cidade. Nestes casos Portugal teve uma maior preocupação com os traçados urbanos, desenvolveu planos mais detalhados e enviou técnicos especializados para a sua execução.

Excetuando estes casos, Portugal não tinha até 1640 qualquer regulamento oficial que servisse de orientação para a fundação de cidades e vilas. Foi a partir de 1640 que a coroa portuguesa passou a definir com mais clareza um modelo de cidade, mais de acordo com sua política de centralização de poder. No entanto, essas ações só foram apresentar algum resultado no início do século XVIII quando, através das Cartas Régias, Portugal começou a dar instruções sobre a fundação de novas vilas.

Em 1750, com a assinatura do Tratado de Madri, Portugal incentivou a criação de vilas nas terras que estavam sendo demarcadas. Esta determinação tinha como objetivo marcar a presença portuguesa e os limites de suas fronteiras. A responsabilidade deste trabalho ficou a cargo de engenheiros militares, muitos dos quais, além de demarcarem as fronteiras, participaram do planejamento e da criação de novos núcleos urbanos principalmente nas regiões norte e sul do Brasil.

Segundo Rhoden,

[...] em Portugal, principalmente entre 1737 e 1777, produziu-se um modelo próprio de urbanismo que serviu de exemplo para suas colônias, entre as quais o Brasil, e que teve nos engenheiros militares portugueses seus principais agentes idealizadores. (1999, p.179)

Este modelo de urbanismo passou a ser adotado na colônia e, posteriormente também no Império. Na execução do segundo loteamento em Pelotas, em 1835, percebe-se a continuidade do plano quadriculado, ao estilo português, que segundo Rhoden, teve como exemplo no Rio Grande do Sul a vila de São José do Tebiquari (atual cidade de Taquari)

Taquari foi desenhada para servir de modelo de como era possível o governo "iluminado" português beneficiar seus cidadãos. Era a racionalidade, ortogonalidade e padronização a serviço da beleza da cidade e do bem-estar dos portugueses (1999, p.179).

A readequação urbana da freguesia e a sua elevação à condição de vila demonstram o crescimento demográfico ocorrido em um curto período. Em um intervalo de 15 anos a rede urbana de Pelotas estava esgotada e se fez necessária sua ampliação. Este crescimento populacional na área urbana estava intimamente relacionado ao desenvolvimento econômico das charqueadas. Segundo Magalhães, apesar de muitos charqueadores terem acumulado fortuna neste período [três últimas décadas do século XVIII até meados do XIX], foi somente por volta de 1830 que esse dinheiro resultou em desenvolvimento urbano para Pelotas.

A maioria dos charqueadores, estabelecidos no meio rural (sobretudo às margens do arroio Pelotas), tinham suas casas urbanas na vizinha Rio Grande, de cujo porto embarcavam o seu produto para o Brasil e para o exterior. Por volta de 1830 foi que começaram, os charqueadores, a construir em Pelotas os seus sobrados. A vila, instalada em 1832, principiou a se expandir na direção do sul, do Canal São Gonçalo. (MAGALHÃES, 1994, p.74)

Desde a elevação de Pelotas à condição de vila, com a instalação de órgãos administrativos, muitas medidas foram tomadas com o objetivo de organizar o novo núcleo urbano que se formava. Entre estas medidas estavam a demarcação do perímetro urbano, a cobrança da décima predial<sup>9</sup>, a demarcação dos locais para construção de obras públicas e os traçados de planos urbanísticos. Códigos de posturas foram adotados para disciplinar a vida municipal.

Conforme ata de sessão ordinária da Câmara Municipal de 12 de Abril de 1833 foi deliberado que:

Número segundo. A Câmara municipal da Vila de São Francisco de Paula, devendo providenciar, quanto possa, para o aformoseamento da Vila, afim de que os edifícios, que se construírem sejam alinhados permanentemente. Resolve, Artigo único. A Câmara nomeará um arquiteto, ou pessoa hábil, seja nacional ou estrangeiro, para, segundo o plano adotado, arruar, e nivelar os edifícios que se construírem nesta Vila. (apud ARRIADA, 1994, p.132)

Alguns viajantes que passaram por Pelotas nesta época registraram seu rápido crescimento e seu progresso. Arsene Isabelle, diplomata e naturalista francês radicado em Montevidéu, visitou a Vila em março de 1834, pouco antes da sua elevação à cidade e registrou sua impressão:

As ruas são retas, com calçadas largas, e vê-se facilmente que reina ali o mesmo espírito de emulação que em Rio Grande, pelo progresso da cidade nascente, a construção de edifícios notáveis e, em geral, por tudo aquilo que pode contribuir para embelezá-la, favorecer o comércio e atrair estrangeiros. Há um teatro muito bonito, realmente elegante e cômodo. Existia apenas uma tipografia, no ano passado, mas circulavam vários jornais políticos. A população já se elevava de sete a oito mil habitantes. (apud ARRIADA, 1994, p.134)

O inglês Nicolau Dreys, na obra *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro* nos dá a seguinte informação sobre Pelotas:

[...] existe a nova e populosa cidade de Pelotas: exemplo espantoso da rapidez com que marcha a população e se desenvolve a propriedade do

---

<sup>9</sup> "Décima Urbana" ou "Décima dos Rendimentos dos Prédios Urbanos". Este imposto, a princípio, era cobrado apenas no Município da Corte, o Rio de Janeiro, mas pouco depois foi estendido às "cidades, vilas e lugares notáveis situados à beira-mar. Em cada cidade ou vila "notável" havia uma Junta composta de: um Superintendente, dois "homens bons, um nobre e outro do povo", dois carpinteiros, um pedreiro e um fiscal, "que será advogado". As dúvidas seriam resolvidas pelo Superintendente, cabendo recurso ao Conselho da Fazenda. A Décima Urbana converteu-se, muito mais tarde, no Imposto Predial e Territorial Urbano, que subsiste até hoje. As Superintendências e as Juntas da Décima Urbana foram extintas pela Lei de 27/8/1830, que as substituiu pelos Coletores da Décima, origem direta das Coletorias de Rendas Gerais, depois Coletorias Federais, antecessoras de muitas das atuais Agências da Receita Federal.

novo mundo (...) assistindo, por assim dizer ao nascimento daquela cidade, e pouco mais de vinte anos bastaram para fazer, de uma aldeia insignificante, constando somente de uma modesta capela, rodeada de algumas casinhas baixas, numa vila suntuosa, composta de edifícios aparatosos, alguns ordenados de todo o luxo da Europa. [...] é difícil fazer-se uma idéia do ar de vida e de opulência que respira então a cidade de Pelotas. (apud ARRIADA, 1994, p.133-134)

Este rápido crescimento foi bruscamente interrompido pela Revolução Farroupilha<sup>10</sup> em 1835. Pelotas acabara de ser elevada à condição de cidade. Segundo Mario Osório Magalhães,

A revolução, motivada pelo desinteresse com que o governo central vinha tratando a Província, haveria de “sustar” o florescimento de Pelotas. A cidade praticamente parou – o que significa: deixou de progredir – durante os dez anos da guerra. Foi abandonada por cerca de três quartos de sua população, tendo a sua produção econômica declinado para mais de um sexto da produção média anterior (MAGALHÃES 1994, p.75)

Existem poucos registros oficiais sobre Pelotas para o período da guerra. Segundo Magalhães (1994, p.62), a mais importante fonte documental, as atas da Câmara Municipal, não existe, pois as funções da Câmara ficaram suspensas entre 1836 e 1844. Não existindo as atas como fonte de informação, restam os relatos de moradores, viajantes, e historiadores, produzidos em sua maioria após a revolução. Por estes relatos, sabe-se que a paralisação foi praticamente total e que a cidade foi disputada por liberais e imperiais, trocando de mãos várias vezes. As fábricas de charque foram abandonadas, causando grande queda nas exportações. O Theatro Sete de Abril recém construído foi transformado em quartel de infantaria. O comércio estagnou e a cidade ficou quase deserta.

Terminada a Revolução em 1845, Pelotas retomou seu crescimento. Nos anos que se seguiram, a Província de São Pedro do Rio Grande vivenciou um período de prosperidade econômica, com um grande destaque ao pólo industrial que se formou, no último quartel do séc. XIX, nas cidades de Pelotas e Rio Grande. No caso de Pelotas, a indústria saladeril foi a grande propulsora desse desenvolvimento econômico.

Magalhães (1993, p.65-67) aponta que a retomada do crescimento de Pelotas começou por volta de 1841, antes mesmo do fim da revolução Farroupilha. Testemunham esse processo alguns acontecimentos deste período como, por

---

<sup>10</sup> Movimento de revolta civil ocorrida entre 1835 e 1845 no Rio Grande do Sul

exemplo, o estabelecimento de uma fábrica de velas em 1841, cuja matéria prima era fornecida pelas charqueadas, e a inauguração, em 1843, do Hotel Aliança no centro da cidade.

Do início da década de 1840 até 1860, o centro urbano de Pelotas recebeu uma série de melhorias que demonstram sua recuperação econômica. Neste período vislumbrou-se: o início da construção do Mercado Público (1847)<sup>11</sup>; a instalação da iluminação a azeite; a construção da primeira ponte de pedra sobre o Santa Bárbara; a criação da primeira colônia agrícola (1848-1849); a fundação da Santa Casa de Misericórdia (1846)<sup>12</sup>; a fundação do hospital da Beneficência Portuguesa (1857)<sup>13</sup>; criação do cemitério da Santa Casa (1855), no Fragata (TOMASCHEWSKI, 2007).

Em 1853, moderniza-se o sistema de iluminação pública trocando o azeite pelo hidrogênio líquido. Em 1856 começa a funcionar a primeira graxeira a vapor caracterizando o avanço no processo de industrialização do charque. Em 1858 a cidade expande-se em direção ao norte, formando o Bairro da Luz e, a partir de 1870 forma-se o Bairro da Várzea. A cidade se encaminhava para o que a maioria dos historiadores considera o seu *auge econômico*, e por conseqüência também seu auge social, cultural e urbanístico.

Mas foi no plano urbanístico que se refletiu a riqueza do período. Os arredores da atual Praça Cel. Pedro Osório tornaram-se cenário da emulação das elites charqueadoras e estancieiras, que procuraram edificar, junto à praça ou nas ruas circunvizinhas, palacetes cujas fachadas espetacularizavam o status social e cultural que desejavam ostentar (PEIXOTO & CERQUEIRA, 2007)

---

<sup>11</sup> Construção finalizada em 1853.

<sup>12</sup> A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas foi constituída em 1846. O prédio ocupa todo um quarteirão e foi construído em partes. O bloco mais antigo, atribuído a José Vieira Pimenta (1861), apresenta grande regularidade e simplicidade em seus dois pisos. A Capela São João Batista contrasta com o corpo do hospital. Foi finalizada por José Izella Merotte em 1884. O edifício é o resultado de um processo permanente de construções, ampliações e demolições. Em 1915, foi construída a ala da rua Professor Araújo. Em 1921, o Pavilhão dos Tuberculosos e, em 1932, Caetano Casaretto veio complementar a parte do conjunto voltada para a Praça Piratinino de Almeida, onde procurou integrar todas as edificações. Disponível em: <[http://www.turismo.pelotasvip.com.br/arquivos/santa\\_casa\\_de\\_misericordia.htm](http://www.turismo.pelotasvip.com.br/arquivos/santa_casa_de_misericordia.htm)>. Acesso em: jun. 2009.

<sup>13</sup> O Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência foi inaugurado em 16 de Setembro de 1857, por Francisco José Ribeiro, naquela época vice-cônsul português. Foi filial da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, até ser desligada desta em 1858. No dia 14 de Julho de 1861 foi inaugurado o novo hospital, compreendendo também uma capela provisória, para a qual foi nesse dia translada a imagem de São Pedro, e suas alfaias e paramentos, vindos de Portugal. Disponível em: <[http://www.pelotas.com.br/politica\\_desenv\\_economico/ste/atracoes\\_turisticas/pelotas\\_cultural\\_beneficencia\\_portuguesa.htm](http://www.pelotas.com.br/politica_desenv_economico/ste/atracoes_turisticas/pelotas_cultural_beneficencia_portuguesa.htm)>. Acesso em: jun. 2009.

Segundo Magalhães (1993, p.98) já havia em Pelotas, antes de 1860, algumas belas casas, mas foi a partir da década de 60 daquele século que surgiram as construções mais ricas, caracterizadas por um estilo arquitetônico próprio que mistura o neo-renascentista com detalhes do barroco e adaptações locais. Heloisa Assumpção Nascimento (1989, p.81) explica que o estilo importado da Europa foi aqui adaptado, recebendo “recursos de construção típica local, tais como janelas de guilhotina e caixilhos da região”.

Em virtude da pujança econômica desse período, a cidade de Pelotas ainda hoje apresenta um conjunto arquitetônico muito representativo, oriundo do final do século XIX e início do século XX, de estilo predominantemente neoclássico. Numa adaptação de estilos europeus em voga, produziu-se um estilo eclético caracterizado por adaptações e releituras dos modelos originais (SANTOS, 2002, p.3).

Os padrões arquitetônicos de Pelotas foram influenciados pela Academia Imperial de Belas Artes, averiguando-se, no período compreendido entre 1870 e 1900, um predomínio de construções de inúmeros palacetes por charqueadores, estancieiros e comerciantes, decaindo essa tendência nas primeiras décadas do século XX.

A Praça Cel. Pedro Osório, delimitada pelas ruas Lobo da Costa, a Sul, Félix da Cunha, a Leste, XV de Novembro, a Oeste, e pela transição da Princesa Isabel para a Floriano Peixoto, a Norte, permaneceu cercada por um alambrado até 1870. No seu interior havia uma “lagoa de águas paradas” (MAGALHÃES, 1993, p.100) tornado-a intransitável. Sua efetiva urbanização ocorreu somente nos anos 70, quando suas águas foram drenadas e seu interior foi ajardinado e arborizado.

Em 3 de maio de 1871, Hygino Corrêa Durão assinou contrato para o encanamento da água de Pelotas. Cabia a Hygino Durão canalizar em tubos de ferro betuminados o arroio Moreira, confluyente do arroio Fragata, prolongando o encanamento desde o ponto denominado Cachoeira, situado na chácara de dona Arminda da Cunha, até o interior da cidade de Pelotas. Também se comprometia a construir uma represa e os tanques de depósito necessários, com capacidade para conterem três mil metros cúbicos d'água (ESSINGER & GUTIERREZ, 2001). Na área urbana, o contrato que Hygino Durão assinou estabelecia o assentamento da canalização d'água nas ruas mais povoadas da cidade, as quais se situavam entre a praça D. Pedro II (atual Praça Cel. Pedro Osório) e o largo da Igreja (BPP, v.275). Hygino Corrêa Durão foi, então, responsável pela construção de uma caixa d'água e

quatro chafarizes. Na Praça Coronel Pedro Osório, em 25 de junho de 1873, foi colocado o primeiro chafariz, conhecido hoje como Fonte das Nereidas. Os demais foram situados em outras praças da cidade.

Entre os finais da década de 70 e inícios da década de 80, o entorno da praça tornou-se um verdadeiro canteiro de obras, recebendo as edificações da atual Prefeitura Municipal<sup>14</sup>, Biblioteca Pública, Casa 8, Casa 6, reformas da Casa 2 e do Theatro Sete de Abril. O espaço urbano delimitado pela praça coronel Pedro Osório se “consolidou como um espaço nobre e comercial da cidade, dentro do período em foco. Nele foram erguidas as principais edificações arquitetônicas e hoje ainda conserva um número bastante representativo de construções da época” (SANTOS, 2002, p.7). Neste período a população de Pelotas passou de 9.055 moradores em 1858, para 41.591 em 1890

De acordo com Soares (2001), a preocupação com o saneamento e a higienização da cidade já estava presente durante o segundo quartel do século XIX, mas se desenvolveu mais intensamente a partir de 1900.

Em 1878, foram aprovados os artigos das posturas municipais que proibiam verter matérias fecais e águas residuais nas ruas, praças e pátios, ou em lugares não designados para tal fim. Outro marco importante da atuação higienista na cidade foi a instituição de inspeções das condições de salubridade das casas. Em janeiro de 1881, começaram a ocorrer as chamadas visitas higiênicas a domicílios particulares e casas de negócios. Em 1887, o Engenheiro Civil da Escola de Pontes e Caminhos de Paris, Gregório Hoyuwn, apresentou o primeiro Plano de Saneamento da Cidade de Pelotas ao Conselho Municipal, [...] [para combater as doenças] “os miasmas das regiones palustres”. (SOARES, 2001, p.74-77)

Neste momento percebem-se as mudanças nas relações comportamentais e sociais que ocorrem na sociedade, mudanças complexas do estilo de vida, que decorrem do impacto das cidades sobre a sociedade e que David Clark aponta como características de urbanização (apud ARRIADA, 1994, p.12).

No último quartel do século XIX, impulsionado pelo grande progresso da indústria charqueadora, desenvolveu-se em Pelotas um forte movimento de urbanização e europeização urbana. Grande parte da riqueza acumulada pelos estancieiros e charqueadores começou a ser investida na modernização da cidade,

---

<sup>14</sup> O prédio foi inaugurado no ano de 1881, para ser a sede da Câmara Municipal de Pelotas. Em 1879, Leopoldo Antunes Maciel, como presidente da Câmara Municipal assinou contrato com o construtor Carlos Zanotta para a construção do edifício. Segundo alguns, o projeto é de autoria de José Izella Merotte. Disponível em: <<http://www.turismo.pelotasvip.com.br/>>. Acesso em: abr. 2009.

da paisagem urbana, sob forte influência das idéias vindas da França e Inglaterra. Praças foram remodeladas, teatros foram construídos, clubes sociais foram fundados.

Magalhães (1993, p.136) atribui toda essa efervescência não só à grande riqueza dos charqueadores, mas também à possibilidade que grande parte da sociedade da época tinha de desfrutar do lazer. O grande período de entressafra das charqueadas permitia que a classe charqueadora se dedicasse a atividades sociais e culturais, o que estimulava a criação de novas atividades na cidade.

Em 1871 Michel Mulhall já dava notícias sobre duas áreas de lazer nos arredores da cidade: os parques públicos do Fragata e a Cascata, que já era famosa pelos seus piqueniques (MAGALHÃES, 1993, p.139). As festas eram freqüentes, tanto religiosas como pagãs, porém as primeiras eram em maior numero. É de 1882 a notícia de um “esplêndido” baile de carnaval oferecido por Brutus de Almeida (filho de Domingos José de Almeida) em sua casa, que se estendeu até a madrugada, imensamente animado (MAGALHÃES, 1993, p.144).

Havia banquetes, saraus e bailes. Os homens freqüentavam o clube Comercial – fundado em 1881 – as mulheres iam à igreja, ao teatro e aos saraus realizados na Biblioteca Pública ou em casas de família. Os jovens banhavam-se no Santa Bárbara, faziam aulas de equitação no Jockey e regatas no Clube de Regatas Pelotense, fundado em 1875. A diversidade de atividades de lazer e culturais impressiona. Segundo Magalhães (1993, p.155), houve, por volta de 1885, “dois “rinks” de patinação: o Americano, na Rua Quinze, e o da Praça, defronte ao teatro”.

A lista de clubes, sociedades recreativas, parques, salões de baile e bandas musicais é extensa e reflete a efervescência cultural da cidade no segundo quartel do século XIX. Neste sentido, a Biblioteca Pública muito contribuiu. Conforme Júlio César Pires de Jesus (2002), fundada em 1875<sup>15</sup> pela iniciativa privada como uma instituição filantrópica, a Biblioteca foi palco das mais variadas atividades culturais, cedendo ou alugando seus salões para bailes, conferências, reuniões de clubes abolicionistas e republicanos, aulas noturnas para as classes populares, saraus, exposições de arte, conferências e apresentações musicais.

---

<sup>15</sup> Entre 1876 e 1881 a Biblioteca funcionou em prédio cedido por João Simões Lopes, então Barão da Graça, na rua General Neto esquina Anchieta. A construção do prédio definitivo começou em 1877, sendo que o primeiro salão só foi concluído em 1881.

Neste período, como se vê, teve grande importância o setor artístico musical. Conforme Maria Augusta Martiarena de Oliveira (2002, p.10), “nas charqueadas também se fazia música. Eram realizados concertos onde se usavam plumas e máscaras, em trajes carnavalescos”. A partir de 1827, a autora aponta um grande desenvolvimento da arte musical em Pelotas, demonstrado pelo surgimento de orquestras, estudantinas e bandas. Mas foi no último quartel do século XIX que se registrou o maior número destas entidades: Orquestra Ocarinista Pelotense (1878); Club Beethoven (1892); Sociedade Musical União Democrata (1896); Sociedade Musica Santa Cecília; União Musical; Sociedade Coral Pelotense (1884), entre muitas outras.

Também o comércio desenvolveu-se muito e foi observado e elogiado por visitantes que aqui passaram. Magalhães (1993, p.93) transcreve anotações de Herbert Smith, que em 1882, admirou-se com os armazéns que, segundo ele, “fariam honra ao Rio de Janeiro”.

As lojas, pelo que lê, estavam localizadas na Rua do Comércio e na Rua São Miguel (atuais Felix da Cunha e Quinze de Novembro), “ostentando esplendor deslumbrante, que iguala, não digo já o da Rua do Ouro, em Lisboa, mas até o da ‘Strada degli Orefici’, de Gênova”. (MAGALHÃES, 1993, p.89).

Os ricos charqueadores diversificavam suas atividades e investiam em curtumes, fábricas de cola, de sabão, de velas, em olarias, na comercialização de madeiras, companhias de navegação, de seguros, loteamentos, etc.

A exportação do charque, feito através dos navios, proporcionava que, através de agentes comerciais, tanto charqueadores como comerciantes, trouxessem para Pelotas, no retorno dos navios, diversos produtos de outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro e também do exterior. Deste modo, Pelotas recebia com frequência mantimentos, móveis, louças, quadros, modas, livros, figurinos e magazines. Estes produtos eram consumidos pela sociedade pelotense e também revendidos pelos mascates e caixeiros por todo o sul da província.

Para este quadro de desenvolvimento, contribuíram muito os imigrantes de diversas origens que chegaram à Pelotas desde o início de sua formação. Franceses, alemães, italianos, libaneses, espanhóis, portugueses e uruguaios (chamados de orientais), marcaram forte presença em diversas áreas, muitos deles

sendo responsáveis pelo desenvolvimento do setor de serviços e trabalhos técnicos especializados como arquitetos e artesãos responsáveis pela confecção de escaiolas, estuques e outros ornatos, farmacêuticos, fotógrafos, professores, músicos, pintores, escultores, oculistas, odontólogos, etc. Já em 1827, Carl Seidler comenta sobre o contingente de europeus em Pelotas, relacionando a estes o gosto pela vida social desenvolvida, certamente, por influência do seu dinheiro e de sua cultura (MAGALHÃES, 1993, p. 139).

A demanda por serviços de imigrantes europeus aumentava à medida que a cidade crescia com o avanço da economia charqueadora, sem dispor ainda de profissionais suficientes qualificados para o exercício de vários ofícios. Cerqueira e Cézar (1994, p.36) ressaltam que:

[...] estes imigrantes aparecem no contexto urbano, ora como comerciantes, que contribuem para a divulgação de hábitos urbanos europeus, ora como agentes culturais, que, para manterem sua identidade cultural, criavam associações que contribuíam à divulgação nas cidades e províncias de valores e práticas culturais urbanas

A economia charqueadora foi responsável também pela instalação de colônias rurais de imigrantes europeus, aos moldes do que vinha sendo feito no nordeste do Estado, desde a criação da colônia alemã em São Leopoldo em 1824. A instalação destas colônias foi um fator de extrema importância para o desenvolvimento da região sob o ponto de vista étnico, cultural, econômico e fundiário.

Os charqueadores pelotenses que exploravam a região da serra dos tapes com a extração da madeira e a formação de pequenas lavouras, passaram, a partir da diminuição da mão-de-obra escrava em 1850, a se dedicar a outra atividade que se mostrou bem mais lucrativa, a formação de colônias de imigrantes, possibilitada pela Lei Provincial nº 304, que permitia a venda de lotes de terra aos imigrantes. Conforme Grando (apud ANJOS, 1995, p.12):

Toda a Serra [dos Tapes] foi dividida em pequenas propriedades, as picadas multiplicavam-se e nelas o movimento crescia. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente da Europa. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo, na sua maioria, alemães. Mas afluíram para lá também espanhóis, austríacos, franceses e italianos, muitas vezes vindos mesmo de outras províncias. De caráter espontâneo, essa imigração era atraída pelos organizadores das colônias, que, com ela, auferiram grandes lucros.

Em Pelotas, segundo Marcos Hallal dos Anjos (2000, p.67), a colonização da região serrana teve um caráter bastante especial, porque foi realizada quase que exclusivamente por capitais particulares e de forma intensa.

De certa forma, a introdução das colônias de imigrantes na região resulta na criação de uma nova unidade produtiva: o minifúndio baseado na policultura, sobretudo na horticultura, inicialmente planejado para suprir a alimentação das cidades que cresciam no final do século XIX. Essa economia de minifúndios, chamada *economia colonial*, gerou nestas áreas alguns períodos de fortalecimento econômico, a partir de atividades geradas pelo desenvolvimento destes núcleos coloniais, tais como a produção artesanal do vinho e de doces e a produção industrial do pêssego em conservas (a partir da segunda metade do século XIX) (BETEMPS, 2003).

Com o final do regime escravista em 1888, a economia charqueadora entrou em processo de declínio. Até este momento, a produção do charque estava baseada na mão-de-obra escrava e, além disso, grande parte da produção era destinada ao consumo da população escrava das plantações de cana de açúcar e café do centro do país. Ao que tudo indica, a indústria saladeril de Pelotas teve dificuldades em se adaptar a essa nova realidade, que era dificultada pela concorrência com o charque argentino que tinha taxas de exportação mais baixas e acesso mais fácil aos portos.

Em 1893 a produção de charque foi praticamente suspensa por causa da Revolução Federalista<sup>16</sup> que inviabilizou o comércio do gado. Em 1917 a crise da economia charqueadora se acentuou com a instalação do Frigorífico Riograndense em Pelotas, criado com capital dos pecuaristas.

Os frigoríficos geraram demanda para a atividade pecuária baseada na criação do gado, mas não tiveram a capacidade da indústria charqueadora em termos de circulação de riquezas e acumulação de capital regional.

No entanto, a consistência do desenvolvimento econômico gerado pela atividade saladeril tornou Pelotas uma cidade atraente para investidores e imigrantes. Desse modo, num primeiro momento, estabelecem-se fábricas a partir do seqüenciamento da rede produtiva baseada no gado (produção industrial de sebo, velas e cal); num segundo momento, porém, Pelotas vê surgirem indústrias independentes do complexo saladeril, como as fábricas de cerveja e as tecelagens.

---

<sup>16</sup> Guerra civil travada entre os partidos Federalista e Republicano Rio-grandense, ocorrida no sul do Brasil entre de fevereiro de 1893 a agosto de 1895.

Os investimentos de capital em atividades desvinculadas do ciclo do charque, como as cervejarias e tecelagens, resultaram em grande parte da aplicação de capitais por parte de empreendedores estranhos ao núcleo luso-brasileiro da elite charqueadora, como é o caso dos imigrantes alemães Rheingantz (na vizinha cidade portuária de Rio Grande), Ritter e Haertel (em Pelotas), com empreendimentos na fabricação de cerveja e tecidos (CERQUEIRA et al, 2004).

Já em 1876, Carlos Ritter, filho de imigrantes alemães, fundou a *Cervejaria Ritter*, que era uma das maiores cervejarias do Brasil, produzindo, na virada do século, 4.5 milhões de garrafas por ano, tendo obtido prêmios internacionais, cuja qualidade era garantida pela importação de equipamentos e técnicos alemães. Em 1889, Leopold Haertel, descendente de alemães nascido em Porto Alegre, estabelece em Pelotas a *Cervejaria Rio-grandense*, contando com a sociedade de Carlos Ritter. Em 1911, o pólo cervejeiro pelotense alcança a produção anual de 6 milhões de garrafas, além de gelo e gasosas, chegando a empregar 250 operários. Em 1881, Cordero e Wiener instalaram a *Fábrica de Chapéus*, adquirida em 1891 por Frederico e Carlos Rheingantz. Em 1895, Julio Hadler e Arthur Lange criaram importante fábrica de curtumes (PEIXOTO & CERQUEIRA, 2007).

Este pólo industrial estabelecido ainda no final do século XIX sobreviveu até meados do século XX. Segundo Moura & Schlee (2002, p.25), desde as primeiras décadas do século XX “a condição que havia colocado Pelotas na liderança econômica do Estado – a localização privilegiada junto a cursos d’água – passou a ser um entrave”. O transporte por água perdeu importância em relação ao ferroviário e acabou por deixar Pelotas muito distante dos centros produtores de matéria prima. Este fator, aliado a conjuntura política da época, acarretou grande prejuízo ao município com o fechamento de indústrias, o que conseqüentemente abalou a economia da região, contribuindo para que o eixo produtivo do estado se deslocasse para a região norte.

Esse deslocamento do eixo produtivo gerou um processo de retração econômica na região sul, o que resultou em uma relativa parada do tempo em alguns aspectos da paisagem urbana deste município. As novas atividades que se desenvolveram no município a partir das primeiras décadas do século XX, como a orizicultura, a indústria laneira e a indústria doceira, imprimiram uma nova forma de circulação e distribuição de riquezas que de alguma forma estimulou um estilo de vida menos urbano, desacelerando o processo de urbanização da cidade.

Deste modo, grandes áreas urbanas ocupadas no século XIX, que apresentavam um rico desenvolvimento, permanecem sem alterações substanciais. Em vista disso, a pesquisa arqueológica encontra um enorme potencial de trabalho, possibilitando um novo olhar sobre o passado, o espaço e suas edificações, trazendo à luz os comportamentos e usos esquecidos nos subterrâneos da cidade, a partir do estudo da cultura material resgatada nas praças e nos pátios e porões dos casarões da sociedade charqueadora e setores médios urbanos. Dessa forma, a arqueologia contribui para a construção de um novo imaginário desses lugares, e também novas relações dos cidadãos pelotenses com seu patrimônio (CERQUEIRA et al, 2004).

## **CAPÍTULO 3**

### **A área urbana central de Pelotas do ponto de vista histórico e arqueológico**

A contextualização histórica da área urbana central de Pelotas tem como objetivo, identificar os grupos que participaram do seu processo de formação e desenvolvimento. Por outro lado, a contextualização arqueológica visa mapear a representatividade desses grupos sociais no processo de formação do estrado arqueológico.

#### **3.3 Contextualização histórica**

Este trabalho tem como foco principal a área urbana central da cidade, compreendida pela Praça Coronel Pedro Osório e seu entorno (Fig. 4). Esta área está diretamente relacionada à formação e ao desenvolvimento do núcleo urbano, e reflete o período de apogeu econômico vivido pela sociedade charqueadora pelotense no século XIX, o que se expressa na imponência de suas edificações.

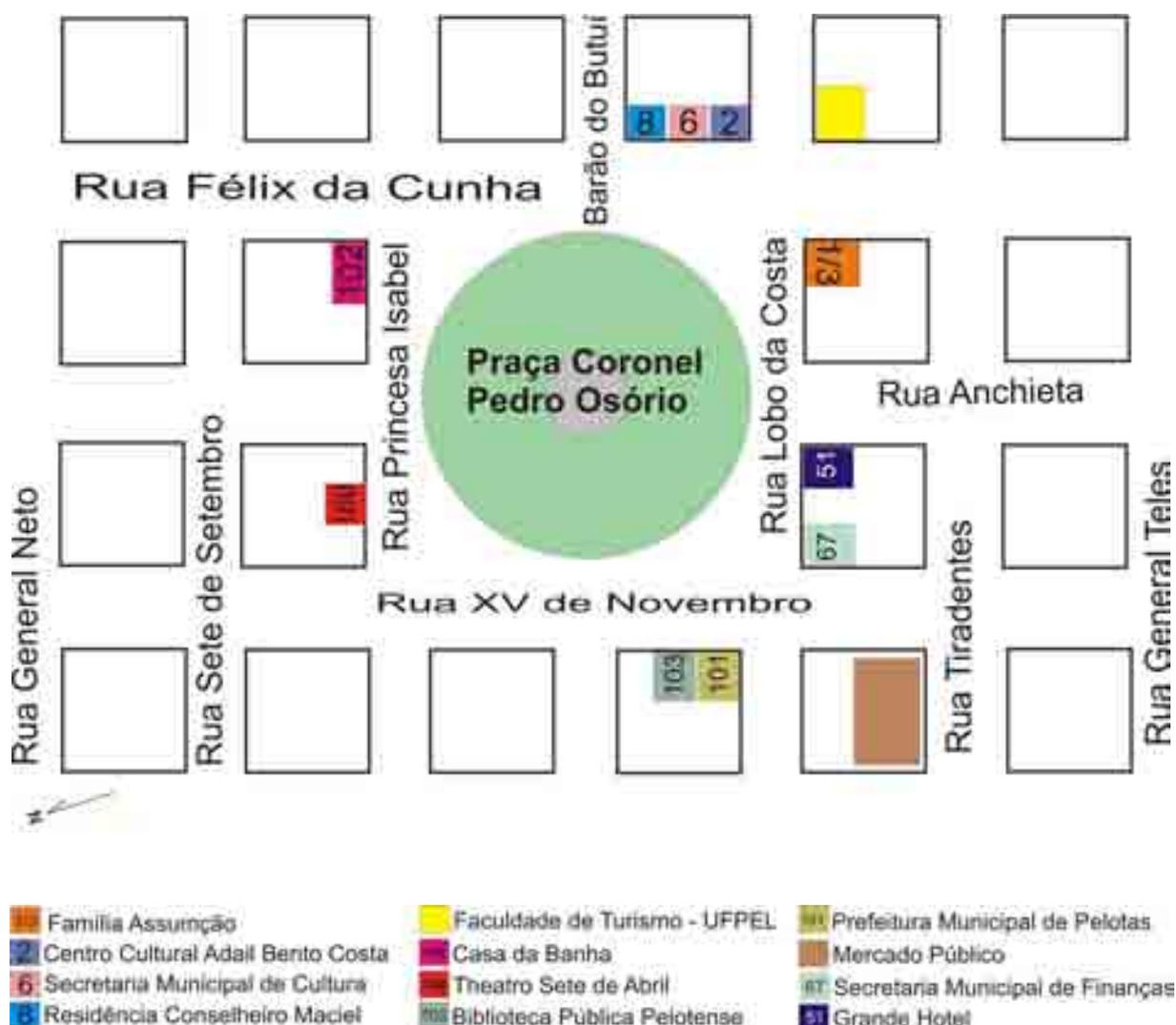


Figura 4 – Quadro de localização dos principais prédios históricos do entorno da Praça Coronel Pedro Osório. Fonte: Autora, 2009.

A Praça Cel. Pedro Osório localiza-se no ponto central da cidade e converge em seu entorno a história da formação urbana do município. O espaço reservado para ser a praça central foi inicialmente denominado de Campo, depois Praça Regeneração e Dom Pedro II e, novamente da Regeneração. Durante a República mudou o nome para Praça da República e finalmente Coronel Pedro Osório.

Ainda na década de 1830 recebeu em seu centro (onde hoje é o chafariz) um pelourinho, marco do poder de repressão do Estado imperial escravocrata e símbolo da autonomia administrativa municipal. Contudo, o local caracterizava-se por permanecer uma grande várzea alagadiça, onde era praticamente impossível transitar.

Também datam da década de 1830 notícias de casas edificadas no entorno da praça (por exemplo, a Casa 2 e a Casa da Banha, ainda preservadas e que há pouco passaram por reformas). Foi apenas a partir da década de 70 do século XIX que o local recebeu os devidos melhoramentos, uma vez que foi apenas neste momento que começaram a ser edificados os palacetes dos charqueadores em seu entorno (exceção feita à casa de Joaquim Vieira Viana, edificada em 1830).

Observa-se que o local reservado para ser uma praça não apresentava as condições para ser um espaço de lazer e sociabilidade – por no mínimo 40 anos se manteve um terreno baldio, alagadiço e intransitável. Isso, somado à falta de saneamento e de serviço de limpeza urbana, fez do local alvo constante do despejo de dejetos.

De acordo com a pesquisa realizada por Débora de Paula (2005), em periódicos pelotenses datados de 1861 a 1889, foi apenas “na segunda metade do ano de 1887, que a Câmara irá chamar os concorrentes para realizar os aterros e reconstrução do lajeado e calçamento do centro da praça.”. Com o aterramento, todo o lixo que havia no local foi “selado”, preservando os resquícios dos hábitos de consumo do período.



Figura 5 – Vista panorâmica da Praça Coronel Pedro Osório.  
Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

A Casa 8 é também chamada de Residência Conselheiro Francisco Antunes Maciel e está localizada na Praça Cel. Pedro Osório nº 8. Construída em 1878 para servir de residência ao Conselheiro Francisco Antunes Maciel, tem arquitetura característica dos sobrados de tradição clássica construídos a partir da década de 1870. O projeto da residência é atribuído a José Izella Merote, autor da Capela da Santa Casa, da Biblioteca Pública e do Palacete Braga (Clube Comercial). Este arquiteto é considerado um dos grandes nomes no movimento de “abandono dos modelos formais e plásticos da arquitetura colonial portuguesa e a sua substituição por outros, baseados na arquitetura de tradição clássica, com forte influência da renascença italiana.” (MOURA & SCHLEE, 2002, p.76)

Uma das características destes sobrados é a existência de porões, os quais, do ponto de vista arqueológico, contribuem para a preservação, sob o solo, do contexto precedente. Os porões da Casa 8 possuem entrada lateral, são todos altos e interligados propositadamente, possibilitando primeiramente diminuir a umidade da área de habitação, beneficiando a conservação estrutural da casa. Sobretudo os porões mais próximos do pátio interno (porção oriental da casa), com um pé direito mais elevado e apresentando registros estruturais de utilização (piso de tijolos, colunas, escada de acesso), devem ter sido usados como setor de serviços, inicialmente pela escravaria e, posteriormente, pelos trabalhadores assalariados. Em épocas mais recentes, os porões serviram de depósito de objetos fora de uso.

Na primeira metade do séc. XX, a casa continuou a ser habitada por descendentes do Conselheiro Maciel. Entre 1955 e 1973, a Casa 8 foi utilizada como Quartel General do 9º Regimento de Infantaria, passando posteriormente a ser ocupado por órgãos da Prefeitura Municipal de Pelotas, o que acelerou seu processo de deterioração, agravado pelo subsequente abandono. Em 2001, ocorreu a intervenção do Ministério Público Federal, exigindo procedimentos de restauração da casa por parte do IPHAN<sup>17</sup>, prevendo recuperação estrutural de telhados e fundações. Em 2002, a casa foi incluída no Programa BID/Monumenta<sup>18</sup>, tendo recebido tratamento de consolidação e restauração dos estuques que decoram o forro. No mesmo ano, por solicitação do IPHAN e da Secretaria Municipal de Cultura, o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade

---

<sup>17</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>18</sup> Programa do Governo Federal com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento que visa a restauração de centros históricos no Brasil.

Federal de Pelotas – LEPAARQ/UFPel – iniciou as pesquisas arqueológicas no local.



Figura 6 - Vista frontal e lateral da Residência Francisco Antunes Maciel.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas. Secretaria Municipal de Cultura.

A Casa 2, situada na Praça Cel. Pedro Osório nº 02, foi construída por José Vieira Viana, proprietário de charqueada com olaria e fábrica de sabão, que participou em sociedade com José Gonçalves Chaves e Marques Canarim da construção da barca Liberal, o primeiro barco a vapor do estado, em 1832. Posteriormente, a casa foi adquirida pelo charqueador José Antônio Moreira (Barão de Butuí), que a presenteou ao seu primogênito Ângelo Gonçalves Moreira. Em 1880, sofreu grande reforma atribuída ao arquiteto José Izella Merote. Este buscou “modernizar” e adequar a casa à linguagem dos dois vizinhos (casas 6 e 8, ambas atribuídas ao mesmo arquiteto italiano), incorporando elementos da arquitetura clássica e mascarando sua aparência colonial inicial. No séc. XX serviu de anexo do Grande Hotel. (SOARES & VAROTO, 1997, p.74)



Figura 7 – Vista frontal e lateral da Casa 2  
Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

A *Casa da Banha*, situada na Praça Cel. Pedro Osório nº 102, foi construída no início da década de 1830, provavelmente para abrigar um estabelecimento comercial em seu piso térreo, como se depreende das várias entradas de acesso. Durante a Guerra dos Farrapos, em 1836, serviu como quartel, sendo primeiro ocupada pelas tropas legalistas sob comando do major Manuel Marques de Souza, e, posteriormente, tomada pelos farroupilhas, que sitiaram o prédio, rendendo os imperiais.

Entre o final do séc. XIX e início do XX, o prédio foi utilizado para diversos fins. Sediou as oficinas e redação do *Diário de Pelotas*, que circulou até 1889. Nele se estabeleceu o *Colégio Salvador*. Foi ainda estação de telégrafos, sede da *União Republicana* e quartel de polícia. Serviu de prisão dos maragatos e até mesmo de sede do Clube Demócrito, um dos primeiros clubes carnavalescos de Pelotas.

Na década de 1960, instalou-se no prédio um estabelecimento comercial denominado Casa da Banha, nome pelo qual a população até hoje o identifica.

Pertencendo atualmente ao Clube Caixeiral, constitui-se no único prédio tombado pelo IPHAE em Pelotas. No dia 7 de fevereiro de 2001, foi assinado um protocolo de intenções para a recuperação do prédio, firmado pelo Governo do Estado, pela Prefeitura Municipal de Pelotas e pela Universidade Federal de Pelotas. Em 2006 foi adquirida pela Construtora Ricardo Ramos e passou por processo de restauração, incluindo aí acompanhamento arqueológico.



Figura 8 – Vista lateral e frontal da Casa da Banha.  
Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

O Mercado Público Municipal, Construído entre 1848 e 1853 em estilo neoclássico, é um dos monumentos mais proeminentes do patrimônio cultural de Pelotas. Localizado na Praça Sete de Julho, delimitada pelas ruas, Lobo da Costa a norte, XV de Novembro a leste, Tiradentes a sul e Andrade Neves a oeste. Historicamente, compõe a área do Segundo Loteamento (1835). O projeto original de 1846 não foi executado e em 1849 novo projeto foi apresentado pelo arquiteto Roberto Offer. Este apesar de muito caro foi aceito pela Câmara por ser de excelente qualidade.



Figura 9 - Representação fotográfica do MCP (cartão postal). Fonte: BRUNO, 2006, p12.



Figura 10 - Representação gráfico-digital da PMP (vista aérea). Fonte: BRUNO, 2006, p.12.

No período de 1911-1914, o mercado sofreu reformulação profunda em plantas e fachadas, projetada e coordenada pelo arquiteto Manoel Itaquí. Nesta fase o prédio recebeu, além de mudanças de acesso, a torre do relógio e o farol de ferro, importados de Hamburgo (Alemanha). A torre que imita a famosa Torre Eiffel, de Paris, tem em seu ponto mais alto um farol de onde era emitida luz de uma poderosa luminária rotativa. Em 1969 o Mercado sofreu novas alterações ao ser reconstruído após ter sido destruído por um grande incêndio.



Figura 11 - Representação fotográfica da PMP (fotopintura). Fonte: BRUNO, 2006, p.13.



Figura 12 - Representação gráfico-digital do MCP (vista aérea). Fonte: BRUNO, 2006, p.12.

Como podemos perceber as cinco estruturas apresentadas acima como parte do projeto de intervenção arqueológica refletem o período de apogeu econômico vivido pela sociedade charqueadora pelotense no século XIX. Mas não é só pela imponência e pelo estilo arquitetônico que estes prédios se destacam, mas também pelo que eles ainda podem revelar do cotidiano, das relações sociais, econômicas, do comportamento de uma sociedade que se destacou pela sua riqueza cultural.

Este período de apogeu econômico que propiciou significativas mudanças na paisagem urbana, visivelmente percebidas na cultura material imóvel, também provocou uma urbanização do estilo de vida, o que neste caso se refletiu na cultura material móvel, ou seja, nas roupas, nos utensílios domésticos, nos móveis, nos objetos de uso pessoal, etc. Toda essa gama de vestígios está conservada, fragmentariamente, no subsolo e pode ser recuperada por meio de intervenções arqueológicas.

Com o propósito de resgatar esta cultura material e trazer novos elementos para o estudo da história de Pelotas, foi desenvolvido em 2002, pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas – LEPAARQ – o “Projeto de Salvamento Arqueológico do Centro Urbano de Pelotas”, sob responsabilidade técnica do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira<sup>19</sup>.

O projeto foi desenvolvido a princípio para atuar nas áreas de intervenção do Programa BID Monumenta, programa coordenado em escala nacional pelo Instituto

<sup>19</sup> IPHAN, Portaria nº. 165, de 02 de Agosto de 2002. Registrado sob número de processo administrativo 01512.000083/2002-08.

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/MinC), visando à recuperação de importantes centros históricos, como é o caso de Pelotas. Atualmente o projeto está em fase de expansão, visando também à atuação no espaço periférico, que abrange a antiga ocupação charqueadora, assim como a área industrial e rural, no intuito de compreender a “cidade-sítio” em sua totalidade, ou seja, integrado às áreas diretamente relacionadas ao núcleo urbano. Seu principal objetivo é resgatar a cultura material da área urbana central da cidade de Pelotas e com isso trazer à tona novos elementos para a constituição de narrativas sobre o passado da cidade, oferecendo novas perspectivas para pensar identidades e memórias das comunidades locais e possibilitando outra visão do passado da cidade, através da análise dos vestígios materiais que revelam os padrões e hábitos de consumo, assim como as relações econômicas, sociais e culturais urbanas de Pelotas.

O projeto teve início em 2002, com o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de restauro na Casa 8 e Fonte das Nereidas (chafariz central da Praça Cel. Pedro Osório); seguido da escavação arqueológica no pátio da Casa 2 até o ano de 2003. Em 2004 realizou-se na Praça Cel. Pedro Osório uma intervenção metodologicamente mais rigorosa, fazendo-se necessário outra escavação, no ano de 2005, no local que apresentou maior concentração de materiais arqueológicos. Em 2006, durante as obras de Revitalização da Praça Cel. Pedro Osório, previstas no cronograma do Programa Monumenta, efetuou-se o acompanhamento sistemático de todas as obras de reforma do banheiro público, localizado no lado leste da Praça Coronel Pedro Osório. Naquele ano, devido às obras de revitalização no largo do Mercado Público e nas calçadas dos becos do centro histórico, efetivou-se o acompanhamento das remoções de terra, evidenciando-se vestígios materiais análogos remanescentes do século XIX (louça, grés, vidro, etc.)

Apesar de não ter sido contemplada pelo Programa Monumenta, a Casa da Banha, localizada na Praça Coronel Pedro Osório, nº 102, foi incorporada, em 2006, ao Projeto de Salvamento Arqueológico do Centro Urbano de Pelotas, face a suas características arquitetônicas e a sua historicidade caracterizada por seus diferentes usos. O imóvel, tombado pelo IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, foi adquirido pela Construtora Ricardo Ramos que realizou obras de restauro, incluindo nelas o trabalho de salvamento arqueológico, realizado pelo Instituto de Memória e Patrimônio, em parceria com o LEPAARQ.

Este projeto constitui, assim, um estudo de Arqueologia Histórica que visa a colocar sobre uma mesma base de dados as evidências da cultura material de Pelotas dos séculos XVIII, XIX e início do XX, levantadas em diferentes áreas do atual município, retratando distintos aspectos do processo de desenvolvimento urbano e rural da cidade.

Os achados arqueológicos exumados em campo são conservados no LEPAARQ, passando por detalhado processo de estudo e acondicionamento. Como procedimento metodológico para sistematização, classificação e divulgação do acervo produzido por suas intervenções arqueológicas os pesquisadores do LEPAARQ elaboraram até o momento, três catálogos de referência: Catálogo de Material Arqueofaunístico, Catálogo de Grés e Catálogo de Faiança Fina, todos eles referentes ao material exumado do sítio *Casa 8*. Estes catálogos têm como principal objetivo a organização do conjunto do material em um banco de dados que proporciona aos seus pesquisadores e à comunidade em geral o acesso fácil e rápido aos resultados de suas pesquisas, ou seja, ao conhecimento produzido.

Além da pesquisa científica, o LEPAARQ desenvolve ações de educação patrimonial com o objetivo de sensibilizar a comunidade para o conhecimento e a preservação do seu Patrimônio Cultural. As ações desenvolvidas no âmbito da educação patrimonial têm como característica principal a integração dos diferentes projetos desenvolvidos pelo LEPAARQ, como o Mapeamento Arqueológico da Região Sul do Rio Grande do Sul e o Circuito de Museus Étnicos.

### **3.4 Contextualização arqueológica**

Os sítios arqueológicos da área urbana central de Pelotas estão referenciados geograficamente na bacia hidrográfica de sua região, a considerarmos a Laguna dos Patos, o Canal de São Gonçalo e o Arroio Pepino, o que definiu a nomenclatura dos sítios como **PSGPe**.

Desta forma, todos os sítios localizados nesta bacia hidrográfica recebem este nome, com o acréscimo de um número seqüencial que segue a ordem cronológica do registro no LEPAARQ. Atualmente temos nove sítios registrados e destes, cinco foram escolhidos para análise neste trabalho:

PSGPe-01 – Casa 8

PSGPe-02 – Casa 2

PSGPe-03 – Praça Coronel Pedro Osório

PSGPe-04 – Largo Edmar Fetter

PSGPe-07 – Casa da Banha

A documentação arqueológica, de cada um destes sítios, gerada a partir das atividades de campo e de laboratório, é de fundamental importância para o estudo da formação e do desenvolvimento de Pelotas. A análise desta documentação que surpreende não só pela qualidade, mas principalmente pela quantidade, tem contribuído para as reflexões sobre os processos econômicos, sociais, comerciais e culturais da sociedade pelotense dos séculos XIX e XX e, também, tem fornecido elementos para a construção de hipóteses explicativas para o contexto de deposição de material nos sítios.

A hipótese que se apresentou desde o início das atividades do projeto, e que veio se confirmando na medida em que os sítios foram sendo escavados, é a de que temos, na área urbana central da cidade, uma “lixeria coletiva”. O período de formação deste depósito ocorreu entre as décadas de 1820 (ou um pouco antes) e 1880, período em que se deu a efetiva ocupação da área do entorno da Praça.

A escolha destes cinco sítios deveu-se principalmente a dois fatores. Em primeiro lugar, o material destes sítios já está com os processos de catalogação e identificação bem adiantados, o que facilita a sua pesquisa. Em segundo lugar, eles representam situações específicas: A *Casa 2* e a *Casa da Banha*, construídas na década de 30 do século XIX – começo do núcleo urbano – representam, respectivamente, uma unidade doméstica e uma unidade comercial. A *Casa 8*, edificada na década de 1870, representa o período de apogeu econômico da cidade. A *Praça* registra um período contínuo, ela testemunha todo o processo de ocupação do centro urbano. O *Largo Edmar Fetter*, por sua localização, nos dá uma idéia da extensão desta “lixeria coletiva”, que poderia se espalhar de forma descontínua.

Para compreendermos o contexto arqueológico da área urbana abrangida pelas intervenções arqueológicas realizadas por ventura das restaurações e remodelações urbanas resultantes da implantação em Pelotas do Programa Monumenta e de outras reabilitações prediais na área, apresentaremos uma síntese das intervenções arqueológicas realizadas na Casa 8, Casa 2, Praça Cel. Pedro

Osório, Largo Edmar Fetter e Casa da Banha, seguindo a ordem cronológica do início dos trabalhos.

#### *Casa 8 – Residência Conselheiro Antunes Maciel*

Os procedimentos de salvamento nos porões e pátios da *Casa 8*, realizados pela equipe do LEPAARQ, tiveram início em março de 2002, aproximadamente uma semana depois de terem sido iniciados os trabalhos da empresa de engenharia responsável pelas obras de recuperação do telhado e construção de um sistema de drenagem. Por esse motivo, o trabalho de salvamento ocorreu em ritmo de acompanhamento da retirada de terra pelos pedreiros. Nos pátios e calçadas foi possível que utilizássemos uma metodologia de escavação através da delimitação de quadrículas e trincheiras, mas mesmo neste caso a identificação das camadas estratigráficas ficou prejudicada pelas condições do solo (extremamente úmido, quando não alagado). A maior preocupação da equipe de arqueologia durante o trabalho foi retirar o maior número de fragmentos possível e coletar todas as informações relativas à área de intervenção como, por exemplo, registrar (desenhos e fotografias) estruturas, sistemas de encanamentos de água e esgoto, etc.

O ritmo acelerado dos pedreiros impossibilitou também que peneirássemos a terra para retirada de micro-fragmentos. Os porões foram escavados no sistema de decapagem de trincheiras, até uma profundidade de 50 cm. Na área do pátio, mesmo escavando em sistema de quadrículas, também trabalhamos com um nível único de 0-50 cm. Em alguns setores a equipe de engenharia, em virtude da realização de poços de drenagem, cavou até uma profundidade de 1m, possibilitando que fizéssemos uma sondagem do terreno. Também os procedimentos que normalmente antecedem às escavações – pesquisa histórica (fontes bibliográficas e iconográficas, entre as quais plantas, mapas, fotos, pinturas, etc), documentação primária como inventários, escrituras, jornais, entrevistas com antigos moradores e/ou descendentes e pesquisa de campo (reconhecimento e identificação de áreas com potencial arqueológico) – só foram realizados no transcorrer do trabalho de salvamento. Foi escavado um total de 48 setores, entre porões, pátios, jardins e calçadas. No pátio interno foi detectada a maior concentração de material, e também a maior variedade.

O acervo arqueológico proveniente da *Casa 8* é bastante diversificado, ocorrendo diferentes tipos de materiais como louças inglesas e portuguesas,

azulejos franceses, tijolos e telhas produzidos pelos escravos nas olarias de propriedade dos charqueadores da cidade, garrafas de vidro de diferentes tipos de bebidas, grande quantidade e variedade de ossos de várias espécies animais, etc.

Apesar de termos localizado a lixeira que corresponde ao período de ocupação da Casa 8, no pátio, a escavação da totalidade do sítio revelou que não há uma coincidência entre a área de ocorrência do material arqueológico e as estruturas arquitetônicas. Isto é evidenciado pelo fato de terem sido achados fragmentos de uma mesma peça em setores (porões) diferentes e, em alguns casos distantes entre si.

### *Casa 2 – Residência Barão de Butuí*

Nos trabalhos realizados na Casa 2, iniciados em outubro de 2002, foi possível aplicar metodologia arqueológica mais rigorosa com cronograma adequado, na medida em que a casa não estava sendo objeto de restauração.

O trabalho iniciou pela demarcação de uma malha com quadriculagem de 1x1m numa extensão de 256m<sup>2</sup> no interior do pátio da casa, a partir da qual foram feitos desenhos de todas as estruturas internas do pátio, assim como elaboração de registro fotográfico. Após esta etapa, procederam-se à coleta superficial sistemática, altimetria e sondagens. As sondagens foram definidas na forma de 3 quadrículas de 1x1 na área dos jardins, as quais, escavadas, serviram como referência para o controle estratigráfico da referida área. As quadrículas foram escavadas em níveis artificiais de 10 cm, elaborando-se croquis com a disposição tridimensional de cada peça. Além das 3 quadrículas situadas na área do jardim, foi estabelecida uma trincheira em forma de “L” na região sudeste do pátio, estabelecida no sentido L-O e, partindo do extremo O, no sentido S-N, que se compôs de 9 quadrículas de 0.50x1m. A partir desta trincheira pôde-se ter uma melhor percepção do padrão estratigráfico intra-sítio.

As escavações atingiram uma profundidade que variou entre 60cm e 1m de profundidade, sendo que na região da trincheira de sentido S-N, evidenciou-se uma estrutura de tijolos (Fig. 13) que nos levou a ampliar a área de intervenção inicialmente pretendida. Com isso, foi escavado um total de 47 quadrículas; 42 de 1x1m e 5 de 0.50x1m, sendo que deste total 37 fazem parte do local onde se encontra a estrutura de tijolos.



Figura 13 – Estrutura de tijolos evidenciada nas escavações do pátio da Casa 2.  
Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

A estrutura evidenciada ocupa uma área de 34 m<sup>2</sup>, tem forma retangular e apresenta-se dividida em três tanques, possuindo ainda uma fileira de tijolos em forma circular em seu entorno. A estratigrafia, a orientação e as características desta estrutura apontam sua provável datação para um período anterior à construção da casa, ocorrida na década de 1830, e sugerem alguma atividade econômica produtiva, provavelmente a produção de cal, como indica a grande quantidade de fragmentos ósseos calcinados em seu entorno e a concentração de restos de cal compactados, no interior da estrutura. Esta hipótese aguarda ainda estudos mais pormenorizados para sua comprovação.

Com a ampliação das escavações, em face da estrutura evidenciada, o trabalho prolongou-se até o mês de outubro de 2003, abrangendo praticamente toda a região leste do pátio. Após a finalização do trabalho alguns cuidados e precauções foram tomados para que a estrutura se mantivesse preservada. A área foi drenada e coberta com areia grossa suficiente para a sua devida proteção e por fim foi colocada uma camada da mesma terra retirada pelas escavações, o que ocorreu em várias etapas adequando-se às acomodações naturais do aterramento.

As escavações realizadas no sítio Casa 2 revelaram um contexto de deposição de material bastante diferente da Casa 8. A estratigrafia, absolutamente

regular em todos os setores escavados do pátio, revela procedimentos de aterramento e nivelamento do mesmo, que podem ter sido de diversas épocas, além disso, revelam que o uso da área como pátio doméstico foi respeitada em épocas posteriores, pois não há evidências de deposição intencional de lixo.

Diferentemente do material do sítio *Casa 8*, o material da *Casa 2* não apresenta requinte na matéria prima, na forma ou na decoração. Foram encontrados alguns poucos exemplares de faiança fina, em especial na área do jardim. Em uma primeira análise verifica-se que este material está concentrado nas camadas de aterro, não sendo proveniente de descarte da unidade residencial.

A cultura material proveniente das escavações está inserida e associada aos processos de aterramento e nivelamento do terreno, pois o padrão estratigráfico do conjunto das seções escavadas sugere que os vestígios materiais possam ser oriundos, em sua maioria, de deposição secundária. A exceção ocorre na área interna do tanque central da estrutura retangular, onde as escavações demonstraram ocorrer uma grande quantidade de materiais diversificados, associados a ossos calcinados, carvões e a grande quantidade de material orgânico em decomposição, sugerindo uma possível reutilização desta área, para depósito e queima de dejetos.

Também a cultura material deste sítio apresenta diferenças significativas em relação à *Casa 8*. Em primeiro lugar, a quantidade de material é consideravelmente menor e, em segundo lugar, a tipologia do material é bastante diferente. Além disso, em comparação com o depósito arqueológico da *Casa 8*, pode-se dizer que a cultura material deste sítio, por sua tipologia, está relacionada a uma fase econômica e social anterior do núcleo urbano.

O material exumado, que constituía esta camada de aterramento para adaptação do terreno à função de pátio da *Casa 2*, construída para um dos mais ricos habitantes da cidade, José Vieira Viana, é em grande parte composto por fragmentos de cerâmica vidrada de origem européia, sobretudo, por fragmentos de cerâmica neo-brasileira<sup>20</sup>, em sua maioria telhas, tijolos, tijoleiras<sup>21</sup>, tinas e vasilhas.

Trata-se de uma cultura material que denota a reduzida inserção da cidade e da região, até os anos 1830, no mercado de escala internacional, protagonizado

---

<sup>20</sup> Denominação dada à cerâmica de fabricação local.

<sup>21</sup> Tijolo de pequena espessura, quadrado ou retangular, usado para revestimento de pisos, popularmente conhecido como tijoleta.

pela Inglaterra e seguido por França e Holanda, ao qual o Brasil ingressara após a abertura dos portos (1808), que tinha como um dos marcadores de cultura material internacionalizada a faiança fina. Remete-nos à fase econômica da localidade da Freguesia de São Francisco de Paula correspondente ao seu estágio de dependência administrativa de Rio Grande, anteriormente à sua elevação à vila (1830) e cidade (1835). Nesta fase, predominavam utensílios oriundos da península ibérica (cerâmica vidrada) e produzidos localmente (cerâmica neo-brasileira).

#### *Praça Coronel Pedro Osório*

O trabalho de arqueologia histórica desenvolvido na Praça Coronel Pedro Osório foi realizado durante quatro anos consecutivos, nos quais foram efetuadas intervenções sistemáticas no sítio.

Campanha 2004: A etapa de escavação foi antecedida pela delimitação e implantação da malha (Fig. 14) que serve como referência para situação dos pontos de intervenção no sítio. Na prática, esta malha consiste na delimitação, divisão e numeração virtuais de toda a área da Praça em quadriculas de 1m<sup>2</sup>, o que permite um controle rigoroso dos locais escavados e do material exumado.

A seguir, realizou-se uma sondagem inicial, com a coleta superficial dos fragmentos aflorados e o estabelecimento dos pontos de intervenção entre os oito canteiros que formam a praça. No intuito de identificar o potencial arqueológico da área, bem como as áreas de concentração de material, foram abertos 12 poços de 50x50cm em todo o perímetro delimitado. A escavação ocorreu por níveis artificiais de 10cm, com uma profundidade que variou de 0,80m a 1,00m até as camadas estéreis, em alguns pontos chegando a 1,20m. As escavações propiciaram uma ótima compreensão da estratigrafia deste local, revelando-nos tanto o processo de deposição de materiais quanto o de aterramento desta área que no passado foi uma várzea alagadiça. Em dez dos doze pontos de intervenção observou-se um padrão regular de poucos fragmentos depositados, numa estratigrafia claramente de aterramento de toda a área.

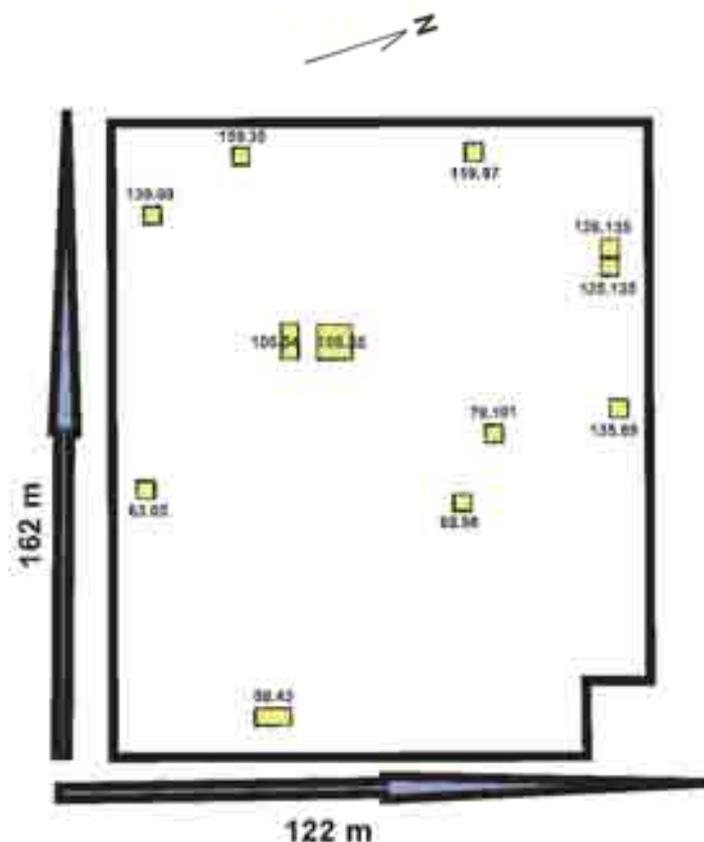


Figura 14 – Malha de quadriculagem. Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

Em apenas um destes poços, o único que foi escavado em maior profundidade, alcançando 1,50m, evidenciou-se uma grande concentração de materiais característicos do século XIX, situada entre uma camada formada por várias deposições de aterro e o estrato geológico natural do terreno. Na seqüência, mais duas quadrículas foram abertas ao redor evidenciando a continuidade desta camada com concentração de materiais. As características de deposição destas duas quadrículas sugeriram, com fortes indícios, uma área de deposição coletiva de lixo doméstico referente ao segundo loteamento.

Campanha 2005: Com o propósito de se efetuar uma extensão da área estudada, em 2005 abriram-se duas grandes trincheiras no entorno das quadriculas escavadas em 2004 (Fig. 15). A constatação, com base na estratigrafia, do prolongamento de uma camada de materiais datados do século XIX, entre estes louças, vidros (com destaque para um vidro de remédio de uma farmácia pelotense até então não referenciada em bibliografia), grés e metais, associados a restos alimentares, levou a uma nova escavação neste sítio. Com a abertura de duas

trincheiras (2x1m), foi possível perceber a continuidade da camada de maior deposição arqueológica, possibilitando uma melhor percepção da estratigrafia do sítio, bem como a identificação de uma grande aglomeração de materiais orgânicos junto a fragmentos de utensílios domésticos de uso cotidiano. Estes dados reforçam a hipótese da utilização do local para o descarte coletivo de lixo.

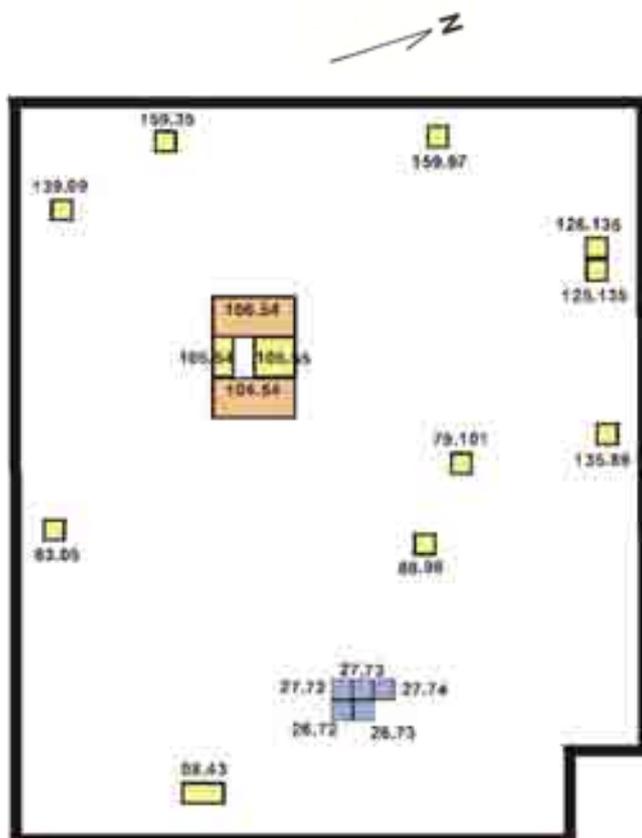


Figura 15 – Malha de quadriculagem. Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

Campanha 2006-2007: Durante as obras de Revitalização da Praça Cel. Pedro Osório, previstas no cronograma do Programa Monumenta, efetuamos o acompanhamento sistemático de todas as obras que demandavam interferências no solo no intuito de identificar e resgatar vestígios arqueológicos dispersos na área de impacto.

Durante o acompanhamento das obras de reforma do banheiro público (Fig. 16) – estrutura subterrânea, edificada aproximadamente a 1m abaixo da superfície atual do terreno – evidenciou-se uma grande quantidade de materiais. Em vista disso as obras foram paralisadas para que se fizesse o salvamento sistemático do sítio por meio de uma escavação. Assim, foram abertas 5 quadrículas de 1m<sup>2</sup>, em uma área já impactada pelas obras.

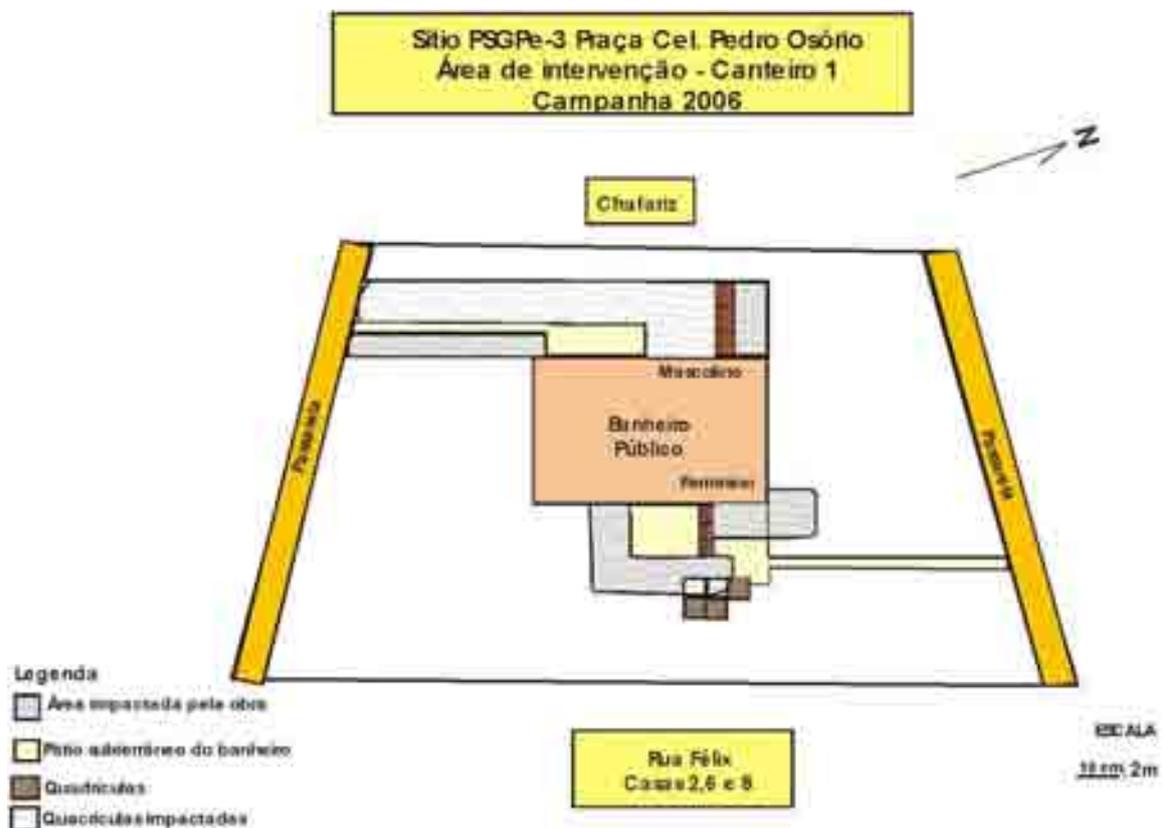


Figura 16 – Croqui da área de intervenção. Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

Nestas quadrículas foi possível o registro estratigráfico do sítio, que evidenciou uma regularidade no descarte de lixo: os utensílios domésticos e os restos alimentares não eram depositados em um local específico, mas sim por todo o terreno. A comparação com os dados das campanhas anteriores evidenciaram a existência de uma grande lixeira coletiva, espalhada pelo subsolo da atual praça.

Na seqüência das obras, toda a área em volta do banheiro foi decapada para a construção de rampas de acesso. A área apresentou uma grande incidência de vestígios arqueológicos, o que exigiu o acompanhamento diário das intervenções no local.

A tipologia do material exumado em todas as campanhas é muito semelhante, porém a campanha de 2006-2007 superou as anteriores em quantidade. Além da surpreendente quantidade de material, foi observado que muitos se encontravam com poucas quebras, permitindo sua reconstituição quase integral. Esta grande quantidade de material pode ser atribuída à extensão e profundidade atingidas nesta escavação, o que foi conseqüência da impactação das obras. Nesta campanha foi atingida uma área de 4m x 1,80m do lado leste e 3,5m x 15m do lado oeste e uma profundidade de 1,5m.

Da mesma maneira que a *Casa 8*, a *Praça* apresenta uma diversidade de materiais que caracterizam os diversos aspectos da vida diária e dos hábitos de consumo do século XIX. Dentro desta grande diversidade de material exumado nas três campanhas da *Praça* estão: louças de diversas origens, formas e decorações, garrafas de bebidas (vidro e grés), frascos de medicamentos e perfumes, recipientes de vidro para diferentes funções (por exemplo, tônico capilar), vasos cerâmicos, taças, copos, moedas, objetos metálicos como ferraduras e ferros de passar roupas, restos orgânicos como ossos, escamas de peixes, cascas de ovos e grandes concentrações de carvão. (Fig. 17, 18, 19 e 20)



Figura 17 – Frascos de remédio, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. Fonte: Acervo do LEPAARQ



Figura 18 – Garrafas de vidro, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.



Figura 19 – Recipientes de grés, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.



Figura 20 – Louça com decoração carimbada, sítio *Praça Coronel Pedro Osório*. Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

### *Largo “Edmar Fetter” – Largo do Mercado*

Concomitante ao trabalho de intervenção na Praça Cel. Pedro Osório, a Prefeitura Municipal de Pelotas empreendeu as obras de reforma e ampliação do Largo Edmar Fetter, situado entre o Mercado Público e a sede da prefeitura. A intervenção ocorreu na área, até então, ocupada por um estacionamento de táxis, na qual se fizeram reformas das redes hidráulica e de esgoto. Neste local foi aberta uma vala de aproximadamente 60 cm de profundidade e 1,5 m de largura, em toda a extensão do largo, ao longo da rua Lobo da Costa, entre as ruas Andrade Neves e XV de Novembro (Fig. 21). Durante a remoção da terra, constatou-se uma grande concentração de materiais arqueológicos, tais como vidros, louças, cerâmicas, ossos, metais, etc. Efetuamos o acompanhamento destas obras, registrando e coletando os materiais exumados pelos pedreiros.

O material resgatado no Largo do Mercado seguiu o mesmo padrão tipológico da Casa 8 e da Praça. Foram encontrados: louças de diversas formas e decorações, vidros, ossos, metais e cerâmicas. Apesar de a área trabalhada ter sido pequena, foi possível constatar a continuidade do padrão de descarte verificado na Praça, ou seja, não há uma coincidência entre uma área de ocorrência de material arqueológico e uma unidade residencial, o que reforça a hipótese de uma “lixreira coletiva” formada no período anterior às edificações.



Figura 21 – Largo Edmar Fetter, e ao lado foto do acompanhamento das obras de infraestrutura.  
Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

### *Casa da Banha*

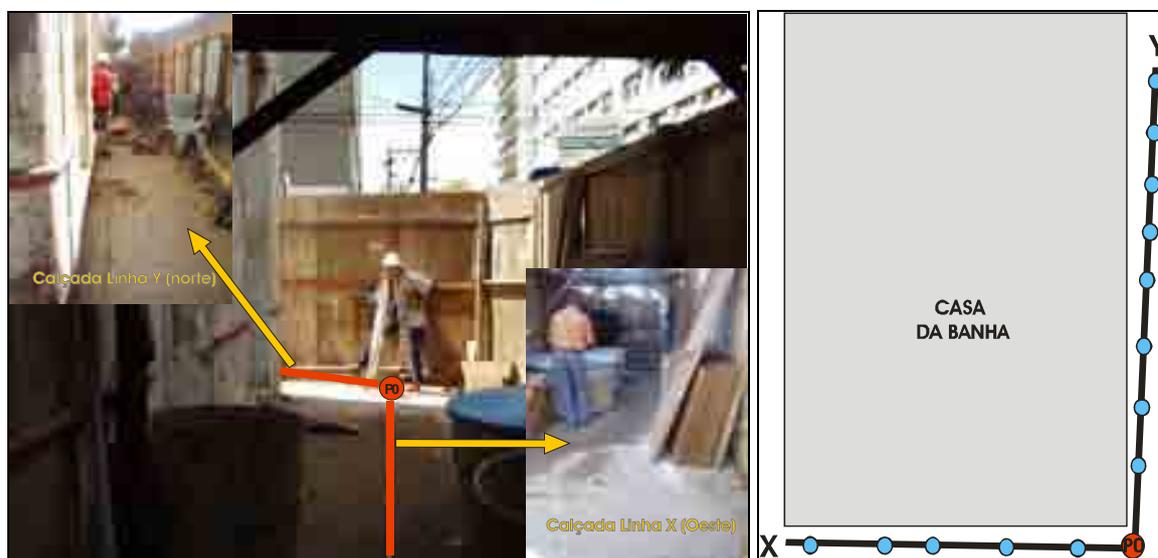
A primeira etapa do trabalho consistiu no estabelecimento de uma malha de quadriculagem que permitisse localizar todos os pontos de intervenção no sítio. Para isso demarcamos o ponto zero na extremidade sudeste da calçada adjacente, localizado a 1,20m da esquina da casa, a coordenada X a oeste, corresponde à calçada da Praça Cel. Pedro Osório, e a coordenada Y a norte, correspondente à rua Félix da Cunha.

Para facilitar a utilização deste sistema, os pontos da malha foram marcados em frente de todas as aberturas da casa (portas e janelas), possibilitando assim a extensão da malha de quadriculagem para o interior da casa (Fig. 22 e 23). Assim, a malha possui 13m na linha X e 19.5m na linha Y.

Através deste sistema, cada área de intervenção recebeu dois números de identificação. Esses números correspondem à distância em metros, a norte e a oeste, respectivamente, da quadrícula em relação ao ponto zero. Com isso foi

possível enquadrar em uma única planta as áreas de intervenção arqueológica e as áreas impactadas pelas obras.

Tendo em vista que a Casa da Banha está relacionada ao mesmo período de urbanização da Praça Coronel Pedro Osório, compondo um mesmo cenário e atuando em conjunto na formação do centro histórico, a sua medição topográfica contou com o mesmo ponto de referência altimétrico da Praça. O objetivo deste método era compreender o processo de aterramento da casa, observando se correspondia ao aterramento da praça, bem como localizar a camada de formação geológica natural do terreno. Este método, além de facilitar o trabalho de intervenção, permitiu uma visão mais ampla da formação estratigráfica dos sítios.



Figuras 22 e 23 - Localização do ponto zero e das linhas X e Y; Desenho da malha.  
Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPEL.

Diante da possibilidade de evidenciar materiais arqueológicos realizou-se um acompanhamento sistemático de todas as intervenções que demandavam interferência nos pisos, no pátio e nas calçadas. Monitoraram-se todas as remoções de terra e realizaram-se revisão e peneiramento de todo o sedimento removido.

Outro procedimento efetuado foi a abertura de poços de sondagem para verificar o potencial arqueológico da área. Para fazer devido registro do sítio foram abertas quadrículas de 1m<sup>2</sup> situadas na malha de quadriculagem estabelecida para o sítio. Assim, os materiais foram coletados das quadrículas em níveis artificiais, garantindo o controle da altura dos materiais exumados em relação à topografia do terreno.

O trabalho na Casa da Banha revelou uma realidade arqueológica diferente dos outros sítios. Foram evidenciadas algumas estruturas de pisos e de encanamentos hidráulicos antigos, alguns deles com sinais de reaproveitamento. Além disso, foram resgatados materiais diversos, principalmente na área do pátio e de uma das salas. No entanto, a maioria dos materiais característicos do século XIX estava agregada a uma grande quantidade de lixo contemporâneo como embalagens plásticas, moedas recentes e materiais sintéticos. O que se observou neste sítio foi que durante todo o período de ocupação da casa, houve uma grande interferência no solo, possivelmente ocasionada por aterramentos (pátio) ou reformas, já que a casa teve uma ocupação bastante diversificada e intensa. Não foi possível localizar a lixeira da casa, pois ela possivelmente estava localizada em área que atualmente é ocupada por outros prédios. Entre os materiais resgatados estão louças, ossos, vidros, metais e cerâmicas, moedas do século XIX e projéteis de pistola, os quais deverão ser analisados para verificar sua relação com o período farroupilha.

O conjunto dos materiais exumados nos sítios *Casa 8, Praça Coronel Pedro Osório e Largo Edmar Fetter*, identificados, até o momento, como provenientes da “lixeira coletiva”, revelam uma grande diversidade tipológica e podem assinalar vários aspectos da vida diária e dos hábitos de consumo, não de uma unidade doméstica específica, mas do conjunto das edificações do centro urbano. Por este motivo, como coloca Cerqueira (2003), estes objetos representam aspectos de uma vida social mais ampla, remetendo-nos a diferentes esferas da vida cotidiana:

- *Hábitos de alimentação*: louça (serviços de chá, sopeiras, malgas, frascos de condimentos importados, etc.); recipientes de cerâmica vidrada para conservação e preparo doméstico de alimentos; talheres e panelas de metal; garrafas de vidro para vinho e destilados; garrafas de grés utilizadas para cerveja e genebra; restos osteológicos bovinos, suínos, caprinos, bem como de aves, peixes e caças ainda não identificadas.
- *Hábitos de saúde*: frascos de remédio de louça com identificação de fabricante e indicações de terapia; recipientes de vidro elipsoidais para conservação e manuseio de preparados químicos pelos boticários, visando ao fabrico de medicamentos manipulados.

- *Hábitos de higiene doméstica*: urinóis e bacias para lavar rosto; pote de metal para mistura da espuma de barbear; escarradeiras.
- *Hábitos de toalete*: frascos de vidro de perfume.
- *Hábitos de vestuário*: botões, sola de sapato, fivelas de cintos.
- *Material de escritório*: tinteiros.
- *Material construtivo*: elementos metálicos (por exemplo: adornos de pontas de grades), azulejos, tijolos de proporções variadas, fragmentos de estuques, pinhas e ornamentos arquitetônicos.
- *Material decorativo*: fragmentos de bibelôs e *biscuit*.
- *Estruturas sanitárias*: manilhas, estruturas hidráulicas do banheiro e outros encanamentos.

A *Casa 2* e *Casa da Banha*, ao que tudo indica, foram edificadas antes da formação da “lixreira coletiva”, ou ainda no princípio de sua formação. Em vista disso, o material que encontramos nesses sítios é diferente tanto em quantidade quanto em tipologia.

Algum material semelhante ao dos demais sítios pode ser atribuído aos processos de remodelação posteriores pelos quais passaram as duas casas, nos quais foram feitos aterramentos, principalmente em áreas de pátio. Nos dois casos os aterramentos podem ser comprovados pela leitura estratigráfica do solo. De qualquer forma, muitos desses materiais associados aos aterramentos são datados dos séculos XIX e início do XX e têm semelhanças muito grandes com os materiais da “lixreira”, o que nos autoriza a colocá-los na mesma base de dados, ressaltando é claro, a sua origem.

Na etapa inicial do projeto, durante a identificação e catalogação do material do sítio *Casa 8*, diante da diversidade e da grande quantidade de materiais exumados, a confecção de catálogos tipológicos colocou-se como etapa indispensável para a análise do material. Além de configurar-se como método organizacional da documentação arqueológica, o que consideramos de fundamental importância metodológica, serviu como referência (banco de dados) para a análise dos vários outros sítios que começaram a ser pesquisados na área central urbana de Pelotas. Os catálogos sistematizam o conjunto de dados obtidos nas etapas de

identificação e classificação de cada uma das peças de cada conjunto tipológico (ossos, louça, grés).

Para o material do sítio *Casa 8* foram elaborados, até o momento, três catálogos: *Catálogo de Material Arqueofaunístico*, *Catálogo de Faiança Fina* e *Catálogo de Grés*.

A elaboração destes três catálogos seguiu, em linhas gerais, uma mesma metodologia: identificação das peças (fragmentos) através do método de comparação, utilizando-se para isso, principalmente, obras de referência (catálogos produzidos para outros sítios) e bibliografia especializada. O *Catálogo de Material Arqueofaunístico da Residência Conselheiro Maciel*, elaborado pela pesquisadora Chimene Kuhn Nobre (2004), foi o primeiro resultado da sistematização dos dados arqueológicos das escavações da *Casa 8*. Na seqüência, foi elaborado o *Catálogo de Faiança Fina* pela pesquisadora Luciana Peixoto e, por último o *Catálogo de Grés*, elaborado pela pesquisadora Estefânia Jaékel (2006).

A análise da coleção óssea foi feita através do cruzamento entre informações obtidas pelas interpretações de diferentes ordens: de um lado, as marcas de consumo deixadas nos elementos ósseos como, por exemplo, cortado, serrado, quebrado, raspado; de outro o tipo de corte de carne ou as receitas culinárias usadas no século XIX. As observações macroscópicas, nas superfícies ósseas, dos padrões de artefatos (sinais de fratura, corte e descarte), ajudaram na identificação das partes/cortes do animal, utilizadas na alimentação.

Como vestígios de alimentação, além do material ósseo predominante, pertencente a mamíferos, foram coletados também exemplares de moluscos (conchas), ossos de aves, plastrão de tartaruga, peixes marinhos e de água doce. Nos ossos, foram observados marcas de faca, decorrentes da etapa de descarte, bem como marcas de talheres, evidenciando a parte destinada ao consumo. Também foram observadas marcas de dentes de predadores (gatos, cachorros), deixadas após o descarte do osso. As marcas de quebra em ossos longos, como fêmur, tíbia, úmero e rádio, evidenciam o aproveitamento do tutano, em pratos como sopas e feijão.

A análise dessa coleção, viabilizada pela sua organização na forma de catálogo, foi integrada a pesquisas de fontes literárias variadas, tais como livros de culinária publicados na época, relatos de viajantes, cronistas ou naturalistas, e até mesmo a literatura ficcional produzida neste período. Possibilitou-se assim

inferências a respeito dos hábitos alimentares da sociedade pelotense do século XIX. Uma das conclusões da pesquisadora é que – ao contrário da tradição histórica que diz que o “gaúcho” se utilizava da carne de gado *vacum*, principalmente na forma de churrasco – a dieta da população pelotense do século XIX era baseada em uma variedade de métodos de preparação da carne. Isto foi percebido através da análise das quebras e marcas presentes nos ossos, indicativos de sua utilização no preparo de outros pratos, tais como ensopados, sopas, assados, preparados com arroz, entre outros (NOBRE, 2004, p.228).

O Catálogo de Grés, por sua parte, comprova a diversidade de hábitos alimentares e de consumo da população pelotense, influenciados por uma forte “europeização” da cultura, principalmente na segunda metade do século XIX. Através do catálogo percebemos a diversidade de utensílios de grés importados de países como Holanda, Alemanha e Inglaterra.

O catálogo do material cerâmico grés resultou do processamento dos fragmentos e da análise dos dados quantitativos e qualitativos, permeados pelas informações bibliográficas, os quais levaram à identificação de peças como garrafas de cerveja, garrafas de genebra, tinteiros, vasilhas e também a utilização da grés em manilhas hidráulicas. Para compor o Catálogo foi escolhido um exemplar de cada padrão tipológico encontrado no sítio, e de algumas formas identificadas.

Os dados obtidos a partir da análise quantitativa e qualitativa, entre os fragmentos em que foi possível identificar a tipologia, revelam que o acervo é composto em sua maioria por garrafas de genebra. Essas apresentam geralmente como características a pasta branca acinzentada e a superfície com coloração marrom e aplicação de vidrado de sal, sendo que foi possível reconstituir várias garrafas em seu molde original, o que sugere que a maioria dessas garrafas era proveniente do mesmo fabricante. Pesquisas adicionais podem revelar a origem dessas garrafas e os padrões de consumo da bebida denominada genebra que, de acordo com as evidências arqueológicas, era amplamente consumida pela sociedade pelotense.

Já as garrafas de cerveja, embora não apresentem uma grande quantidade de fragmentos (apenas 16 fragmentos identificados), revelam uma diversidade de formas e coloração. Entre os exemplares do acervo encontramos garrafas de cerveja sinusoidal branca esmaltada, cilíndrica bicolor esmaltada e cilíndrica marrom, o que indica o consumo dessa bebida, mas não comprova a origem das

garrafas. Esses dados levantam questionamentos a respeito da origem tanto da garrafa quanto da própria bebida, pois se sabe da existência de cervejarias nesta região, porém não se sabe que tipos de garrafas eram usadas no envase dessa produção.

Da mesma forma, o Catálogo de Faiança Fina sistematiza o conjunto de dados obtidos nas etapas de identificação e classificação de cada uma das peças do acervo de faiança fina, e foi organizado com base na presença ou ausência de decoração. A elaboração deste catálogo permitiu o estabelecimento de séries cronológicas e tipológicas que possibilitaram uma inferência sobre padrões de poder aquisitivo e hábitos domésticos, como alimentação, higiene e saúde. Tabelas tipológicas, mapas de disposição dos fragmentos no sítio com indicação da quantidade e do tipo de material em cada setor e tabelas de datação das louças são alguns instrumentos analítico-descritivos produzidos.

Entre os exemplares desta cultura material que revelam a mudança do modo de vida, podemos destacar objetos em material cerâmico, metal e vidro. Dentre os exemplares cerâmicos, nosso trabalho se concentrará no estudo da louça, como registro do cotidiano desta cidade que resulta deste processo de urbanização.

## CAPÍTULO 4

### As louças do centro urbano de Pelotas no século XIX

Antes de passarmos à apresentação e à análise do nosso objeto de estudo torna-se necessário fazermos referência aos resultados obtidos pela análise das louças da *Casa 8*, sintetizados no Catálogo de Faiança Fina (PEIXOTO, 2003).

Ressaltamos que nossa proposta de trabalho é caracterizar o processo de urbanização a partir da análise das mudanças no comportamento de consumo expressas pela louça. E que, para isso, na perspectiva de trabalhar a *cidade-sítio*, usaremos a documentação produzida para o sítio *Casa 8* – considerado aqui como um *locus* do sítio urbano Pelotas – como representante da totalidade do sítio, acrescentando, quando necessárias e disponíveis, informações dos outros sítios.

#### 4.5 Síntese dos resultados da catalogação da faiança Fina da *Casa 8*

O Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel foi elaborado em 2003 e apresentado por mim como Monografia para obtenção do título de Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material – UFPEL. Ele corresponde a um dos procedimentos metodológicos do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL), para sistematização, classificação e divulgação do acervo produzido por suas intervenções arqueológicas. Tem como pressuposto a organização do conjunto dos seus materiais em bancos de dados e configura-se como referência – base documental sistemática – para novas pesquisas. Na condição de base documental, o catálogo foi tomado como referência para esta pesquisa, representando o conjunto das louças dos sítios arqueológicos da área central urbana de Pelotas.

Para fazer parte do catálogo foi escolhido um exemplar de cada padrão tipológico encontrado no sítio (e suas variáveis) e de cada forma identificada. Foi

analisado um total de 6.692 (seis mil seiscentos e noventa e dois) fragmentos, dos quais 5.885 (cinco mil oitocentos e oitenta e cinco) estão representados no catálogo através de um dos tipos de faiança fina.

A classificação de louças inclui diferentes aspectos: decoração, pasta, esmalte, forma e processo de queima. Ela pode ser feita levando em conta apenas um desses aspectos ou a combinação de dois ou mais. A faiança fina do sítio Casa 8 foi classificada com base na decoração ou na ausência dela, seguindo, em grande parte, os critérios e conceitos sistematizados em Tocchetto (2001).

Os fragmentos identificados como faiança fina foram separados em duas categorias: louça sem pintura e louça decorada. As louças decoradas, para fins de análise e interpretação do sítio, foram separadas em outros cinco grupos de acordo com a técnica aplicada para a decoração: pintura manual à mão livre; pintura manual com impressão; processo mecânico de impressão por transferência, ou *transfer printing*; adição de produto químico durante a queima, ou borrão; o quinto grupo está representado pela decoração conhecida como *shell edged*, que combina duas técnicas decorativas, a alteração de superfície e a pintura à mão

O período de fabricação de cada tipo de faiança indicado nas fichas catalográficas foi definido a partir do cruzamento das características “motivo”, “estilo” e “cor”, aplicados à tab. 1 de Datação de Faiança Fina<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Tabela adaptada por Luciana Peixoto, a partir de Tocchetto (2001, p.32-34) e Schávelzon (2001).

Tabela 1 – Datação de Faiança Fina.

## Pastas e Esmaltes

Padrão Tipológico	Data Inicial de Fabricação	Data de Fim de Fabricação
Louça <i>creamware</i>	1750	1800/1810
Louça <i>pearlware</i>	1780	1820/1840
Louça <i>whiteware</i>	a partir de 1820	Até os dias atuais

Padrão Tipológico	Data Inicial de Fabricação	Data de Fim de Fabricação
Louça sem decoração	analisar pasta	

## Superfície modificada

Padrão Tipológico	Data Inicial de Fabricação	Data de Fim de Fabricação
<i>Royal Rim - creamware</i>	1762	1815
<i>Royal Rim - pearlware</i>	1780	Década de 1850
Gótico	a partir de 1840	Década de 1850
Trigal	1851	dias atuais
<i>Shell edged - creamware</i>	1775	1820
<i>Shell edged - pearlware - azul acinzentado</i>	1780	1820
<i>Shell edged - relevo moldado e incisões pintado</i>	1775	1860
<i>Shell edged – apenas pintado</i>	1780	1900
<i>Shell edged – sem pintura</i>	1780	Década de 1850
<i>Shell edged - azul brilhante</i>	a partir de 1820	sem referência bibliográfica

## Pintura manual

Padrão Tipológico	Data Inicial de Fabricação	Data de Fim de Fabricação
à mão livre - <i>peasant style</i>	1810	1860
à mão livre - <i>sprig style</i>	1830	1860

## Pintura manual com impressão

Padrão Tipológico	Data Inicial de Fabricação	Data de Fim de Fabricação
Carimbada	1845	início do século XX
Combinação de carimbada com pintada à mão	1845	1860
<i>Spatter - true spatter</i>	1820	depois de 1860
<i>Spatter - design spatter</i>	1820	final do século XIX
<i>Sponge</i>	final da década de 1840	1935
<i>Dipped – annular - creamware</i>	1780	1815/metade do séc XIX
<i>Dipped – annular - pearlware</i>	1790	1820/metade do séc XIX
Faixas e friso - faixa azul larga	1840	sem referência bibliográfica
Faixas e friso - faixa larga com friso colorido	1790	início do século XX
<i>Faixas e friso - faixa azul estreita - pearlware</i>	final do XVIII	início do século XIX
Faixas e friso - faixa estreita em marrom – vermelho- <i>creamware</i>	final do XVIII	início do século XIX
Faixas e friso - frisões dourados em peça branca	após 1860	sem referência bibliográfica
Faixas e friso – frisões na borda	último quartel do XIX	último quartel do XIX

Pintura mecânica – Impressão por transferência

<b>Padrão Tipológico</b>	<b>Data Inicial de Fabricação</b>	<b>Data de Fim de Fabricação</b>
<i>Transfer printing</i> azul claro	1818	1867
<i>Transfer printing</i> azul escuro	1802	1846
<i>Transfer printing</i> azul médio	1784	1859
<i>Transfer printing</i> borda cartucho cena	1790	1889
<i>Transfer printing</i> borda cartucho <i>Floral</i>	1802	1899
<i>Transfer printing</i> borda cartucho objeto	1809	1889
<i>Transfer printing</i> borda cena principal	1784	1903
<i>Transfer printing</i> borda contínua <i>Floral</i>	1784	1856
<i>Transfer printing</i> borda contínua geométrico	1784	1864
<i>Transfer printing</i> borda contínua linear	1820	1891
<i>Transfer printing</i> borda não contínua <i>Floral</i>	1799	1894
<i>Transfer printing</i> estilo <i>Chinoiserie</i>	1780	1873
<i>Transfer printing</i> estilo <i>Chinoiserie</i> padrão <i>willow</i>	1780	Até os dias atuais
<i>Transfer printing</i> estilo clássico	1793	1868
<i>Transfer printing</i> estilo <i>Floral</i> central	1784	1869
<i>Transfer printing</i> estilo <i>Floral: Sheet Floral</i>	1795	1867
<i>Transfer printing</i> estilo pastoral	1781	1859
<i>Transfer printing</i> estilo romântico	1793	1870
<i>Transfer printing</i> estilo vistas exóticas	1793	1868
<i>Transfer printing</i> lilás	1818	1871
<i>Transfer printing</i> marrom	1818	1869
<i>Transfer printing</i> preto	1785	1864
<i>Transfer printing</i> rosa	1784	1864
<i>Transfer printing</i> verde	1818	1859
<i>Transfer printing</i> vermelho	1818	1880
<i>Transfer printing</i> violeta	1818	1870

<b>Padrão Tipológico</b>	<b>Data Inicial de Fabricação</b>	<b>Data de Fim de Fabricação</b>
Borrão	1830	até o século XX

A louça “sem pintura” representa 61,62% do total de fragmentos de faiança fina e o conjunto dos fragmentos identificados como louça decorada totaliza 2.259 fragmentos, o que representa 38,38%. Estes percentuais não permitem depreender o total de peças integrais sem ou com decoração, mas sim o total de fragmentos, uma vez que um fragmento sem decoração pode pertencer a um recipiente que possua decoração em outra parte de sua superfície. No conjunto da faiança fina foi identificada uma grande variedade de formas que se referem à louça de mesa, serviços de chá e de toalete, assim como recipientes utilizados nas indústrias farmacêutica e de alimentos.

Na análise da louça sem pintura os fragmentos foram separados em borda, fundo, alça, indefinidos (provavelmente do corpo da peça), micro-fragmentos, pegadores, borda/fundo e prato. Para os fragmentos classificados como borda/fundo

e prato é possível garantir que pertençam a peças sem pintura. Para os outros casos não é possível essa afirmação.

Nas amostras analisadas só foi possível identificar a presença do padrão *royal rim* (amostra 30 e 32) em louças com superfície modificada<sup>23</sup>. Esse padrão é caracterizado por apresentar ondulações na borda. Ocorre em louças *creamware* na segunda metade do século dezoito ( $\pm 1762$ ) e em *pearlware* na primeira metade do século dezenove. Para outros padrões decorativos presentes no sítio não foi encontrada correspondência na bibliografia consultada, a não ser a referência da sua ocorrência em alguns sítios. Exemplos desses padrões são as decorações incisadas em baixo relevo e as moldadas em alto relevo.

De acordo com a escala Miller (apud SYMANSKI, 1998), em uma primeira etapa de fabricação, a faiança fina sem pintura destinava-se a um setor da sociedade com um poder aquisitivo menor. No entanto, em uma etapa posterior a pasta e os esmaltes sofreram alterações melhorando bastante a qualidade das louças, aumentando seu custo e fazendo com que a louça branca entrasse no mercado substituindo as peças decoradas (até então mais caras), nas mesas de servir das classes mais abastadas.

A segunda categoria é composta por cinco grupos de faiança fina que representam, cada um, uma técnica decorativa. O primeiro grupo de peças dessa categoria no catálogo é representado pelas louças decoradas com pintura manual à mão livre. Esta tipologia corresponde a 29,74% do total dos fragmentos de louça decorada, e é a que tem o maior número de peças reconstituídas. Observam-se dois estilos decorativos nas amostras analisadas. O estilo *peasant* (amostras 01, 04, 60, 61) é caracterizado por motivos florais com traços largos cobrindo quase toda a superfície da peça, encontrado na forma de urinóis, bacias, jarras e malgas, em tons brilhantes de verde, vermelho, preto e azul. Sua produção é atribuída ao período entre 1810 e 1860. O estilo *sprig* (amostra 02) é caracterizado por motivos florais com traços finos cobrindo pequena parte da superfície da peça. O período de fabricação desse estilo foi entre as décadas de 1830 e 1860. Na Casa 8 esse estilo aparece associado à louça de chá. O período de maior popularidade desses dois estilos foi entre as décadas de 40 e 60 do século dezoito.

---

<sup>23</sup> Os padrões gótico e trigal foram identificados somente durante a realização deste trabalho.

A técnica de pintura à mão livre combinada com impressão está representada no sítio na forma de objetos côncavos, dentre os quais uma tigela com motivo floral pintado à mão e impressão no estilo *spatter*. Atribuiu-se a fabricação dessa louça para o período entre as décadas de 1820 – início da produção de *spatter* – e 1860 – final da produção do pintado à mão livre (amostras 35, 36, 58).

O segundo grupo de peças e fragmentos do catálogo representa 12,26% da categoria de louça decorada e corresponde à técnica de pintura manual com impressão. Esse grupo está dividido de acordo com a técnica de impressão utilizada.

A decoração com impressão carimbada é encontrada em uma grande variedade de motivos e cores (amostras 12, 13, 34, 37, 62, 63, 64, 65, 66). Dentro da técnica de pintura manual com impressão a decoração carimbada representa 42,6% dos fragmentos. As formas identificadas referem-se mais aos objetos de cozinha como tigelas e pires. Em alguns casos, mesmo definindo a forma, não é possível diferenciar a função do utensílio, não ficando claro se ele pertence a um conjunto de cozinha ou de toalete. Essa decoração aparece em combinação com a técnica pintada à mão livre em um pote de toalete. As outras variedades de motivos e cores são encontradas em fragmentos em dimensões que não permitem identificar as formas.

A decoração carimbada foi aplicada em louças a partir de 1845 e estendeu-se até o início do século vinte. A combinação com a técnica pintada à mão livre tem seu término provavelmente na década de sessenta do século dezenove, período em que deixam de ser produzidas as louças com decoração pintada à mão livre (TOCCHETTO, 2001, p.27). Segundo Schávelzon (2001), essa louça tornou-se bastante popular por ter um custo baixo.

A decoração *spatter* em seus dois estilos – *true spatter* e *design spatter* – ocorre em uma proporção muito pequena, representando apenas 2,16% da louça decorada com impressão.



Exemplo dos estilos *true spatter* (A) e *design spatter* (B).

Fonte: acervo do LEPAARQ

As dimensões reduzidas dos fragmentos não permitiram a identificação de formas. Segundo Majewski & O'Brien (apud TOCCHETTO, 2001, p.27), esta decoração é muito comum em louças de mesa e em serviços de chá e toalete. O período de maior popularidade do *spatter* foi entre as décadas de 1830 e 1840, sendo que a variante *design spatter* pode ter sido produzida até o final do século dezenove. A decoração *sponge* aparece em uma quantidade ainda menor que a *spatter*, representando 1,8%. Essa decoração, caracterizada pela aplicação da tinta com o auxílio de uma esponja, resultando em uma pintura com aparência manchada, foi produzida do final da década de 1840 até 1935. Foi aplicada em louças de mesa, chá e toalete. Nas amostras da Casa 8 não foi possível fazer a identificação das formas.



Exemplo do estilo *sponge*.  
Fonte: acervo do LEPAARQ

A decoração *dipped* ou *annular* (amostra 59) é caracterizada pela aplicação de uma fina camada de argila colorida em toda a superfície da peça em forma de faixas largas, podendo apresentar desenhos entre as faixas. Entre os fragmentos decorados por impressão essa decoração representa 10,8%. Na bibliografia consultada não há uma especificação sobre as características do *dipped*, fazendo com que em alguns casos ela seja confundida com a decoração faixas e friso. Por isso, na tentativa de estabelecer mais claramente essas características, optou-se por considerar como *dipped* os fragmentos que apresentam toda a superfície coberta com ou sem faixas e/ou frisos em relevo (SCHÁVELZON, 2001). Incluíram-se também nessa decoração os motivos geométricos que apresentam a característica básica do *dipped*, ou seja, a superfície totalmente coberta. O *dipped* tem o início de sua fabricação entre as décadas de 1780 e 1790 e o final entre 1815 e 1820 e a metade do século dezenove. O tamanho reduzido dos fragmentos não permitiu a identificação de formas nas amostras analisadas.

A decoração no estilo faixas e frisos (amostras 07, 08, 09, 10, 11, 38, 39, 40, 41, 42, 43) é caracterizada pela pintura de faixas (largas ou estreitas) e/ou frisos em pequenas áreas ao redor da peça. A representação dessa decoração entre as louças impressas é de 42,6%, igual à da decoração carimbada. A bibliografia especializada

apresenta algumas variantes dessa decoração que têm períodos de produção distintos, conforme características específicas, como largura das faixas, cor, estilo dos frisos, dentre outros aspectos. De um modo geral, o período de produção dessa louça vai de 1790 ao início do século vinte.

As formas mais comuns são as louças côncavas, como xícaras, malgas e tigelas, e os pratos e pires. Nas amostras analisadas, identificamos essa decoração em pratos, pires e louça côncava.

O terceiro grupo de peças corresponde às louças decoradas pelo processo mecânico de impressão por transferência, ou *transfer printing*. Os fragmentos decorados com essa técnica são os que aparecem em maior quantidade na categoria de louças decoradas, representando 31,96%, do total dos fragmentos.

A técnica de *transfer printing* começou a ser produzida a partir de 1750. Ao longo do tempo, uma grande quantidade de motivos decorativos foi sendo criada, novas cores foram incorporadas e novas técnicas de produção foram desenvolvidas. A técnica do *transfer printing* permitiu a decoração de grande quantidade de peças em um tempo reduzido, diminuindo os custos de produção e tornando esse tipo de louça bastante popular.

Os períodos de produção do *transfer printing* variam de acordo com as características da técnica, que podem ser a cor, o motivo central, o motivo da borda, a aplicação do esmalte ou a combinação desses fatores. Nas amostras analisadas foi identificada uma grande variedade de motivos e estilos decorativos.

Os motivos florais centrais aparecem no estilo *sheet floral* em azul claro e marrom (amostras 18, 19). Esse estilo foi produzido no período de 1795 a 1867, porém as cores azul claro e marrom só começaram a serem utilizadas a partir de 1818. Como motivo central o *Floral* é encontrado associado à borda linear, produzido entre 1820 e 1891.

Como decoração de borda os motivos florais são encontrados em verde (borda contínua), produzidos entre 1818 e 1856; violeta (borda linear com motivos florais e cartuchos; borda linear com motivos florais; cartucho floral), produzidos entre 1818 e 1870; marrom produzido entre 1818 e 1869; rosa (cartucho floral) produzido entre 1802 e 1864 e azul escuro (borda contínua) produzido entre 1802 e 1846 (amostras 50, 51, 52).

As formas identificadas com motivos florais foram prato, bule, xícara, pires e tampa de sopeira.

É importante ressaltar que, dentre as peças identificadas como *transfer printing*, foi encontrado um bule decorado com motivo floral azul claro, com borda linear que sugere um período de fabricação entre 1820 e 1891. No entanto, esta peça apresenta um selo impresso com a inscrição “Souza & Irmão – Pelotas” (amostra 14). A presença do selo sugeriu a possibilidade da peça ter sido produzida em Pelotas. Na tentativa de esclarecer essa possibilidade o historiador Mario Osório Magalhães relata:

O que tenho sobre o assunto está longe de ser definitivo, mas transmiti ao prezado amigo, colega no curso de História, uma pequena informação, a qual partilho, hoje, com o leitor, pensando na perspectiva de uma colaboração, de um acréscimo qualquer.

Guardo em meus arquivos a transcrição de uma notícia do Diário Popular, publicada no dia 14 de abril de 1891. Diz assim: “Minas das Guabiobas. O senhor Francisco de Paula Guedes vendeu a uma companhia do Rio de Janeiro as minas de kaolin (sic) existentes nas suas chácaras nas Guabiobas, arredores da cidade, para que dentro em breve construa-se uma fábrica de louça.”<sup>24</sup>

Apesar dessa importante informação, até o momento não foi possível comprovar a existência, em Pelotas, de uma fábrica de louças neste período.

Os motivos orientais que caracterizam o estilo *chinoiserie* (amostra 15) estão representados nas amostras do sítio principalmente pelo padrão *willow*. O estilo *chinoiserie* foi produzido no período de 1780 a 1873, porém o padrão *willow* continua sendo produzido até hoje, o que impossibilita o seu uso como indicador cronológico. O padrão *willow* (amostras 44, 45, 46, 47, 48, 49) caracteriza-se pela representação de uma fábula chinesa que tem na cena central a figura de dois pombos. Por esse motivo ficou conhecido no Brasil como “louça dos pombinhos”. Neste estilo, as formas identificadas foram prato e bule e a cor predominante o azul.

No estilo *chinoiserie* encontra-se ainda o padrão *brosley* (amostra 16), muito semelhante ao *willow* e, provavelmente, produzido no mesmo período. Este padrão caracteriza-se pela representação de motivos orientais. Na amostra identificou-se uma xícara decorada com esse padrão.

O estilo romântico (amostra 17) também está representado nas amostras do sítio. Este estilo foi produzido entre 1793 e 1870. Caracterizado pelos desenhos de fontes de água, bandeiras, tendas, etc. encontram-se no sítio na forma de pires e xícara.

---

<sup>24</sup> Trecho do artigo publicado no Jornal Diário Popular no dia 07 de Setembro de 2003.

Outro estilo representado no catálogo é o de vistas exóticas. Nas amostras analisadas este estilo é caracterizado por motivos relacionados à arquitetura exótica.



Exemplo do estilo vistas exóticas.  
Fonte: acervo do LEPAARQ

Este estilo foi produzido no período de 1793 a 1868. As formas não foram identificadas.

Nas amostras foram encontrados diversos fragmentos com decoração em *transfer printing* coberta por lustre, porém as referências encontradas na bibliografia consultada não foram suficientes para classificá-los.



Outro motivo para o qual não são encontradas referências na bibliografia é o motivo classificado como “geométrico”. Ele tem pouca representação quantitativa no conjunto das louças decoradas pela técnica *transfer printing*, não ultrapassando dez fragmentos. Quanto às formas, só foi possível identificar a presença de bordas de recipientes pequenos, semelhantes a xícaras.



Exemplo do estilo geométrico.  
Fonte: acervo do LEPAARQ

Outra categoria para a qual não se encontrou referência na bibliografia refere-se aos recipientes utilizados nas indústrias farmacêutica e de alimentos. Exemplificando a indústria farmacêutica está um pote de remédio com o rótulo impresso (amostra 55). As inscrições indicam que é de fabricação inglesa. A

indústria de alimentos está representada por um pote de mostarda de fabricação francesa (amostra 56). A inscrição sobre a superfície informa a premiação recebida em 1900, em Paris, indicando que sua fabricação é posterior a essa data.

O quarto grupo de peças reúne as louças decoradas pela técnica de adição de produto químico durante a queima. Essa louça representa 10,44% do total de fragmentos da categoria de louças decoradas. Como foi dito anteriormente, Brancante (1981, p.510) sugere que, a princípio, o borrão constituiu-se em uma falha técnica produzida por erros na preparação do cobalto, utilizado como pigmento azul, ou pela utilização de cobalto de baixa qualidade. Mais tarde, com a intenção de reproduzir esse efeito para fins decorativos, os ingleses passaram a acrescentar recipientes contendo cloretos voláteis no forno, durante a queima, para a aplicação do esmalte. Essa técnica era aplicada tanto na decoração pintada à mão quanto na *transfer printing*. O borrão foi produzido de forma intencional do início da década de 1830 até o século vinte. Foi aplicado a uma grande variedade de formas (amostras 21, 22, 53, 67, 69). Nas amostras analisadas foram identificadas xícaras, vaso, pratos e provavelmente um urinol.

O quinto grupo está representado pela decoração conhecida como *shell edged*, que combina duas técnicas decorativas, a alteração de superfície e a pintura à mão. Essa decoração representa 15,58% dos fragmentos de louça decorada. Apesar dessa definição, alguns autores consideram que a característica principal desse padrão é a presença de linhas curtas imitando o formato de escamas de peixe ou de bordas de conchas perpendiculares à borda e ao longo desta, podendo ser moldadas, em relevo, pintadas, ou combinando esses e outros atributos. O *shell edged* começou a ser produzido em 1775 e se estendeu até 1900. Algumas variações do padrão tiveram um período de produção menor (amostras 23, 28, 31, 54).

As formas identificadas nas amostras são prato, travessa e pires. As cores mais comuns e mais antigas são o verde e o azul, contudo foram produzidas peças em rosa, marrom, púrpura, preto, vinho, vermelho e também sem pintura. Outra variedade desse padrão, identificada nas amostras analisadas, corresponde a uma decoração em alto relevo, pintada, em peças com borda no estilo *royal rim*, para a qual não foi encontrada referência na bibliografia consultada. Variedades mais simples atribuídas a um período de fabricação mais longo também estão presentes nas amostras da Casa 8.



Exemplo do estilo *shell edged* em borda *royal rim*.

Fonte: acervo do LEPAARQ

Outro padrão encontrado na categoria das louças com superfície modificada e pintura não possui uma nomenclatura específica e caracteriza-se pela decoração em relevo aplicado na forma de frutas, árvores ou figuras humanas, às vezes compondo uma cena.

Um exemplo desse padrão, encontrado nas amostras, apresenta figuras (composição de cena) aplicadas sobre superfície pintada em azul. Para esse padrão também não foi encontrada referência na bibliografia consultada.



Exemplo do estilo superfície modificada com sobreposição de formas.

Fonte: acervo do LEPAARQ

Um grupo de 585 fragmentos não foi incluído no catálogo à época de sua confecção por não apresentar correspondência na bibliografia, impossibilitando sua identificação. Mais tarde, em 2008, quando retomamos a análise do material para realização deste trabalho, os fragmentos foram definitivamente identificados pela professora Lourdes Domingues<sup>25</sup>, como sendo *Ironstone*, uma variedade de louça inglesa também conhecida como “louça de granito”, que, segundo alguns especialistas contém partículas de ferro. Esta louça é caracterizada por uma pasta branca irregular coberta por uma camada fina de esmalte translúcido muito brilhoso. Em alguns casos a camada de esmalte é mais espessa dando a aparência de um vidro. Muitos dos fragmentos encontrados apresentam decoração pintada ou friso dourado na borda. A decoração é muito semelhante à da faiança fina, porém o esmalte assemelha-se com a porcelana. As formas identificadas estão relacionadas

---

<sup>25</sup> Oficina Del Historiador – La Habana, Cuba. Oficina de cerâmica realizada durante missão de cooperação científica com o Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural e o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia em 2008.

a serviços de chá e jantar. O seu período de fabricação não é bem definido pela bibliografia, sabendo-se apenas que em 1815 esta nova variedade foi patenteada pelo fabricante Mason, na Inglaterra (BRANCANTE, 1981, p.131). Há informações também, de que a fábrica de Vista Alegre, de Portugal, fundada em 1824, passou a produzir este tipo de *faiança fina*, contudo não há referência ao período exato dessa produção (BRANCANTE, 1981, p.503).

#### **4.6 Amostra de louças do centro urbano de Pelotas**

Nossa fonte de estudo é constituída por uma amostra de louças selecionadas do Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel, que sistematiza o conjunto das louças do sítio Casa 8, bem como as coleções referentes aos outros quatro sítios incluídos na pesquisa (*Casa 2, Casa da Banha, Largo Edmar Fetter, Praça Cel. Pedro Osório*). Na amostra selecionada estão representados, com no mínimo uma peça, quatro dos sítios que representam o universo espacial do centro urbano de Pelotas. A amostra é composta por um total de 70 peças (fragmentos ou peças reconstituídas a partir de dois ou mais fragmentos) apresentadas por meio de fotografias. Cada uma das peças está acompanhada de dados de identificação, de uma breve descrição e de um número que as identifica dentro da coleção. As peças que fazem parte do Catálogo de Faiança Fina (2003), por terem sido reproduzidas a partir deste, estão acompanhadas de suas dimensões. As peças representantes dos outros sítios, que foram incluídas na amostra, foram fotografadas com escala (5 cm).

Considerando que nossa análise é feita a partir do elemento forma/função, associado à técnica decorativa, a seleção foi realizada a partir do critério de possibilidade de identificação desses elementos, ou seja, participam da amostra apenas as peças reconstituídas ou os fragmentos que podem ter a forma/função e a técnica decorativa identificadas.

Na amostra estão incluídas duas categorias cerâmicas, a faiança fina e o *ironstone*. Apesar do *ironstone* não estar representado na base documental que serve de referência para o trabalho, decidimos incluí-lo por entendermos que, sendo uma variedade de louça inglesa com grande ocorrência nos sítios trabalhados e possuindo características muito semelhantes à faiança fina

(processo de fabricação, período de produção, preço), esta categoria cerâmica pode contribuir como indicador cronológico e para a análise de padrões sócio-econômicos e culturais.

Para a apresentação as louças foram organizadas de acordo com as esferas da vida cotidiana que representam: hábitos de alimentação, hábitos de saúde, hábitos de higiene e toalete e decoração de ambiente. Dentro dessas categorias as louças estão agrupadas de acordo com a técnica decorativa.

01



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.34.031

Forma/Função: Jarra/Leiteira – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual à mão livre, com tema floral em estilo *peasant*, nas cores verde, vermelho e azul, com friso dourado na borda, produzida no período de 1830 a 1860.

Dimensões: Ø borda 10 cm x Ø base. 9,5 cm x h 15,5 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 11; PEIXOTO et al, 2004, p.234.

02



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.12.076

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual à mão livre, com tema floral em estilo *spring*, nas cores verde, vermelho, amarelo e azul, produzida no período de 1840 a 1860.

Dimensões: Ø borda 9,5 cm x h 6 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 13

03



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.15.111

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual à mão livre, com tema floral combinando os estilos *peasant* e *sprig*, nas cores verde, vermelho e preto, produzida no período de 1840 a 1860.

Dimensões: Ø borda 10 cm x Ø base 5 cm x h 6 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 14.

04



Sítio: Largo Edmar Fetter  
Nº de Inventário: 53.13

Forma/Função: Prato médio – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual à mão livre com tema floral em estilo *peasant* na cor vermelha, produzida no período de 1840 a 1860.

05



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça sem decoração, *whiteware*, produzida a partir de 1820 até os dias atuais.

06



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça sem decoração, *whiteware*, produzida a partir de 1820 até os dias atuais.

07



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça *whiteware*, decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso na cor dourada, produzida a partir de 1860.

08



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.18.456

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça *pearlware*, decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso na cor verde, produzida no período de 1790 ao início do séc. XIX (1820/1840).

Dimensões: Ø borda 10 cm x Ø base 4 cm x h 6 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 34.

09



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.31.067

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça *pearlware*, decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso na cor verde, produzida no período de 1790 ao início do séc. XIX (1820/1840).

Dimensões: Ø borda 15 cm x Ø base 7,5 cm x h 3 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 35.

10



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.34.012

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, no estilo frisos verticais, na cor rosa. Período de fabricação não identificado.

Dimensões: Ø borda 24 cm x Ø base 7,5 cm x h 4 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 45.

11



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, no estilo friso dourado, produzido a partir de 1860.

12



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada, nas cores verde, amarelo, vermelho e preto, produzido no período de 1845 ao início do séc. XX.

13



Sítio: **Praça Cel. Pedro Osório**  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada, nas cores vermelho e azul, produzido no período de 1845 ao início do séc. XX.

14



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: 14.34.014

Forma/Função: Bule – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica por transferência – *transfer printing* –, com tema floral e borda linear, na cor azul, produzida no período de 1820 a 1891. Selo pintado com a inscrição “Souza & Irmãos – Pelotas”.

Dimensões: Ø borda 11 cm x Ø base 9 cm x h 14,5 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 46.

15



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.32.036

Forma/Função: Bule – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, na cor azul, produzida no período de 1783 a 1873.

Dimensões: Ø borda 12,5 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 47.

16



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.48

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, padrão *brosley*, na cor azul, produzida a partir de 1780.

Dimensões: Ø sup. 8 cm x Ø inf. 4,5 cm x h 6,5 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 50.

17



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.15.127

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena romântica, na cor azul, produzida no período de 1793 a 1870.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 51.

18



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.15.161

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema floral no estilo *sheet floral*, na cor marrom, produzida no período de 1795 a 1867.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 55.

19



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.18.540**

Forma/Função: Bule (bico) – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema floral no estilo *sheet floral*, na cor marrom, produzida no período de 1795 a 1867.

20



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.41.013**

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, na cor azul médio, produzida no período de 1795 a 1867.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 63.

21



Sítio: **Praça Cel. Pedro Osório**  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com adição de produto químico durante a queima – *flow blue* – (borrão), com tema paisagem romântica, na cor azul. Produzida no período de 1830 a 1870.

22



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: 14.15.132

Forma/Função: Xícara – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com adição de produto químico durante a queima – *flow blue* – (borrão), com tema floral e cena chinesa, no estilo chinoiserie, na cor azul. Produzida no período de 1830 ao século XX.

Dimensões: h 7 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 71.

23



**Sítio: Casa 8**  
**Nº de Inventário: 14.18.445**

Forma/Função: Pires – Serviço de chá e café.

Descrição: Louça decorada pela técnica de alteração de superfície combinada com pintura à mão livre, padrão *shell edged*, na cor azul escuro, produzida no período de 1775 a 1860.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 77.

24



**Sítio: Casa 8**  
**Nº de Inventário:**  
**14.34.092**

Forma/Função: Prato de serviço – Serviço de jantar.

Descrição: Louça branca.

Dimensões: c 33,5 cm x l 26 cm x h 3 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 01.

25



**Sítio: Casa 8**  
**Nº de Inventário: 14.34.086**

Forma/Função: Terrina – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de alteração de superfície, padrão Gótico, produzida no período de 1840 a 1850.

Dimensões: c 31 cm x l 26 cm x h 7 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 06; PEIXOTO et al, 2004, p.233.

26



**Sítio: Casa 8**  
**Nº de Inventário: 14.34.082**

Forma/Função: Tampa de terrina – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de alteração de superfície, padrão Gótico, produzida no período de 1840 a 1850.

Dimensões: c 23 cm x l 23 cm x h 14 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 03; PEIXOTO et al, 2004, p.233.

27



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Tapa de sopeira – Serviço de jantar.

Descrição: Louça *ironstone*, decorada pela técnica de alteração de superfície, produzida a partir de 1815.

28



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.31.102

Forma/Função: Prato de servir – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de alteração de superfície, padrão *shell edged*, combinada com pintura à mão livre, na cor verde, produzida no período de 1775 a 1860.

Dimensões: c 34 cm x l 27,5 cm x h 3,5 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 78.

29

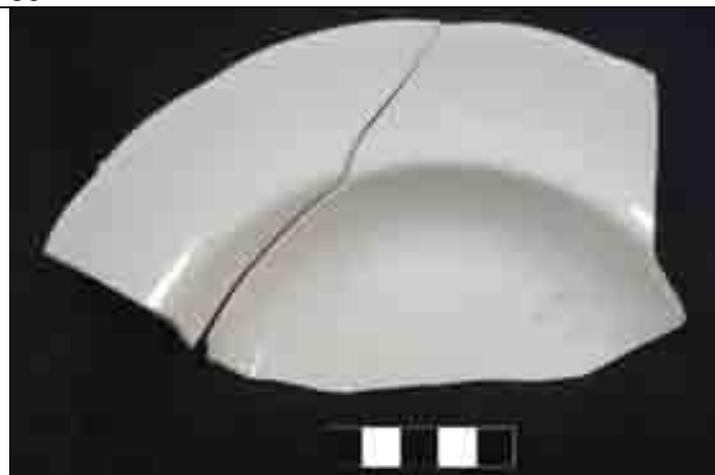


Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça *creamware*, produzida no período de 1750 a 1810.

30



Sítio: *Casa 2*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Prato fundo – Serviço de jantar.

Descrição: Louça *whiteware*, decorada pela técnica de alteração de superfície em padrão *royal rim*, produzida no período de 1820 a 1850.

31



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de alteração de superfície combinada com pintura à mão livre, padrão *shell edged* na cor vermelha, produzida no período de 1775 a 1860.

32



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.33

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça *whiteware*, decorada pela técnica de alteração de superfície em padrão *royal rim*, produzida no período de 1820 a 1850.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 05.

33



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.32.068

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de alteração de superfície em padrão trigal, produzida a partir de 1851.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 08.

34



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.34.061

Forma/Função: Malga – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada com tema floral, nas cores verde, vermelho e azul, produzida no período de 1845 ao início do séc. XX.

Dimensões: h 7,5 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 18.

35



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.18.449**

Forma/Função: Malga – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual à mão livre combinada com pintura manual com impressão padrão carimbada com tema floral, nas cores verde, vermelho, preto e azul escuro, produzida no período de 1840 a 1860.

Dimensões: Ø borda 12,5 cm x Ø base 6,5 cm x h 7 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 12.

36



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.12.059**

Forma/Função: Malga – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pelas técnicas de pintura manual à mão livre e pintura manual com impressão, padrão carimbada combinado com *spater*, com tema floral, nas cores verde, marrom e lilás, produzida no período de 1820 à década de 1860.

Dimensões: Ø borda 16 cm x Ø base 7 cm x h 8 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 16.

37



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.4.017

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada na cor azul, produzida no período de 1845 ao início do séc. XX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 20.

38



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça *ironstone*, decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, no estilo friso na borda, na cor amarela, produzida no último quartel do séc. XIX.

39



**Sítio: Praça Cel. Pedro Osório**  
**Nº de Inventário: não inventariado**

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, no estilo friso dourado, produzida a partir de 1860.

40



**Sítio: Casa 8**  
**Nº de Inventário: 14.12.069**

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, na cor vermelha, produzida no último quartel do séc. XIX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 36.

41



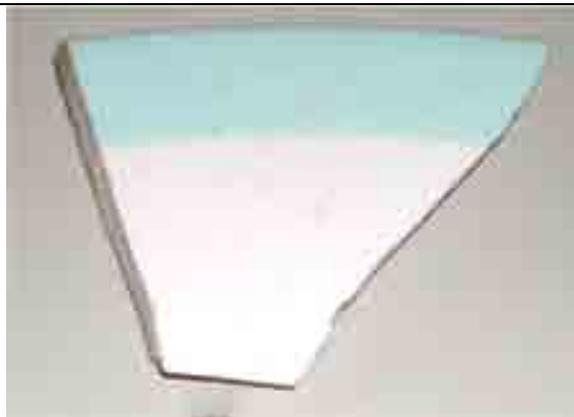
**Sítio: Casa 8**  
**Nº de Inventário: 14.13.105**

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, no estilo faixa larga com friso colorido, na cor azul, produzida no período de 1790 ao início do séc. XX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 37.

42



**Sítio: Casa 8**  
**Nº de Inventário: 14.4.061**

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, estilo faixa azul larga, produzida a partir de 1840.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 39.

43



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.18.538**

Forma/Função: Prato fundo – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão faixas e friso, estilo frisos na borda, na cor azul, produzida no último quartel do séc. XIX.

Dimensões: Ø borda 24 cm x Ø base 10 cm x h 4 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 43.

44



Sítio: **Largo Edmar Fetter**  
Nº de Inventário: **53.04**

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, padrão *willow*, na cor azul, produzida a partir de 1780.

45



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.12.089

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, padrão *willow*, na cor azul, produzida a partir de 1780.

Dimensões: Ø ≅ 20 cm x h 2,5 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 48.

46



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.18.466

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, padrão *willow*, na cor azul, produzida a partir de 1780, com selo impresso.

Dimensões: Ø base 11 cm.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 49.

47



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Tampa de prato – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, padrão *willow*, na cor azul, produzida a partir de 1780.

48



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: 36.035

Forma/Função: Prato de servir – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, padrão *willow*, na cor azul, produzida a partir de 1780.

49



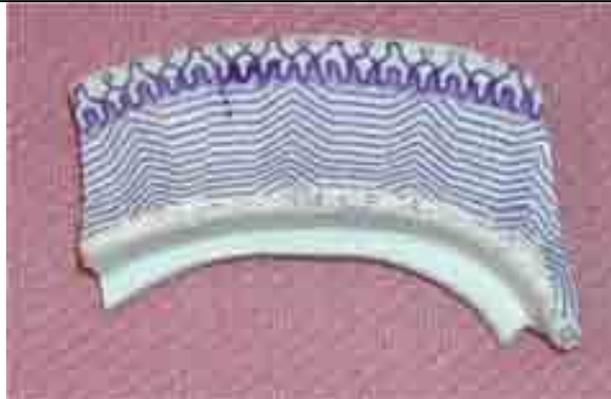
Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Prato de servir – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com tema cena chinesa no estilo *chinoiserie*, padrão *willow* na cor verde, produzida no período de 1818 a 1859.

OBS: Padrão identificado com base nos demais fragmentos da peça.

50



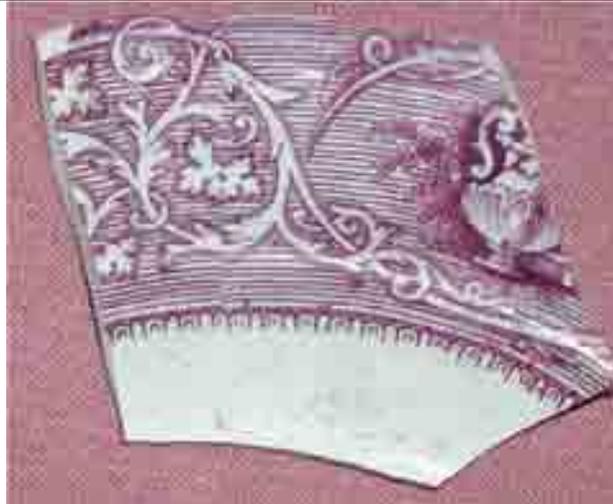
Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.15

Forma/Função: Prato de servir – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com borda estilo linear, na cor azul escuro, produzida no período de 1820 a 1891.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 59.

51



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.12.216

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com borda linear com motivos florais e cartuchos, na cor violeta, produzida no período de 1818 a 1870.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 53.

52



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.48.032

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com borda floral no estilo repetição contínua, na cor azul escuro, produzida no período de 1802 a 1846.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 60.

53



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.12.063**

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com adição de produto químico durante a queima – *flow blue* – (borrão), com tema cena chinesa, no estilo *chinoiserie*, na cor azul. Produzida no período de 1830 ao século XX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 74.

54



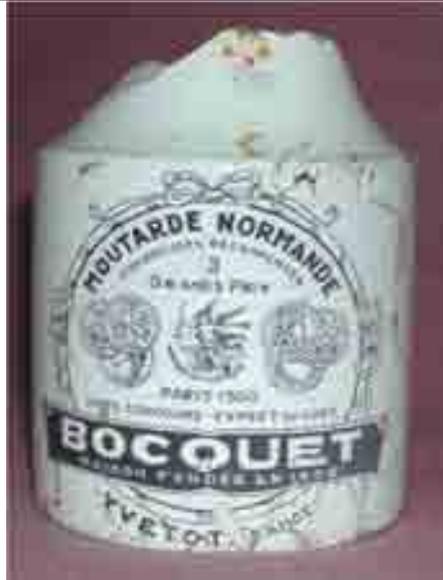
Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.34**

Forma/Função: Prato raso – Serviço de jantar.

Descrição: Louça decorada pela técnica de alteração de superfície, combinada com pintura à mão livre, padrão *shell edged* na cor azul, produzida no período de 1780 a 1900.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 75.

55



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.11.049

Forma/Função: Pote de mostarda – Recipiente para produtos alimentícios.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com rótulo na cor preta. O selo com a inscrição DIGOIN & SARREGUEMINES foi usado de 1871, quando foram construídas as fábricas de Digoin e Vitry-le-François, até mais ou menos 1919, quando as fábricas foram unidas sob o nome de "Sarreguemines - Digoin - Vitry-le-François"<sup>26</sup>.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 70.

56



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.11.050

Forma/Função: Pote de remédio – Recipiente para produtos farmacêuticos.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com rótulo na cor preta.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 69.

<sup>26</sup> Disponível em: <[www.porcelainmarksandmore.com/lorraine/saargemuend\\_1/00.php](http://www.porcelainmarksandmore.com/lorraine/saargemuend_1/00.php)> Acesso em: ago. 2009.

57



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.11.029**

Forma/Função: Pote para pó de arroz para Toucador.  
Descrição: Louça *whiteware*, sem decoração, produzida a partir de 1820.  
Dimensões: Ø sup. int. 8 cm x Ø inf. 9 cm x h 4 cm.  
Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 02.

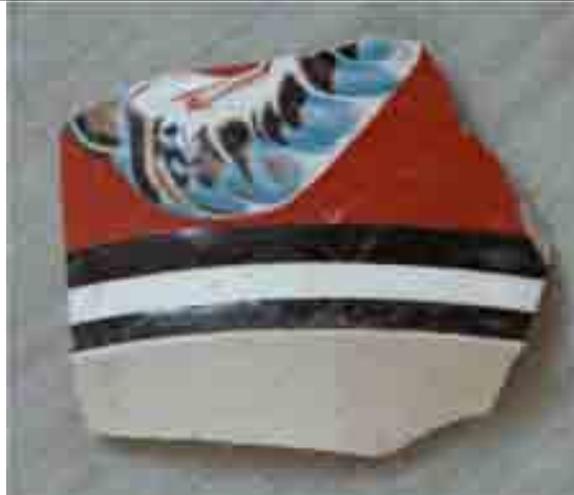
58



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.12.064**

Forma/Função: Pote de toalete.  
Descrição: Louça decorada pelas técnicas de pintura manual à mão livre e pintura manual com impressão carimbada, com tema floral, nas cores, verde, rosa, azul e lilás, produzida no período de 1845 a 1860.  
Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 19.

59



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.20.057

Forma/Função: Pote de toaile.

Descrição: Louça *creamware*, decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão *dipped*, nas cores preto, vermelho (ocre) e azul, produzida no período de 1780 a 1815.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 33.

60



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.18.451

Forma/Função: Urinol / Vaso noturno.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual à mão livre, com tema floral em estilo *peasant*, nas cores verde, vermelho e amarelo, produzida no período de 1830 a 1860.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 09.

61



Sítio: Casa 8  
Nº de Inventário: 14.18.524

Forma/Função: Bacia.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual à mão livre, com tema floral em estilo *peasant*, nas cores verde, vermelho e azul, produzida no período de 1830 a 1860.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 10.

62



Sítio: Praça Cel. Pedro Osório  
Nº de Inventário:  
não inventariado

Forma/Função: Urinol / Vaso noturno.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada, nas cores verde, amarelo, vermelho e preto, produzido no período de 1845 ao início do séc. XX.

63



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Pote.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada, com tema floral, nas cores verde, vermelho, azul e preto, produzida no período de 1840 ao início do séc. XX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 17.

64



Sítio: *Casa 8*  
Nº de Inventário: 14.34.088

Forma/Função: Bacia.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada, com tema floral, nas cores verde, vermelho, azul e preto, produzida no período de 1840 ao início do séc. XX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 17, PEIXOTO et al, 2004, p.234.

65



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Bacia.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada, com tema floral, nas cores verde, vermelho, azul e preto, produzida no período de 1840 ao início do séc. XX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 17.

66



Sítio: *Praça Cel. Pedro Osório*  
Nº de Inventário: não inventariado

Forma/Função: Urinol / Vaso noturno.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura manual com impressão, padrão carimbada, com tema floral, nas cores verde, vermelho, azul e preto, produzida no período de 1840 ao início do séc. XX.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 17.

67



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.12.052**

Forma/Função: Urinol / Vaso noturno.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com adição de produto químico durante a queima – *flow blue* – (borrão), na cor azul. Produzida no período de 1830 a 1869.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 72.

68



Sítio: **Praça Cel. Pedro Osório**  
Nº de Inventário: **não inventariado**

Forma/Função: Escarradeira – elemento ornamental em forma de rosto de animal, com representação de par de olhos.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing*.

69



Sítio: **Casa 8**  
Nº de Inventário: **14.34.074**

Forma/Função: Vaso – Peça de decoração.

Descrição: Louça decorada pela técnica de pintura mecânica – *transfer printing* –, com adição de produto químico durante a queima – *flow blue* – (borrão), padrão cena chinesa, estilo chinoiserie, na cor azul. Produzida no período de 1830 a 1873.

Bibliografia: PEIXOTO, 2003, Cat. 73.

70



Sítio: **Praça Cel. Pedro Osório**  
Nº de Inventário: **15.042**

Forma/Função: Bibelô (?) – Peça de decoração.

Descrição: pintura por adição perdida, mantendo-se a coloração verde da blusa da figura feminina.

### 4.3 Análise da amostra

A análise da amostra foi realizada com base em métodos quantitativos. A classificação das peças foi feita em quatro categorias diretamente relacionadas às esferas de vida cotidiana que nos propusemos analisar. As quantificações não foram feitas com base no universo geral das louças, fragmentárias ou integrais, exumadas nas escavações dos quatro sítios estudados, uma vez que não foram realizados procedimentos exaustivos de combinação e colagem de fragmentos para a recomposição das peças, o que torna pouco proveitoso a quantificação geral para efeitos de análise, pois precisaria ser feita com base apenas em fragmentos, apesar do grande potencial que estes têm para a recomposição de peças.

Em função do exposto acima, as quantificações levam em consideração os tipos selecionados para integrar a amostra, como representativos das tipologias de forma/função e decoração trazidas a lume pelas escavações. Tal procedimento permite verificar as regularidades em termos de padrões tipológicos para as diferentes categorias de forma/função e decoração.

Após termos feito a identificação da forma/função de cada uma das peças e a sua classificação dentro das categorias pré-estabelecidas, pudemos observar que os hábitos de alimentação são os que têm maior representação com um total de 55 peças, seguidos pelos hábitos de higiene e toalete com 12, peças de decoração com 2 e, por último, hábitos de saúde com 1 peça (Fig. 24).

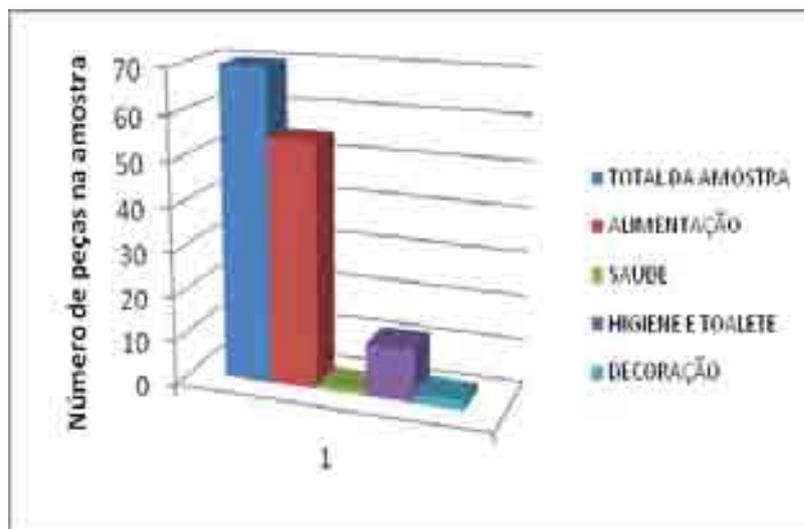


Figura 24 – Gráfico de representação das categorias em relação à amostra.

Na categoria hábitos de alimentação estão reunidos, pratos rasos e fundos, pratos de servir e tampas (terrinas, sopeiras, travessas), potes de condimentos, xícaras, pires, malgas, bules, jarras e pratos de pão ou sobremesa.

Pela diversidade de formas e funções, esta categoria foi dividida, com o objetivo de identificar e quantificar as louças referentes a serviço de chá e café e serviço de jantar. Constatamos que essas duas subcategorias estão representadas de forma quase igual, com 23 e 32 peças respectivamente. No entanto, pode haver uma variação nestas subcategorias, já que a forma prato médio foi identificada tanto como pertencente ao serviço de chá e café, na função de aparador de pão, como ao serviço de jantar, como prato de sobremesa. Da mesma forma, a malga pode servir tanto ao consumo de chá quanto ao consumo de ensopados e alimentos pastosos. Neste primeiro momento da análise optamos por enquadrar o prato médio no serviço de chá e café, e a malga no serviço de jantar, tomando como referência as atuais cobertas de chá e de mesa.

Na amostra, 23 peças relacionadas ao serviço de chá e café (amostra 1 a 23) estão representadas por 3 bules, 1 jarra, 8 pires, 10 xícaras e 1 prato médio (Fig. 25).

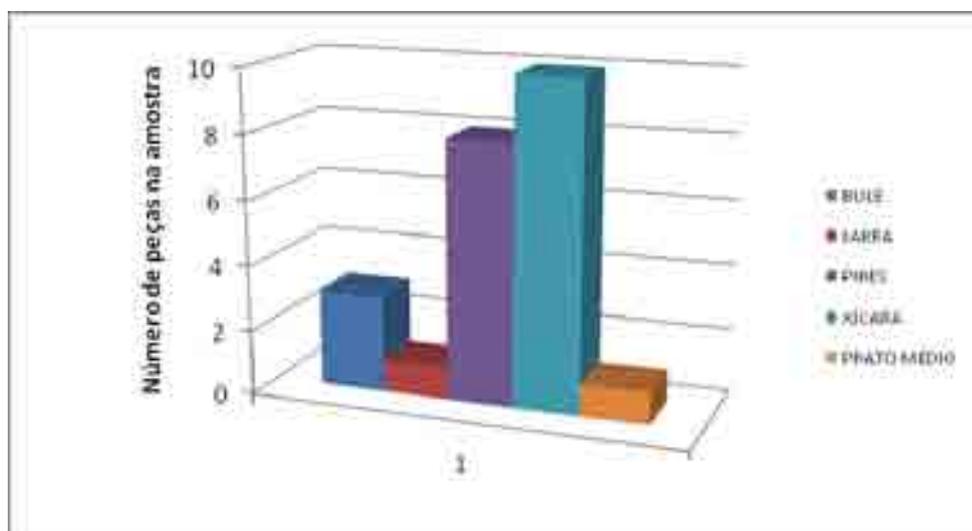


Figura 25 – Gráfico de representação das formas dentro da subcategoria serviço de chá e café.

As 32 peças da subcategoria serviço de jantar (amostra 24 a 55) estão representadas na mostra por 17 pratos rasos, 2 pratos fundos, 3 malgas, 3 tampas e 6 pratos de serviço e por 1 pote de condimento (Fig. 26).



Figura 26 – Gráfico de representação das formas dentro da subcategoria serviço de jantar.

As 12 peças relacionadas aos hábitos de higiene e toalete estão representadas na amostra por bacias, urinóis, escarradeira e potes diversos. Da mesma forma, subdividimos esta categoria e obtivemos um número de 8 peças relacionadas a higiene e 4 a toalete (Fig. 27).

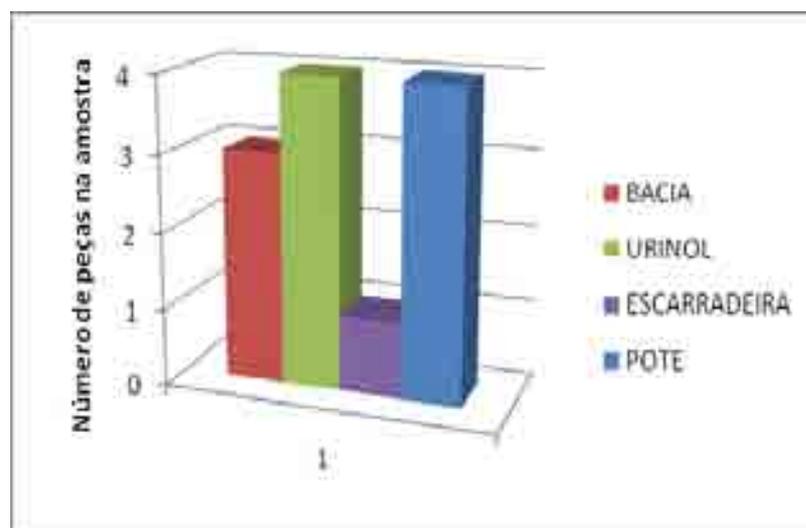


Figura 27 – Gráfico de representação das formas dentro da categoria higiene e toalete.

A categoria peças de decoração está representada por 2 peças, 1 vaso e 1 “bibelô”. A quarta e última categoria, relacionada aos hábitos de saúde está representada por 1 pote de medicamento.

Após a identificação das formas e funções e da organização das peças em categorias, passamos à identificação das técnicas decorativas e de seus padrões tipológicos. Na amostra identificamos peças decoradas por cinco técnicas diferentes e

também pela combinação de algumas delas: pintura manual à mão livre, pintura manual com impressão, pintura mecânica, alteração de superfície, adição de produto químico na queima e alteração de superfície combinada com pintura manual. No entanto, nesta fase da análise, decidimos classificar as louças da amostra em três grupos: 1) louça branca, independente de ela ser ou não decorada por alteração de superfície; 2) louça com pintura, classificada pelo padrão tipológico, considerando que este é o primeiro e mais utilizado indicador cronológico para a louça; 3) *ironstone*.

Desta forma, para esse primeiro nível da classificação obtivemos, para o total da mostra, o seguinte resultado (Fig. 28):

- Louça branca – 10 peças
- Carimbada – 9 peças
- *Dipped* – 1 peça
- Faixas e friso – 10 peças
- Floral – 6 peças
- Floral combinado com Carimbada – 3 peças
- *Shell edged* – 4 peças
- *Transfer printing* – 19 peças
- Borrão – 5 peças
- *Ironstone* – 2 peças

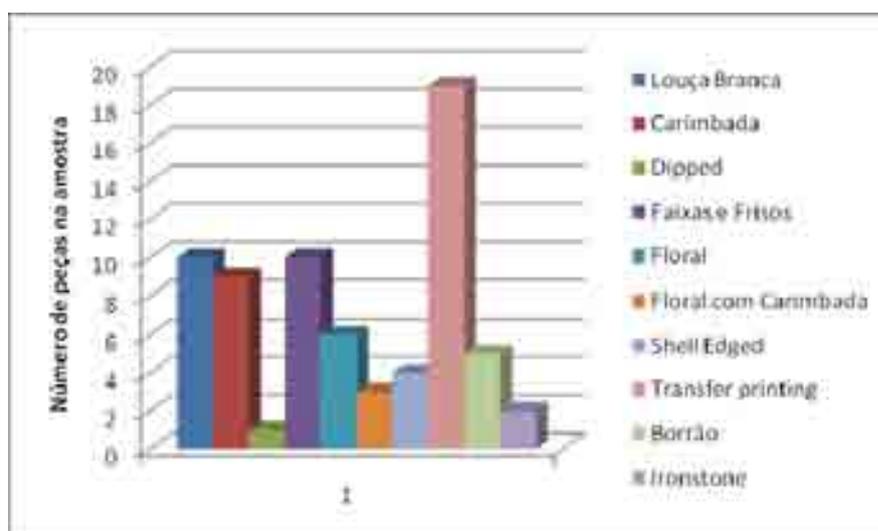


Figura 28 – Gráfico de representação das tipologias de decoração no total da amostra.

Os dados obtidos até aqui revelaram que no total da amostra há uma predominância de louças relacionadas aos hábitos de alimentação e das louças

decoradas no padrão *transfer printing*. Visto isso, partimos para um nível maior de detalhamento dos dados.

A análise da relação dos padrões tipológicos nas subcategorias revelou diferenças na predominância dos padrões (Tab. 2). A louça branca representa 2,86% no serviço de chá e café, 10% no de jantar e 1,43% categoria higiene e toalete. Nos serviços de chá e café e jantar predomina o padrão *transfer printing* enquanto na categoria higiene e toalete predomina o padrão carimbada. O *ironstone* está presente apenas no serviço de jantar e o *dipped* apenas na higiene e toalete. O padrão faixas e frisos está distribuído igualmente entre os serviços de chá e café, e o de serviço de jantar, enquanto os padrões carimbada e *shell edged* estão em proporções inversas nestas categorias: o padrão carimbada representa 4,29% das peças do serviço de chá e café e 1,43% nas de jantar; o padrão *shell edged* representa 4,29% das peças de jantar e 1,43% nas de chá e café.

Tabela 2 – Percentuais dos padrões tipológicos por categoria.

Tipologia / Quantidade	Total da amostra	%	Serviço de chá e café	%	Serviço de jantar	%	Higiene e Toalete	%
Louça branca	10	14,29	2	2,86	7	10,00	1	1,43
Carimbada	9	12,86	2	4,29	1	1,43	5	7,14
<i>Dipped</i>	1	1,43					1	1,43
Faixas e friso	10	14,29	5	7,14	5	7,14		
Floral	6	8,57	4	5,71	2	2,86	2	2,86
Floral combinado com Carimbada	3	4,29			1	1,43	1	1,43
<i>Shell edged</i>	4	5,71	1	1,43	3	4,29		
<i>Transfer printing</i>	19	27,14	7	10,00	10	12,86	1	1,43
Borrão	6	7,14	2	2,86	1	1,43	1	1,43
<i>Ironstone</i>	2	2,86			2	2,86		
TOTAIS	70		23		32		12	

Para uma melhor visualização dos dados relatados acima, apresentamos abaixo três gráficos que indicam a relação das tipologias dentro das subcategorias serviço de chá e café, serviço de jantar e higiene e toalete (Fig. 29, 30 e 31).

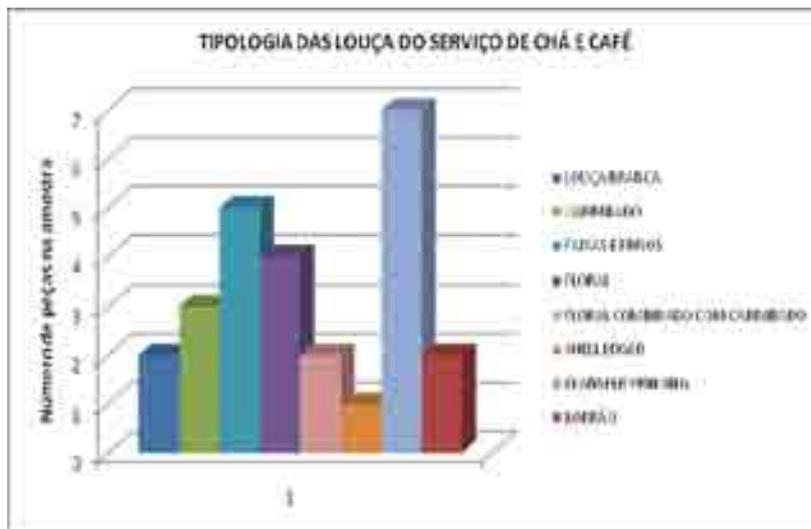


Figura 29 – Gráfico de representação das tipologias de decoração na subcategoria serviço de chá e café.



Figura 30 – Gráfico de representação das tipologias de decoração na subcategoria serviço de jantar.

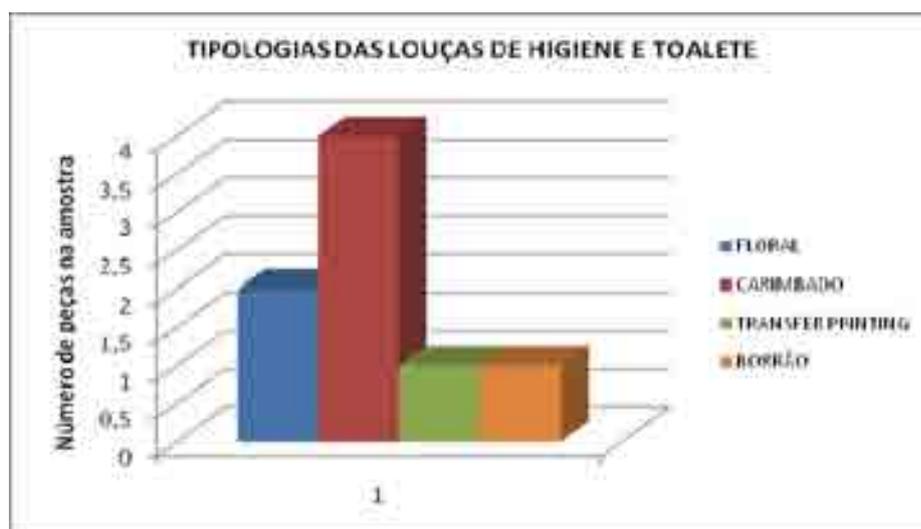


Figura 31 – Gráfico de representação das tipologias de decoração na categoria higiene e toalete.

A partir deste ponto já seria possível fazermos algumas considerações a respeito do comportamento de consumo do grupo estudado, no entanto, dentro de uma perspectiva da análise quantitativa, entendemos que é fundamental trabalhar com o maior número possível de variáveis para obtermos dados mais confiáveis. Sendo assim, passamos a analisar o período de produção indicado para os padrões tipológicos encontrados.

De um modo geral, as datas de início e fim de produção e de pico de consumo das louças são determinadas a partir de uma combinação de várias características presentes na peça e não apenas pelo padrão tipológico da decoração. Estas características podem ser a cor, a pasta, o motivo, o estilo ou o selo do fabricante. Quanto maior o detalhamento das características da peça maior será a chance de se obter uma datação exata.

Diante disso, realizamos uma análise detalhada das peças da amostra com o intuito de determinar o maior número possível de características, principalmente no que se refere aos estilos e motivos decorativos. Esta análise foi baseada em revisão e atualização de bibliografia. Abaixo apresentamos os resultados da análise em forma de tabela (Tab. 3).

Tabela 3 – Classificação geral da amostra.

Nº	Forma	Início Fabricação	Final Fabricação	Tipologia
1	Jarra / leiteira	1830	1860	pintura manual à mão livre - peasant style - floral
2	Xícara	1840	1860	pintura manual à mão livre - sprig style - floral
3	Xícara	1840	1860	pintura manual à mão livre - peasant style combinada com sprig style - floral
4	Prato médio	1840	1860	pintura manual à mão livre - peasant style - floral
5	Xícara	1820	continua	louça branca - whiteware
6	Xícara	1820	continua	louça branca - whiteware
7	Xícara	a partir de 1860	sem referência	faixas e friso - friso dourado
8	Xícara	1790	1820/1840	faixas e frisos - friso verde pearlware
9	Pires	1790	1820/1840	faixas e frisos - friso verde pearlware
10	Pires	sem referência	sem referência	faixas e friso - friso vertical rosa
11	Pires	a partir de 1860	sem referência	faixas e friso - friso dourado
12	Pires	1845	início do séc. XX	pintura manual - impressão carimbada
13	Pires	1845	início do séc. XX	pintura manual - impressão carimbada
14	Bule	1820	1891	transfer printing - floral
15	Bule	1783	1873	transfer printing - chinoiserie
16	Xícara	1780	sem referência	transfer printing - chinoiserie broslley
17	Pires	1793	1870	transfer printing - cena romântica
18	Pires	1795	1867	transfer printing - sheet floral
19	Bule (bico)	1795	1867	transfer printing - sheet floral
20	Xícara	1795	1867	transfer printing - azul médio
21	Xícara	1830	1870	borrão - transfer printing paisagem romântica
22	Xícara	1830	até o século XX	borrão - transfer printing
23	Pires	1775	1860	alteração de superfície com pintura - shell edged - azul escuro
24	Prato de serviço	sem referência	sem referência	louça branca
25	Terrina	1840	1850	alteração de superfície - branca - padrão gótico
26	Tampa de terrina	1840	1850	alteração de superfície - branca - padrão gótico
27	Tampa de sopeira	a partir de 1815	sem referência	louça branca - ironstone

Nº	Forma	Início Fabricação	Final Fabricação	Tipologia
28	Prato / travessa	1775	1860	alteração de superfície com pintura - shell edged - verde
29	Prato raso	1750	1810	louça branca - creamware
30	Prato fundo	1820	1850	alteração de superfície - branca - padrão royal rim
31	Prato raso	1775	1860	alteração de superfície com pintura - shell edged - vermelho
32	Prato raso	1820	1850	alteração de superfície - branca - padrão royal rim
33	Prato raso	1851	sem referência	alteração de superfície - branca - padrão trigal
34	Malga	1845	início do séc. XX.	pintura manual - impressão carimbada
35	Malga	1840	1860	à mão livre combinado com impressão manual carimbada - floral
36	Malga	1820	década de sessenta do séc. XIX	à mão livre combinado com impressão manual carimbada - spater
37	Prato raso	1845	Início séc. XX	pintura manual - impressão carimbada
38	Prato raso	último quartel do séc. XIX	último quartel do séc. XIX	faixas e frisos - friso dourado - ironstone
39	Prato raso	a partir de 1860	sem referência	faixas e friso - friso dourado
40	Prato raso	último quartel do séc. XIX	sem referência	faixas e friso - friso vermelho
41	Prato raso	1790	Início do XX	faixas e friso - faixa larga com friso colorido - azul
42	Prato raso	1840	sem referência	faixas e frisos - faixa larga azul
43	Prato fundo	último quartel do séc. XIX	sem referência	faixas e frisos - friso na borda - azul
44	Prato raso	a partir de 1780	contínua	transfer printing - willow - azul
45	Prato raso	a partir de 1780	contínua	transfer printing - willow - azul
46	Prato raso	a partir de 1780	contínua	transfer printing - willow - azul
47	Tampa de prato	a partir de 1780	contínua	transfer printing - willow - azul
48	Prato de servir	a partir de 1780	contínua	transfer printing - willow - azul
49	Prato	1818	1859	transfer printing - willow - verde
50	Prato de servir	1820	1891	transfer printing - borda linear - azul
51	Prato raso	1818	1870	transfer printing - borda linear - violeta
52	Prato raso	1802	1846	transfer printing - borda floral - azul
53	Prato raso	1830	século XX	borrão - transfer printing chinoiserie
54	Prato raso	1780	1900	alteração de superfície com pintura - shell edged - azul
55	Pote de mostarda	1871	1919	transfer printing - rótulo preto
56	Pote de remédio	sem referência	sem referência	transfer printing - rótulo preto
57	Pote de toalete	1820		louça branca - whiteware
58	Pote de toalete	1845	1860	à mão livre combinado com impressão manual carimbada - floral
59	Pote de toalete	1780	1815	pintura manual - impressão manual carimbada - dipped - creamware
60	Urinol noturno	1810	1860	pintura manual à mão livre - peasant style - floral
61	Bacia	1810	1860	pintura manual à mão livre - peasant style - floral
62	Urinol	1845	início séc. XX	pintura manual - impressão carimbada
63	Pote de toalete	1845	início séc. XX	pintura manual - impressão carimbada - floral
64	Bacia	1845	início séc. XX	pintura manual - impressão carimbada - floral
65	Bacia	1845	início séc. XX	pintura manual - impressão carimbada - floral
66	Urinol	1845	início séc. XX	pintura manual - impressão carimbada - floral
67	Urinol	1830	1869	borrão - transfer printing floral
68	Escarradeira	sem referência	sem referência	transfer printing
69	Vaso	1830	1873	borrão - transfer printing chinoiserie
70	Bibelô	sem referência	sem referência	sem identificação

Essa revisão bibliográfica possibilitou ajustes e correções em períodos de produção utilizados anteriormente em nossas pesquisas.

Tomando como referência a tabela acima classificamos as louças pelo critério de início de produção considerando três recortes temporais: início de

produção até 1824; início de produção entre 1825 e 1860, início de produção entre 1861 e 1890; e início de produção a partir de 1890. Os recortes temporais adotados têm como objetivo verificar a relação entre o consumo de louças e as fases de desenvolvimento econômico de Pelotas, sugeridas por Magalhães (1993). Os períodos sugeridos por Magalhães são: formação urbana – até 1835; retomada do crescimento – 1835-1860; expansão e auge – 1860-1890. Considerando o tempo de circulação das louças na cadeia comercial, recuamos em 10 anos o período de início de produção em relação ao primeiro período sugerido por Magalhães.

Como resultado dessa análise, constatamos que 23 padrões tipológicos começaram a ser produzidos entre 1750 e 1824. Estes padrões estão representados na amostra por 32 peças (45,72%) Para o período entre 1825 e 1860 relacionamos 29 peças (41,43%) incluídas em 13 padrões tipológicos. Para o período entre 1861 e 1890 apenas 4 peças (5,72%) incluídas em 4 padrões tipológicos. Com início de produção após 1890 não foram encontradas peças na amostra. Para 5 peças, que representam 7,15% da amostra, não foi possível determinar o período de início de produção.

As tabelas 4, 5 e 6 a seguir relacionam os padrões tipológicos com seu início de produção para cada período.

Tabela 4 – Padrões tipológicos com início de produção entre 1750 e 1824.

Início de produção	Tipologia
1750	louça branca - creamware
1775	alteração de superfície com pintura - shell edged - azul escuro
1775	alteração de superfície com pintura - shell edged - verde
1775	alteração de superfície com pintura - shell edged - vermelho
1780	alteração de superfície com pintura - shell edged - azul
1780	pintura manual - impressão manual carimbada - dipped - creamware
1780	transfer printing - willow - azul
1780	transfer printing - chinoiserie broslley
1783	transfer printing - chinoiserie
1790	faixas e friso - faixa larga com friso colorido - azul
1790	faixas e frisos - friso verde pearlware
1793	transfer printing - cena romântica
1795	transfer printing - azul médio
1795	transfer printing - sheet floral
1802	transfer printing - borda floral - azul
1815	louça branca - ironstone
1818	transfer printing - willow - verde
1818	transfer printing - borda linear violeta
1820	à mão livre combinado com impressão manual carimbada - spater
1820	alteração de superfície - branca - padrão royal rim
1820	louça branca - whiteware
1820	transfer printing - borda linear - azul
1820	transfer printing - floral

Tabela 5 – Padrões tipológicos com início de produção entre 1825 e 1860.

Início de produção	Tipologia
1830	borrão - transfer printing
1830	borrão - transfer printing chinoiserie
1830	borrão - transfer printing floral
1830	borrão - transfer printing paisagem romântica
1840	à mão livre combinado com impressão manual carimbada - floral
1840	alteração de superfície - branca - padrão gótico
1840	faixas e frisos - faixa larga azul
1840	pintura manual à mão livre - peasant style - floral
1840	pintura manual à mão livre - peasant style combinada com sprig style - floral
1840	pintura manual à mão livre - sprig style - floral
1845	pintura manual - impressão carimbada
1851	alteração de superfície - branca - padrão trigal
1860	faixas e friso - friso dourado

Tabela 6 – Padrões tipológicos com início de produção entre 1861 e 1890.

Início de produção	Tipologia
1871	transfer printing - rótulo preto
último quartel do séc. XIX	faixas e frisos - friso dourado - ironstone
último quartel do séc. XIX	faixas e friso - friso vermelho
último quartel do séc. XIX	faixas e frisos - friso na borda - azul

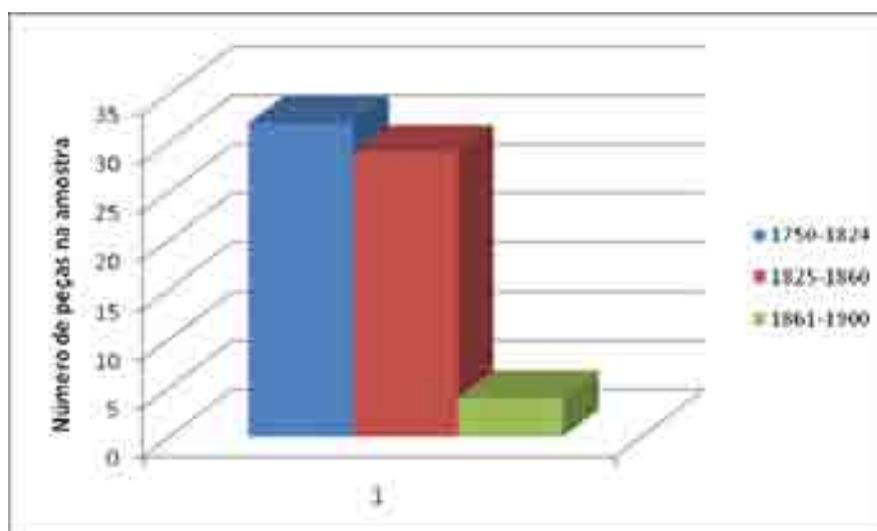


Figura 32 – Gráfico de representação de tipologias por período de início de produção.

Com a intenção de delimitar com mais precisão o período de maior consumo de louças, classificamos os padrões tipológicos da amostra também pelo período de final de produção. Para essa classificação utilizamos os mesmos recortes temporais da classificação anterior (Tab. 7, 8 e 9).

Tabela 7 – Padrões tipológicos com final de produção entre 1825 e 1860.

<b>Final de produção</b>	<b>Tipologia</b>
1846	transfer printing - borda floral - azul
1850	alteração de superfície - branca - padrão royal rim
1850	alteração de superfície - branca - padrão gótico
1859	transfer printing - willow - verde
1860	alteração de superfície com pintura - shell edged - azul escuro
1860	alteração de superfície com pintura - shell edged - verde
1860	alteração de superfície com pintura - shell edged - vermelho
1860	pintura manual à mão livre - peasant style - floral
1860	pintura manual à mão livre - sprig style - floral
1860	pintura manual à mão livre - peasant style combinada com sprig style - floral
1860	à mão livre combinado com impressão manual carimbada - floral
1820/1840 <sup>27</sup>	faixas e frisos - friso verde pearl ware
1820/1840	faixas e frisos - friso verde pearl ware

Tabela 8 – Padrões tipológicos com final de produção entre 1861 e 1890.

<b>Final de produção</b>	<b>Tipologia</b>
1867	transfer printing - sheet floral
1867	transfer printing - azul médio
1869	borrão - transfer printing floral
1870	transfer printing - cena romântica
1870	transfer printing - borda linear violeta
1873	transfer printing - chinoiserie
1873	borrão - transfer printing chinoiserie
década de sessenta do séc. XIX	à mão livre combinado com impressão manual carimbada - spater

Tabela 9 – Padrões tipológicos com final de produção a partir de 1890.

<b>Final de produção</b>	<b>Tipologia</b>
1891	transfer printing - floral
1891	transfer printing - borda linear - azul
1900	alteração de superfície com pintura - shell edged - azul
1919	transfer printing - rótulo preto
Início do séc. XX	pintura manual - impressão carimbada
Início do séc. XX	faixas e friso - faixa larga com friso colorido - azul
Início do séc. XX	pintura manual - impressão carimbada - floral
século XX	borrão - transfer printing
século XX	borrão - transfer printing chinoiserie
século XX	transfer printing - willow - azul

<sup>27</sup> Consideramos esse padrão dentro do período de final de produção entre 1825 e 1860 por ele estar mais

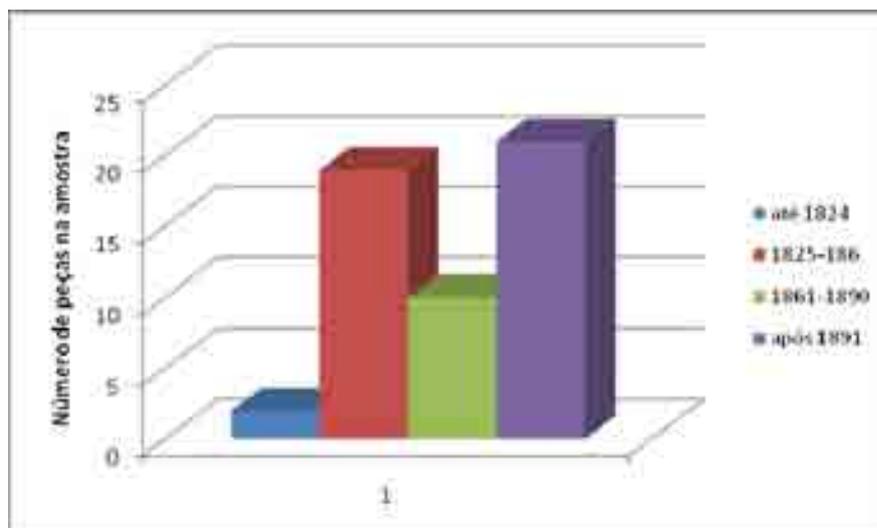


Figura 33 – Gráfico de representação de tipologias por período de final de produção.

O resultado dessa classificação demonstrou que até 1824 apenas as louças *creamware* deixaram de ser produzidas. Na amostra foram identificadas 2 peças como sendo *creamware*. No período de 1825 a 1860 deixaram de ser produzidos 13 padrões tipológicos presentes em 19 peças (27,15%). No período de 1861 a 1890 tiveram sua produção encerrada 8 padrões tipológicos, que estão representados na amostra por 10 peças (14,29%). A partir de 1891 deixaram de ser produzidos 10 padrões tipológicos que estão representados na amostra por 21 peças (31,43%). Quatro peças (5,72%) representam padrões tipológicos que têm sua produção continuada até os dias de hoje. Para 14 (20%) peças não foi possível determinar o período de final de produção.

Observando os gráficos acima podemos ter uma ideia mais clara da representatividade das louças em relação aos seus períodos de início e final de produção. Da mesma forma que percebemos a presença de uma grande quantidade de louças com final de produção entre 1825 e 1860, percebemos também a presença de um número considerável de louças que tiveram o início de produção neste mesmo período. Diante desta constatação, tomamos esse período como base para o período de maior consumo de louças, acrescentando à data final 10 anos que representam o tempo de permanência dos objetos em uso.

#### 4.4 Considerações

O primeiro ponto a considerar é que a amostra selecionada se mostrou representativa do conjunto das louças do sítio estudado, na medida em que os resultados de sua análise, obtidos através de técnicas quantitativas, confirmaram várias das hipóteses formuladas pela observação do material em campo e em laboratório.

As peças da mostra foram submetidas a vários critérios de organização que nos permitiram observar por exemplo, predominância de padrões tipológicos, representatividade de categorias, etc. A partir disso, podemos fazer algumas considerações em relação ao material e ao sítio arqueológico.

Em primeiro lugar constatamos que nas louças estão representados predominantemente os hábitos de alimentação, higiene e toalete e que a técnica decorativa presente em um maior número de peças é *transfer printing*. De um total de 70 peças, 55 estão relacionadas à alimentação (78,58%) (Fig. 24) e 19 são decoradas por *transfer printing* (27,15%) (Fig 28).

Na categoria alimentação fizemos uma separação das peças relacionando-as aos serviços de chá e café e jantar. Esta divisão apontou um número maior de peças na subcategoria serviço de jantar.

O conjunto das peças incluídas no serviço de chá e café, num total de 23 (32,86%), é composto sobretudo por xícaras e pires de diversas formas e padrões decorativos. As técnicas decorativas que apresentam a maior frequência neste grupo são o *transfer printing* e o faixas e frisos de diversos tipos. Estas duas técnicas estão associadas a louças de médio custo, em uma faixa intermediária entre as louças brancas sem decoração e as porcelanas. Contudo, pode haver uma variação de custo de acordo com os padrões decorativos dentro de uma mesma técnica, como por exemplo, o padrão *willow*, que dentro da técnica *transfer printing* foi o padrão mais barato durante a primeira metade do século XIX. As formas, no entanto, principalmente das xícaras (amostra 8, 16 e 21) e dos bules (amostra 14 e 15) se aproximam muito das porcelanas, com elementos que sugerem delicadeza e um certo ar de requinte, como as alças torneadas e os bojos arredondados. As louças brancas (amostra 5 e 6) apresentam formas mais comuns, retas e sem detalhes, sendo consideradas as louças mais baratas, geralmente relacionadas a grupos com menor poder aquisitivo e também à escravos domésticos e empregados.

As louças com decoração pintada à mão estão representadas nesta categoria por 4 peças (amostra 1, 2, 3 e 4). Esta louça teve maior popularidade entre as décadas de 40 e 60 do século XIX e é incluída em uma faixa de custo médio alto.

O *azul borrão*, está representado nesta categoria por 2 peças (amostra 21 e 22). Esta louça foi muito popular na primeira metade do século XIX entre as camadas mais abastadas da população, pois foi avaliada como a mais cara deste período entre as faiança finas (MILLER, apud SYMANSKI, 1998, p.201). A incidência maior ou menor deste padrão no sítio pode ser um indicador da condição econômica do grupo relacionado a ele.

As louças com decoração faixas e frisos são representadas nesta categoria por 5 peças (amostra 7, 8, 9, 10 e 11). Apesar de serem relacionadas a um mesmo padrão, têm períodos de produção distintos conforme características específicas, como largura das faixas, cor, estilo dos frisos, etc. De um modo geral, o período de produção dessa louça vai de 1790 ao início do século XX. O estilo friso dourado é encontrado em peças brancas com brasões ou monogramas, feitas sob encomenda para famílias abastadas.

Segundo Symanski (1998, p.208), a incidência de xícaras e pires em número quase igual, como neste caso, indica “não somente a mesma freqüência de quebra, mas que também não houve intenção de utilizá-las separadamente para outros propósitos”.

A categoria serviço de jantar está representada por 32 (45,72%) peças, sendo que destas, 17 foram identificados como pratos rasos e 2 como prato fundo. Comumente, a grande incidência de pratos rasos em sítios históricos indica um maior consumo de alimentos sólidos. Destes 19 pratos, 6 são decorados com faixas e frisos de diversas cores e estilos; 5 são *transfer printing*, entre os quais 3 são do padrão *willow*, 2 são *shell edged*, e outros 6 são cada um de um padrão diferente. Ainda relacionados ao serviço de jantar, temos na amostra 3 malgas com decoração floral pintada à mão, 6 pratos de serviço (*transfer printing*, *willow* verde, branco *gótico*, *shell edged* verde, louça branca), 3 tampas (*gótico*, *willow*, *ironstone*) e 1 pote de mostarda (rótulo em *transfer printing* preto).

Segundo Symanski (1998, p.206) a maior incidência de pratos em um contexto arqueológico indica que estes foram mais intensamente usados e as principais peças utilizadas para o consumo de alimentos.

A grande diversidade de padrões decorativos encontrados nas peças relacionadas aos hábitos de alimentação dificulta a sua atribuição a um período específico. A predominância do *transfer printing* e do faixas e frisos, não é suficiente para uma periodização considerando a grande variedade de estilos e motivos neles representados que têm períodos de produção muito diferentes.

O pote de mostarda (amostra 55) exumado do porão 11 da Casa 8 foi recentemente datado, através do selo do fabricante, para o período entre 1900 e 1919. Isto sugere uma deposição secundária, posterior à formação do extrato arqueológico. Essa possibilidade é reforçada por ser o porão 11 localizado na parte mais a sudeste da casa, em área que verificamos ter sido utilizada para diversos fins durante todo o período de sua ocupação.

A categoria higiene e toalete está representada na amostra por 12 peças, sendo 8 relativas aos hábitos de higiene e 4 aos de toalete. As peças relacionadas aos hábitos de higiene estão representadas por 4 urinóis, 3 bacias e uma escarradeira (amostra 68), sendo um urinol e uma bacia em padrão floral pintado à mão (amostra 60 e 61), um urinol em borrão (amostra 67) e dois urinóis e duas bacias com decoração carimbada (amostra 62, 64, 65 e 66). A escarradeira está representada apenas por um fragmento que representa um elemento decorativo bastante recorrente nestes objetos. A identificação deste fragmento como sendo parte de uma escarradeira foi feita pelo professor Fábio Vergara Cerqueira a partir de comparação com coleções particulares.

Percebe-se que nesta categoria há uma menor diversidade de padrões tipológicos, conferindo certa padronização ao conjunto das peças. No entanto, considerando que a amostra conta com número reduzido de peças para essa categoria, não é possível generalizar essa tendência para a totalidade do sítio. Sabe-se apenas que há uma grande incidência de objetos relacionados aos hábitos de higiene e toalete no sítio, porém não foi realizada a identificação dos padrões decorativos de todas as peças. Contudo, a partir dos padrões tipológicos presentes na amostra, podemos pensar que esses objetos estejam relacionados a diferentes momentos de ocupação do sítio já que o padrão floral pintado à mão foi produzido entre 1810 e 1860 e o padrão carimbada teve sua produção iniciada em 1845 e estendida até início do século XX.

Os objetos de toalete estão representados por um pote para pó de arroz em louça branca (amostra 57), um pote com decoração pintada à mão combinada com

carimbada (amostra 58), um pote em louça *creamware* com decoração padrão *dipped* (amostra 59) e um pote com decoração carimbada. A identificação da funcionalidade do pote da Figura 57 como recipiente para pó de arroz foi obtida por informação oral<sup>28</sup>. O informante acrescentou que compunha este pote uma tampa decorada. O fragmento da Figura 59 também foi identificado como um pote de toalete pelo mesmo informante.

A categoria saúde está representada na amostra apenas por um pote de remédio. Esta baixa representatividade pode estar relacionada a pouca diversidade de produtos farmacêuticos industrializados comercializados durante o século XIX. Era comum neste período, os remédios serem manipulados pelos boticários e envasados em recipientes de vidro. Porém, a frequência desses potes no sítio<sup>29</sup> indica uma grande popularidade do produto. Identificamos pelo rótulo que se tratava de uma pomada fabricada na Inglaterra, indicada para diversas enfermidades.

As peças identificadas como objetos de decoração são: um vaso pequeno (floreira) decorado em *azul borrão* com cena chinesa (amostra 69), e um “bibelô (amostra 70). Neste caso, a baixa representatividade na amostra está relacionada à baixa representatividade desses objetos no sítio.

Após esta primeira etapa de análise da amostra concluímos que ela é representativa do sítio, na medida em que confirmou três das principais observações feitas durante os trabalhos de campo e laboratório. Em primeiro lugar a observação de que havia predominância de louças relacionadas à categoria alimentação. Em segundo, a predominância de objetos decorados pela técnica *transfer printing* em seus mais variados padrões e estilos. Em terceiro, a confirmação de que o depósito arqueológico, composto pelos *loci Casa 2, Casa 8, Praça Coronel Pedro Osório, Largo Edmar Fetter e Casa da Banha*, constitui-se de uma “lixeria coletiva”, haja vista a variedade de exemplares de louça pertencentes a tipologias bastante variadas, seja pela categoria decoração, seja pela categoria forma/função, somando-se esses argumentos a diversidade de grupos sociais verificado pela variedade de custos das peças.

---

<sup>28</sup> Informações prestadas pelo Sr. Orail Barcelos durante entrevista realizada em 22 de maio de 2009.

<sup>29</sup> Esses potes foram encontrados em vários sítios históricos de Pelotas, tanto urbanos quanto rurais.

## **CAPÍTULO V**

### **A louça e o processo de urbanização da Pelotas oitocentista**

Voltamos à história de Pelotas, ao princípio de sua formação e ao seu período de desenvolvimento e urbanização no século dezenove. Porém, voltamos munidos de uma nova documentação que nos permitirá olhar o passado de uma nova maneira, enxergar coisas e pessoas que até então estavam escondidas. Nossa proposta é fazer essa “re-leitura” tendo em mãos uma série de informações obtidas através da análise da louça exumada na área urbana da cidade.

As louças são, há bastante tempo, uma fonte de pesquisa explorada por arqueólogos de diferentes correntes teóricas, porque, pela sua natureza, podem esclarecer uma diversidade de questões, que na maioria das vezes não estão registradas em documentos escritos, como, por exemplo, as dimensões sócio-econômicas e simbólico-culturais dos comportamentos de consumo de uma sociedade.

#### **5.3 Abordagem diacrônica: o desenvolvimento urbano**

Pelotas teve um crescimento bastante rápido em função da economia charqueadora. Da instalação do primeiro núcleo fabril de produção de charque até a elevação à condição de freguesia em 1812 passaram apenas 33 anos.

A nova condição exigiu o estabelecimento de um núcleo urbano onde se localizou a igreja e a partir do qual a cidade se desenvolveu. Deste primeiro núcleo sobraram poucos vestígios, talvez o mais importante seja o seu desenho, organizado em plano quadriculado com ruas paralelas e transversais semelhante a um tabuleiro de xadrez. Sabe-se que ainda sobrevive na atual Rua Major Cícero uma pequena casa, em estilo colonial, que segundo Orail Barcelos (depoimento oral, em 21/05/09), “é o prédio mais antigo de Pelotas, é de 1812, ela ainda está original. Fica na Major Cícero, quase esquina Anchieta.”

O crescimento acelerado fez surgir, logo em 1832, a necessidade de expansão desse primeiro núcleo. A cidade crescia em população e em riqueza e criava condições materiais para sua sobrevivência. Entre elas, estão os prédios e os objetos de uso cotidiano. Mesmo que transformada muito rapidamente, essa materialidade deixa vestígios, que são os testemunhos dos processos sociais, econômicos e culturais que os produziram.

Se tomarmos como referência a periodização sugerida por Mário Osório Magalhães (1993), teremos que nos deter aqui em uma reflexão. Magalhães indica 1835, ano em que foi deflagrada a Revolução Farroupilha e também que Pelotas foi elevada à condição de cidade, como o marco para o final do período de *formação urbana*. Isso significaria dizer que, até 1835, houve apenas um processo espacial e demográfico de concentração da população resultando na formação de um núcleo urbano.

O que se observa é que exatamente neste período Pelotas começava o seu processo de urbanização indicado por mudanças comportamentais que decorrem do impacto das cidades sobre a sociedade. No entanto, esse processo foi repentinamente interrompido, para ser retomado somente 10 anos mais tarde. Infelizmente, as informações arqueológicas para este período são ainda bastante incipientes. Até o momento, apenas dois sítios relacionados a este período foram escavados, a *Casa 2* e *Casa da Banha*.

A *Casa 2* representa uma unidade doméstica, construída para um dos mais ricos habitantes da cidade, José Vieira Viana, no início do século XIX. A cultura material exumada desse sítio é pouco representativa, tanto quantitativa como qualitativamente. Esta cultura material está inserida e associada aos processos de aterramento e nivelamento do terreno, pois o padrão estratigráfico do conjunto das seções escavadas sugere que os vestígios materiais possam ser oriundos, em sua maioria, de deposição secundária. Composta basicamente por fragmentos de cerâmica vidrada de origem européia e por fragmentos de cerâmica neo-brasileira, em sua maioria telhas, tijolos, tijoleiras, tinhas e vasilhas, indica que até este momento a cidade não havia se inserido no mercado de escala internacional protagonizado pela Inglaterra a partir da abertura dos portos (1808). Além das poucas informações extraídas da cultura material, também não dispomos de muitos dados relativos à arquitetura original da casa que possam revelar, por exemplo, a existência de elementos, principalmente na área interna, que representem o *status*

econômico de seu proprietário. Sabe-se apenas, que havia uma senzala, localizada no pátio, que foi desmanchada na década de 70 do século XX.

A *Casa da Banha* representa uma unidade comercial. Construída no início da década de 1830, teve uma ocupação intensa e diversificada, observada através da leitura estratigráfica, que revela uma grande interferência no solo durante todo o período de sua ocupação. A cultura material resgatada neste sítio não contribuiu muito para pensarmos as relações econômicas e comerciais da época. No entanto, de certa forma, ela corrobora a hipótese de que até a primeira metade da década de 1830, a população pelotense não havia se inserido no mercado de escala internacional, mantendo um estilo de vida característico do período colonial. Isto está, de certa forma, expresso pela tipologia de um dos poucos objetos exumados na sua escavação que faz referência ao período de sua construção: um prato de servir de cerâmica neo-brasileira.

O período seguinte (1835-1845) foi marcado pela Revolução Farroupilha. A pouca documentação relativa a este período nos informa apenas e de maneira genérica, que a cidade ficou quase deserta, as fábricas de charque foram fechadas, o comércio estagnou e alguns prédios foram tomados pelas tropas e transformados em quartéis como, por exemplo, o Theatro Sete de Abril e a *Casa da Banha*, construídos poucos anos antes.

No campo da arqueologia também são poucas as informações referentes a esse episódio, não tendo sido identificados até o momento vestígios arqueológicos significativos. Nas escavações realizadas na *Casa da Banha* foram resgatados projéteis de pistola que podem estar relacionados às batalhas travadas pelas tropas legalistas e farroupilhas na disputa pelo controle da cidade, porém essa relação ainda deverá ser confirmada pela análise do material.

O término da revolução permitiu a retomada das atividades econômicas não só em Pelotas, mas em todo o Rio Grande do Sul. Segundo Magalhães (1993, p.78-79) os acordos feitos pela província e pelo governo central favoreceram o desenvolvimento político e econômico de toda a região. A retomada da produção do charque voltou a aquecer a economia. O gado xucro deixou de existir, provocando uma valorização da carne, que agora só podia ser adquirida através da compra e não mais pela preia. Os fazendeiros, proprietários de grandes rebanhos, passaram a organizar a estância, cercando seus limites, e a aprimorar os rebanhos, importando reprodutores bovinos e eqüinos. Essas transformações imprimiram características

muito mais empresarias à estância, provocando o enriquecimento dos estancieiros e, também, mudanças sociais que alteraram as relações entre estes e seus peões.

O enriquecimento incentivou os estancieiros a estabelecer residência na cidade e a participar da vida social e política, inerentes aos centros urbanos, seguindo a tendência dos charqueadores que haviam dado início a este processo. Com isso, passaram também a adquirir novos comportamentos de consumo, que são percebidos em primeiro lugar pela arquitetura das casas, que incorporou elementos importados da Europa, e em segundo lugar pela aquisição de móveis e utensílios que representativos de seu *status* econômico.

Este período de *retomada do crescimento*, identificado por Magalhães como sendo entre os anos de 1845 e 1860, foi marcado especialmente pelo surgimento de instituições e aparelhos urbanos que indicam o início do processo de efetiva urbanização. Lembramos que até 1860 foi construído o Mercado Público (1847-53), instalada a iluminação a azeite, construída a primeira ponte de pedra sobre o Santa Bárbara, fundada a Santa Casa de Misericórdia (1846), fundado o hospital da Beneficência Portuguesa (1857) e criado o cemitério da Santa Casa (1855), no Fragata. E ainda, em 1853, modernizou-se o sistema de iluminação pública trocando o azeite pelo hidrogênio líquido. Em 1856 começou a funcionar a primeira graxeira a vapor, caracterizando o avanço no processo de fabricação do charque. Em 1858 a cidade expandiu-se em direção ao norte, formando o Bairro da Luz.

Todas essas transformações são, na verdade, produtos de mudanças nas relações comportamentais e sociais que ocorrem na sociedade, como resultado de pessoas morando em cidades; ao mesmo tempo, é a partir delas, que se desencadeiam novas transformações.

O registro arqueológico fornece elementos importantes para pensarmos as transformações ocorridas neste período. Os sítios *Casa 8*, *Praça Coronel Pedro Osório* e *Largo Edmar Fetter*, compõem-se de uma “lixreira coletiva” formada no período entre, aproximadamente, 1830 e 1880. Se por um lado, a estratigrafia desta “lixreira coletiva” não nos permitiu uma periodização das camadas arqueológicas, por outro, a abundância e a “riqueza” do material permitem que, a um só tempo, tenhamos informações do conjunto da população que a formou. A datação da “lixreira” tem como base inicial, a construção da *Casa 2* (1830), e como data final a construção da *Casa 8* (1878).

Pelas análises da louça da amostra, observamos que grande parte das peças que formam o extrato arqueológico começaram a ser produzidas na Europa entre os anos de 1750 e 1824. Considerando o tempo de disseminação no mercado nesta época, avaliamos que estas louças tenham entrado no mercado nacional até meados da década de 1830. Sabendo-se, pela documentação arqueológica, que até este período a cidade não havia se inserido no mercado de escala internacional, e que, no período entre 1835 e aproximadamente 1845, as atividades econômicas e sociais da cidade sofreram sensível redução, concluímos que essas louças foram adquiridas, em sua grande maioria, a partir da segunda metade da década de 1840. É exatamente este o momento que serve de marco sinalizador para a retomada do crescimento e do desenvolvimento econômico de Pelotas. Assim, podemos sugerir que foi a partir da segunda metade da década de 1840 que Pelotas se inseriu efetivamente no mercado de consumo de escala internacional.

Cabe ressaltar que, com isso, não estamos sugerindo que em período anterior não houvesse o consumo de produtos provenientes de centros como São Paulo e Rio de Janeiro ou mesmo da Europa. Sabemos, principalmente por fontes escritas (documentos e relatos de viajantes), que, antes de 1835, Pelotas já contava com um número considerável de prédios (públicos, particulares e comerciais) e se destacava no cenário econômico do Rio Grande do Sul. Sabemos também que seus habitantes eram caracterizados por viajantes como elegantes, amáveis e ricos, e que esta riqueza se traduzia em belas casas e em utensílios que podiam lhes proporcionar conforto. (MAGALHÃES, 1993, p.32-53). É visível, no entanto, que o processo de incorporação de novas mobílias, ornamentos e utensílios, propiciado pela intensificação do contato da sociedade brasileira com a Europa e com uma infinidade de itens industrializados europeus, que criaram um mundo material totalmente diferente do período colonial e à semelhança da burguesia européia, foi mais lento em Pelotas que no centro do país, e que, até meados da década de 1840, foi restrito a uma parcela da população.

O que sugerimos é que somente a partir de 1840-45 houve uma disseminação desses produtos no mercado local, permitindo que um número maior de pessoas tivesse acesso a eles.

Verificamos, a partir daí, que houve um grande consumo de louças relacionadas ao serviço de jantar, principalmente de pratos rasos. A maior parte dessa louça é dos tipos *transfer printing* (amostra 44 - 52) e *shell edged* (amostra 28,

31, 54) consideradas entre as mais baratas para este período (SYMANSKI, 1998, p.172) concluímos que não tenham sido adquiridas pelas camadas mais ricas da população. Isto sugere que neste momento já se formavam setores médios na sociedade de Pelotas, formados provavelmente por comerciantes, prestadores de serviços (preceptores, fotógrafos, tipógrafos), proprietários de pequenas oficinas (alfaiates, chapeleiros) e profissionais liberais (médicos, advogados), em condições de adquirir produtos que se assemelhavam em forma e função aos produtos usados pela elite. Lembremos aqui a consideração feita por Symanski (1998) de que, assim como as elites buscavam copiar a burguesia européia, através do consumo, também eram copiadas pelos segmentos médios e baixos da população, os quais começaram a ter acesso a uma razoável variedade de produtos industrializados.

Ao analisarmos os períodos de produção destas categorias de louça, observamos que ela pode representar períodos diferentes de uso. Tomando como base, a classificação das louças pelos períodos inicial e final de produção, percebemos que a maior parte deste grupo de peças (19) começou a ser produzida entre 1750 e 1824. Considerando que Pelotas só se inseriu no mercado internacional de larga escala a partir de 1845, supomos que estas louças, que haviam iniciado seu processo de fabricação, e que há algum tempo já circulavam no mercado mundial, tenham sido primeiramente disponibilizadas no mercado local, e, por isso, as primeiras consumidas neste núcleo urbano. Desta forma, consideramos que elas estejam relacionadas ao período histórico sugerido por Magalhães como de *retomada do crescimento*, ou seja, entre 1845 e 1860. Fazem parte desse grupo, predominantemente as peças com decoração *transfer printing* (amostra 44 - 52) e decoração *shell edged* (28, 31, 54). Aparecem ainda relacionadas a este período: louças brancas (Amostra 30, 32), *faixas e frisos* (Amostra 41), pintada a mão combinado com *carimbada* (Amostra 36), louça *creamware* (Amostra 29) e louça *ironstone* (Amostra 27).

O conjunto de louças relacionadas ao serviço de chá e café que tiveram sua fabricação iniciada entre 1750 e 1824 está composto por 11 peças. Entre elas, 7 são decoradas por *transfer printing* (amostra 14-20), 2 tem o padrão *faixas e frisos* (amostra 8, 9), 2 são louça branca *whiteware* sem decoração (amostra 5, 6) e 1 é *shell edged* (amostra 23). Percebemos que neste conjunto predominam as louças decoradas por *transfer printing* e que as de outros padrões decorativos estão em uma mesma faixa de custo. Estes padrões estão representados em 5 xícaras, 4

pires e 3 bules. Com exceção de duas xícaras brancas simples, todas as demais formas apresentam elementos que sugerem refinamento, se aproximando das formas encontradas nas porcelanas.

Ressaltamos que o consumo de chá só foi popularizado no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Este fato é importante na medida em que uma quantidade significativa de peças relacionadas ao consumo deste produto está incluídas em uma categoria de louças que, a princípio, foi usada a partir da década de 1840. Apesar das louças desse conjunto não estarem entre as mais caras, percebe-se que houve uma preocupação dos seus consumidores em adquirir objetos que demonstrassem sua inserção ao novo estilo de vida que se configurava.

No conjunto das louças de higiene e toalete identificamos apenas 1 peça (57) que teve a produção iniciada até 1824. Trata-se de pote de pó de arroz, produto que era a princípio muito usado pelas mulheres no século XIX. A pouca incidência de peças dessa categoria, incluídas no período em questão, pode significar que neste momento não havia preocupação nem interesse em adquirir peças para essas funções e que houve uma decisão de investir mais em peças que pudessem representar melhor o *status* econômico, principalmente as louças de chá, que poderiam ser vistas por pessoas de fora do núcleo familiar.

O período seguinte, entre 1860 e 1890, foi identificado por Magalhães como sendo o período de *expansão e auge* da economia pelotense e por conseqüência também seu auge social, cultural e urbanístico.

Vestígios dessa expansão ficaram gravados na paisagem da cidade através de um representativo conjunto arquitetônico oriundo do final do século XIX e início do século XX. A riqueza do período se refletiu, sobretudo, no plano urbanístico. As elites charqueadoras e estancieiras edificaram nos arredores da atual Praça Cel. Pedro Osório, ou nas ruas circunvizinhas, ricos palacetes cujas fachadas ostentavam seu status social e cultural.

Como vimos, já havia em Pelotas, antes de 1860, algumas belas casas, mas foi a partir desta década que surgiram as construções mais ricas, caracterizadas por um estilo arquitetônico próprio que misturava o neo-renascentista com detalhes do barroco e adaptações locais.

A partir da década de 1870 foram tomadas diversas iniciativas com o objetivo de melhorar as condições de vida da população e de tornar a cidade mais “moderna”. A Praça Cel. Pedro Osório foi drenada e seu interior foi ajardinado e

arborizado. A água do arroio Moreira foi canalizada até o centro da cidade. Na área urbana, foi feito o assentamento da canalização d'água nas ruas mais povoadas, as quais se situavam entre a praça D. Pedro II (atual Praça Cel. Pedro Osório) e o largo da Igreja. Foi construída uma caixa d'água e foram colocados chafarizes. Na Praça Coronel Pedro Osório, em 25 de junho de 1873, foi colocado o primeiro chafariz, conhecido hoje como Fonte das Nereidas. Os demais foram situados em outras praças da cidade.

Entre os finais da década de 70 e inícios da década de 80, foram construídos o prédio da atual Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública, a Casa 8, a Casa 6, e foram executadas as reformas da Casa 2 e do Theatro Sete de Abril. O espaço urbano delimitado pela Praça Coronel Pedro Osório se consolidou como um espaço nobre e comercial da cidade, onde foram erguidas as principais edificações arquitetônicas. A população de Pelotas passou de 9.055 moradores, em 1858, para 41.591, em 1890.

Estas transformações são, ao mesmo tempo, causa e consequência das mudanças nas relações comportamentais características da urbanização. Este forte movimento de urbanização e europeização urbana foi impulsionado pelo grande progresso da indústria charqueadora. Os charqueadores e estancieiros passaram a investir grande parte da sua riqueza na modernização da cidade. Construíram praças, remodelaram teatros, fundaram clubes sociais.

Era de se esperar que também no ambiente doméstico houvesse mudanças. Neste sentido, a cultura material nos traz algumas informações. Observamos que no estrato arqueológico analisado encontra-se uma quantidade considerável de louças que deixaram de ser produzidas entre 1825 e 1860, portanto, objetos fora de “moda” que, certamente foram substituídos por outros, melhores ou mais bonitos. Pode-se pensar que houve uma renovação dos utensílios domésticos, usados até então, e a aquisição de outros.

Há um fator importante a ser considerado aqui. Por estarmos tratando com louças, temos que levar em consideração a sua facilidade de quebra. Peças que são mais intensamente utilizadas, como o caso de pratos e xícaras, estão mais sujeitos à quebra e por isso têm maior necessidade de reposição. Ainda assim, no contexto do nosso sítio, e levando em consideração todas as variáveis analisadas, supomos que houve um grande consumo proporcionado pelas condições econômicas favoráveis

da sociedade, pela oferta dos produtos no mercado e, acima de tudo, impulsionado pela necessidade de ostentar essa condição econômica.

A análise da amostra indica que, até 1880, período de fechamento do depósito arqueológico, várias peças que tinham começado sua fabricação na Europa, a partir de 1875 (amostra 38, 40, 43), já estavam sendo consumidas aqui. Esta constatação revela uma grande rapidez da disseminação dos produtos no mercado, considerando os meios de transporte da época.

Observando os gráficos XX, podemos ter uma idéia mais clara da representatividade das louças em relação aos seus períodos de início e final de produção. Da mesma forma que percebemos a presença de uma grande quantidade de louças com final de produção entre 1825 e 1860, percebemos também, a presença de louças que tiveram o início de produção neste mesmo período. Isso revela que houve um intenso consumo, que pode sugerir um processo de descarte de peças “antigas” e a aquisição de peças novas.

Por esse motivo, consideramos que tanto as louças que tiveram sua produção iniciada entre 1825 e 1860, quanto as que deixaram de ser produzidas neste período, estão diretamente relacionadas ao período econômico de *expansão e auge*.

Considerando isso, contabilizamos um total de 19 peças, que representam 7 padrões decorativos. Neste grupo, a maior incidência é de louças com decoração pintada à mão livre, que tiveram o período de início de fabricação entre 1830-40 e deixaram de ser produzidas em 1860. O conjunto das louças selecionadas para esse período está distribuído da seguinte forma:

- Serviço de chá e café: *shell edged* - 1 pires (amostra 23), faixas e frisos - 1 pires (amostra 09), 1 xícara (amostra 08), pintada à mão livre com motivo floral - 1 jarra (amostra 01), 1 prato médio (amostra 04), 1 xícara (amostra 02), pintada à mão livre combinado com carimbado - 1 xícara (amostra 03).

- Serviço de jantar: pintada à mão livre combinado com carimbado - 1 malga (amostra 35); alteração de superfície padrão *gótico* - 1 (amostra 25), 1 tampa de prato de serviço (amostra 26); alteração de superfície padrão *royal rim* - 1 prato fundo (amostra 30), 1 prato raso (amostra 32); *shell edged* verde - 1 travessa (amostra 28), *shell edged* - 1 prato raso (amostra 31); *transfer printing* padrão *willow* verde - 1 prato de servir (amostra 49); *transfer printing* - 1 prato raso (amostra 52).

- Hábitos de higiene e toalete: pintada à mão livre com motivo floral - 1 urinol (amostra 60), 1 bacia (amostra 61); pintada à mão livre combinado com carimbado - 1 pote de toalete (58).

Observando este grupo de louças percebemos em primeiro lugar se tratar de produtos com preços acessíveis e até baratos. Muitas louças com decoração pintada à mão, a princípio mais caras, e que foram produzidas entre os anos de 1830-60, portanto, um período curto, se considerarmos os meios de distribuição da época, representam neste contexto a velocidade da disseminação de produtos no mercado e também o alto nível de consumo exercido por alguns setores urbanos da sociedade da época.

Ao compararmos os dados quantitativos da amostra com os dados históricos, em uma perspectiva diacrônica, percebemos que estes se colocam em acordo no que se refere à periodização das etapas de desenvolvimento, confirmando o modelo interpretativo da cronologia do desenvolvimento de Pelotas estabelecido por Mario Osório Magalhães (1993).

#### **5.4 Abordagem sincrônica: a urbanização dos modos de vida**

A urbanização é, essencialmente, um processo social, relacionado a mudanças de comportamento e estilo de vida, de pessoas ou de grupos, provocadas pelo impacto da vida em cidade na sociedade. Essas mudanças muito raramente são percebidas durante o seu processo, necessitando de certo afastamento para serem avaliadas.

A observação nos permite dizer que o impacto causado pelas cidades vai provocar maior ou menor grau de transformação, dependendo da posição de cada pessoa ou de cada grupo dentro da cidade. Essa posição é determinada por uma conjunção de fatores, que podem ser de ordem social, cultural ou econômica. No entanto, ela não é fixa, e pode ser alterada pelo processo de urbanização. A identificação dos lugares das pessoas e dos grupos no momento anterior à urbanização é fundamental para podermos analisar o grau do impacto que este processo irá causar.

Partindo deste pressuposto, entendemos que é necessário “marcar as posições da cidade” antes de caracterizar a urbanização dos modos de vida.

Em Pelotas, assim como em todo o Brasil, até o início da segunda metade do século XIX, predominava ainda o modo de vida colonial.

Numa perspectiva social este modo de vida está caracterizado pelo modelo dicotômico *charqueador/estancieiro - escravo*.

Os senhores, charqueadores ou estancieiros, eram os detentores da riqueza e do poder. As mulheres, com raras exceções, não tinham grande participação na vida social, econômica ou cultural. Participavam mais ativamente da vida religiosa.

As casas das charqueadas ou das fazendas não dispunham de muitos móveis e utensílios. Muitos desses objetos eram fabricados nos próprias residências. A vida social e cultural era limitada aos eventos religiosos que obrigavam as famílias a se deslocarem aos núcleos urbanos mais próximos.

A partir da formação do núcleo urbano, este modelo começa a ser substituído. Muitos charqueadores transferem suas residências para a cidade e, aos poucos, ela vai tomando forma. A concentração urbana atrai não só os senhores e seus escravos, mas também muitas outras pessoas, que vêm em busca de novas oportunidades. A cidade passa a abrigar comerciantes, prestadores de serviços, funcionários do governo, profissionais liberais, entre outros. Na vida em cidade, a dicotomia *charqueador/estancieiro - escravo* deixa de ser hegemônica e exclusiva nas relações sociais, compartilhando espaço no cotidiano com outras relações sociais, resultantes do ingresso de grupos sociais novos, com outros traços identitários, como as profissões ou origens étnicas variadas (franceses, italianos, alemães, espanhóis, poloneses, entre outros).

Estes grupos ocuparam assim espaços próprios, reconhecidos pela coletividade, na paisagem urbana, eventualmente deixando registros materiais para a posteridade. Essa nova realidade, foi aos poucos criando novas formas de sociabilidade que, por sua vez, exigiram um novo aparato material. São frequentes os jantares, as reuniões, os passeios. Esta convivência social resultou na aquisição de novos costumes, como o café e o chá.

O conjunto de louças relacionadas ao serviço de chá e café possibilita que reflitamos sobre estes dois hábitos, que têm simbologias diferentes. O consumo do café, após as refeições principais e nas refeições secundárias, era bastante comum, e geralmente feito em xícaras e canecas. O chá, por outro lado, esteve, até a metade do século XIX, associado à exibição de *status*. Por ser um produto de alto custo, era consumido basicamente pela elite (SYMANSKI, 1998, p.227). As xícaras,

pires e bules encontrados na amostra sugerem que houve uma preocupação maior com a aquisição de louças de chá, já que estas certamente não seriam usadas apenas pelo grupo familiar, mas sim em reuniões sociais. O consumo de chá, por ser geralmente feito em reuniões sociais, fora do ambiente da cozinha, necessitava de um aparato maior. Era servido em bules e exigia o uso do pires como aparador da xícara. A presença de peças provenientes de serviços de chá com louça de custo médio indica que os setores urbanos médios pretendiam igualmente aparentar status social pela incorporação deste novo costume e respectivo aparelho doméstico. No caso de Pelotas, a cultura do chá associou-se, na horas de lazer, à cultura doce.

As mudanças de comportamento podem ser observadas também pela presença de peças relacionadas aos hábitos de higiene e toalete. Considerando que este conjunto de louças, mais baratas em relação à porcelana, eram consumidas pelos setores médios da população, conclui-se que este setor passou a ter maior acesso ao mercado de consumo, podendo dispor de produtos de melhor qualidade (dentro do seu padrão de consumo) que, além de proporcionar maior conforto, exibia sua condição econômica.

A presença das malgas no conjunto das louças da categoria alimentação pode indicar tanto o consumo de sopas, mais comum, quanto o consumo de chá. Ao observarmos os seus padrões decorativos (amostra 34, 35, 36), percebemos que estes estão mais relacionados aos padrões decorativos das peças do serviço de chá e café (amostra 01, 02, 03), o que poderia colocá-las nesta categoria.

Porém, a pesquisa realizada com os ossos, exumados deste mesmo sítio, colaborou com informações importantes sobre os hábitos alimentares da sociedade pelotense do século XIX. A análise desse material, integrada a pesquisas de fontes literárias variadas, tais como livros de culinária publicados na época, relatos de viajantes, cronistas ou naturalistas, e até mesmo a literatura ficcional contemporânea, possibilitou concluir que a dieta desta população era baseada em uma variedade de métodos de preparação da carne, como ensopados, sopas, assados, preparados com arroz, entre outros (NOBRE, 2003). Diante da confirmação do hábito do consumo de sopas e considerando a ausência de um número expressivo de pratos fundos, concluímos que as malgas estavam sendo usadas para essa finalidade, ou seja, server caldos, sopas e alimentos pastosos. A

diferença dos padrões decorativos pode indicar que estas peças estejam relacionadas a diferentes períodos de uso ou diferentes grupos.

A presença de pratos de servir (amostra 24, 25, 28, 47, 48, 49, 50) demonstra que as refeições estavam sendo servidas fora do ambiente da cozinha e contavam com uma variedade de tipos de alimentos sólidos e pastosos (sopas e ensopados). Mais uma vez, o estudo da coleção osteológica nos ajuda a entender que era necessário um conjunto variado de peças que desse conta de servir os alimentos à mesa, para o consumo, uma vez que a alimentação era baseada em uma diversidade de modos de preparo da carne, combinada a uma composição de iguarias. No entanto, como é comum nos registros arqueológicos históricos, o prato raso é a forma predominante com um total de 9 peças (amostra 29, 31, 32, 41, 44, 45, 46, 51, 52, 54).

O grande consumo de louças, sugerido para o período entre 1860 e 1890, é acompanhado principalmente por produtos de grés. O estudo deste material identificou que durante quase todo século XIX diversos produtos, de vários países, envasados em garrafas de grés, entraram no mercado brasileiro. Entre as bebidas, um dos produtos mais consumidos aqui foi a genebra, seguido pelas cervejas. Além de demonstrar o relacionamento comercial do Brasil com vários países da Europa, como Holanda, Alemanha e Inglaterra, demonstra que o consumo de bebidas alcoólicas era um hábito comum. O grés foi também encontrado na forma de manilhas e tubulações, revelando técnicas construtivas do século XIX e, em tinteiros, acusando uma atividade de escrita, que pode estar relacionada, tanto ao trabalho, quanto à cultura, ou às artes. Como exemplo dos cuidados de si, encontraram-se ainda recipientes em grés para produtos cosméticos usados para fixar e modular o penteado dos cabelos.



Figura 34 – Recipientes de grés, sítio Praça Coronel Pedro Osório. Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPEL.

A presença de objetos de vidro também pode nos informar sobre os hábitos do grupo. Neste caso, foram encontrados, associados às louças, diversos frascos de perfume, taças, frascos de remédios, além de garrafas de diversas formas e funções. A presença desses objetos nos informa sobre comportamentos relativos aos cuidados de si, como higiene, saúde, estética, assim como sociabilidade e consumo de bebidas.



Figura 35 – Frasco de perfume e uma taça de vidro, sítio Praça Coronel Pedro Osório.  
Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPEL.



Figura 36 – Garrafas de vidro para diversos fins, sítio Praça Coronel Pedro Osório.  
Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPEL.

Ainda no final do século XIX, desenvolveu-se em Pelotas um grande número de atividades sociais vinculadas ao lazer, que deram um grande impulso ao consumo e ao modo de vida urbano. O grande período de entressafra das charqueadas permitia que a classe charqueadora e também os segmentos médios

se dedicassem a formas variadas de lazer e sociabilidade (freqüentação de parques e teatros, o carnaval e o Bal Masqué), o que estimulava a criação de novas formas de consumo na cidade.

Os saraus, bailes e banquetes se tornaram frequentes. Um grande número de sociedades recreativas foi criado. Ocorriam atividades culturais das mais variadas. O comércio teve grande desenvolvimento e passou a contar com grandes armazéns que ofereciam os mais diversos produtos de outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, e também do exterior, como mantimentos, móveis, louças, quadros, moda, livros, folhetins, figurinos e magazines. Estes produtos eram consumidos pela sociedade pelotense e também revendidos pelos mascates e caixeiros por todo o sul da província.

É possível perceber que mudanças complexas no estilo de vida da população ocorreram neste período. O crescimento demográfico impulsionado pelas condições favoráveis da economia charqueadora se fazia sentir principalmente nos setores médios, formados por uma diversidade de profissionais liberais e por comerciantes. Certamente a emulação das elites pelos segmentos médios da população, assim como da burguesia européia pela elite, esteve presente ao longo de todo este período, fazendo com que constantemente novos hábitos e costumes fossem incorporados, estimulando o consumo de novos produtos.

## CONCLUSÃO

Analisar o comportamento de consumo de um grupo significa verificar a forma como determinadas variáveis sócio-culturais são manifestadas no registro arqueológico. Para tanto, é necessário que tais variáveis sejam conhecidas. Por exemplo, deveríamos ter um entendimento mais bem definido sobre os diferentes grupos sociais. No entanto, a literatura histórica local estudou até o momento de forma insuficiente o tecido social local, sobretudo no que se refere a setores médios urbanos. Diante disso, seria correto dizer que um sítio arqueológico composto por uma “lixreira coletiva” em um centro urbano não permite tal análise, na medida em que, não sabendo a que grupo está relacionado o sítio, não é possível determinar variáveis.

Apesar disso, decidimos testar a aplicação de uma metodologia de análise de comportamento de consumo para a “cidade-sítio” Pelotas. Esta “cidade-sítio”, assim definida a partir do conceito de espaço urbano, que nos permite perceber a cidade como um conjunto de lugares inter-relacionados, está representada neste trabalho por cinco *loci*: *Casa 2*, *Casa 8*, *Praça Coronel Pedro Osório*, *Largo Edmar Fetter* e *Casa da Banha*. Destes, apenas a *Casa 8* foi intensamente escavada e teve seu material exaustivamente analisado.

Não conhecendo os grupos em específico e suas variáveis comportamentais, nos propusemos, na verdade, fazer um movimento inverso, ou seja, ao invés de buscarmos o comportamento de consumo do grupo, através da análise do material, buscamos o grupo, através do comportamento de consumo anunciado pelo material. Mesmo conscientes do risco de insucesso, decidimos dar continuidade ao trabalho.

O objetivo final da análise era caracterizar o processo de urbanização de Pelotas ocorrido entre 1830 e 1900. A definição do objetivo pareceu ter solucionado parte do nosso problema: tínhamos agora um grupo – a população urbana de Pelotas do período analisado. No entanto, o grupo assim definido não permitiu que identificássemos as variáveis sócio-culturais, dando uma visão do conjunto.

A leitura da literatura histórica existente apontou, quase que exclusivamente, a presença de dois grupos no processo de formação do núcleo urbano de Pelotas. De um lado, a elite formada por charqueadores e estancieiros e, de outro, os escravos. Ao cotejarmos as informações históricas com a documentação arqueológica, percebemos que esta dicotomia não tinha correspondência na cultura material.

Confirmamos, a partir disso, a impressão que vínhamos tendo, de que, em maior ou menor grau, a historiografia predominante está negligenciando a presença e a participação, no processo de formação urbana da cidade, de grupos intermediários, formados pelo “resto” da população que não se enquadrava nas características dos outros dois.

Para suprir a falta de informações a respeito da representatividade do grupo e das variáveis, consideramos que se faz necessária uma re-leitura de fontes históricas cotejada com a documentação arqueológica. Esta re-leitura de fontes deverá ter como objetivo, identificar a representatividade dos grupos sociais e contextualizá-los no processo de formação do sítio.

Estes grupos, pouco visíveis na historiografia, tiveram a sua existência marcada nos vestígios da cultura material. As fontes históricas, re-lidas com olhar mais crítico e superando as dicotomias analíticas, lidas a contrapelo, poderão trazer à luz informações significativas que permitam delinear aspectos destes setores médios, de modo a se poderem configurar variáveis sócio-culturais que possam dialogar de forma interessante com as evidências de hábitos de consumo sedimentadas na “lixeria coletiva” do centro urbano de Pelotas.

Em nosso trabalho, procedemos ao processo de análise do material de estudo, constituído por uma amostra de louças (*faianças finas e ironstone*) selecionadas do Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel, que sistematiza o conjunto das louças do sítio Casa 8, somadas a exemplares das coleções referentes aos outros três sítios incluídos na pesquisa.

Nesta primeira etapa, as peças que compõem a amostra foram classificadas em quatro categorias, diretamente relacionadas às esferas de vida cotidiana que nos propusemos analisar. A partir disso, com a utilização de métodos quantitativos, organizamos a amostra a partir de diversos critérios, com o objetivo de observar o comportamento do maior número possível de variáveis. Os resultados obtidos nesta etapa demonstraram que a metodologia proposta para o trabalho era eficaz:

possibilitou a confirmação do depósito arqueológico como uma “lixeria coletiva”, ao mesmo tempo em que permitiu vislumbrar aspectos da urbanização e dos modos de vida.

A segunda etapa de análise foi feita a partir do cruzamento de todos os dados reunidos até então. Fizemos isso de duas maneiras distintas e complementares: uma abordagem diacrônica e uma abordagem sincrônica.

A primeira, com foco na diacronia, na cronologia, nos permitiu fazer uma releitura do processo de urbanização de Pelotas, da evolução temporal de sua configuração urbana, a partir de fontes históricas e arqueológicas, reunidas em uma única narrativa, uma narrativa histórico-arqueológica. Ao fazermos isso, pudemos confirmar o modelo interpretativo da cronologia do desenvolvimento de Pelotas estabelecido por Mario Osório Magalhães (1993): os documentos históricos e arqueológicos colocaram-se em acordo no que se refere à periodização das etapas de desenvolvimento.

Porém, na análise da sincronia, encontramos na documentação arqueológica informações que não estão nos documentos escritos. Aos estudarmos os comportamentos de grupos sociais através da cultura material, colocaram-se em desacordo o testemunho arqueológico da louça e o foco predominante na historiografia, que aborda a processo social local com base no modelo dicotômico *charqueador/estancieiro - escravo*.

A análise da louça da “cidade-sítio” Pelotas demonstrou que, além dos grupos “elite charqueadora” e “escravos”, outros grupos estiveram presentes na formação e no desenvolvimento da cidade. Grupos que, até então, foram objeto de pouca atenção pela historiografia. Falamos dos setores médios urbanos, formados, em sua maioria, por comerciantes, prestadores de serviços, funcionários do governo, profissionais liberais, enfim, uma parcela da população que, em última instância, participou de maneira ativa do processo de urbanização, e sentiu de maneira intensa e diferenciada seus efeitos, procurando, com recursos mais modestos, dar conta do projeto de modernidade que estava em curso.

A segunda etapa de análise, por meio da abordagem sincrônica, focada nos modos de vida, possibilitou que avaliássemos os impactos dessa urbanização na sociedade, através da identificação das mudanças de comportamento e estilo de vida. Vimos através dessa análise que a urbanização em Pelotas no século dezenove foi um processo intenso e rápido, proporcionado por condições

econômicas, sociais e culturais favoráveis. As mudanças de comportamento e estilo de vida estão visíveis na cultura material, que nos mostra um comportamento de consumo voltado a um sentido de modernidade, marcado por uma abertura a novos costumes, com um ritmo acelerado de substituição de produtos, a partir do terceiro quartel do século dezenove.

O estudo das louças nos levou, então, à seguinte constatação quanto à história de Pelotas: nem só “opulência e cultura” e nem só “barro e sangue”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Os italianos na zona sul urbana de Pelotas na segunda metade do século XIX**. 1995. Monografia (Conclusão de curso, Licenciatura em História)-Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- ARRIADA, Eduardo. **Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835)**. Pelotas, Editora Armazém Literário, 1994.
- BARCELOS, Orail. **Entrevista oral** gentilmente cedida à autora em 21 de maio de 2009.
- BETEMPS, Leandro Ramos. **Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa: Um Estudo sobre os 120 Anos da Tradição Francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas-RS**. 2.ed. Pelotas: EDUCAT - Editora da UCPel, 2003.
- BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE, v.275. Termo de contrato celebrado com Hygino Corrêa Durão para o encanamento d' água potável na cidade de Pelotas, 3 maio 1871.
- BRANCANTE, Eldino da Fonseca. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. São Paulo: Cia Lithographica Ypiranga, 1981.
- BRUNO, Guilherme Rodrigues. **A representação histórica do Mercado Central de Pelotas através da simulação gráfico-digital**. 2006. (Conclusão de curso, Especialização em Gráfica Digital)- Departamento de Desenho Técnico e Gráfica Computacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara & CÉZAR, Temístocles Américo. Os periódicos do final do século XIX e do início do século XX e o cotidiano de Pelotas. **História em Revista** [da] Universidade Federal de Pelotas, n.1, p.35-38, set. 1994.
- CERQUEIRA et al, 2004). Resultados parciais do salvamento arqueológico em Pelotas/RS/Brasil: Catálogo de material arqueofaunístico e catálogo de louça da Residência Conselheiro Maciel. **Techné**, Arqueojovem, Instituto Politécnico de Tomar, Portugal, n.9, p.205-234, 2004.

ESSINGER, Cíntia Vieira & GUTIERREZ, Éster Judite Bendjouya. A Cidade e os Valores Artístico e Histórico: Pelotas, 1815 - 1888 - Praças. In: **Anais do 10º Congresso de Iniciação Científica UFPel/UCPel/CNPq**. Pelotas: UFPEL, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Teoria e a Arqueologia Histórica: a América Latina e o Mundo**. Vestígios Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. Belo Horizonte, MG. v.1, n.1, jul/dez, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo. **Cultura Material Histórica e Patrimônio**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2.ed. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL, 2001.

JESUS, Júlio César Pires de. **A biblioteca Pública Pelotense como expressão da excelência cultural de Pelotas no último quartel do século XIX e início do século XX**. 2002, 47f. Monografia (Conclusão de curso, Licenciatura em História)-Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas Século XIX**. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de & SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. 2.ed. Pelotas: Palloti, 2002.

NASCIMENTO, Heloísa Assumpção. **Nossa Cidade Era Assim**. Pelotas: Livraria Mundial, 1989.

NOBRE, Chimene Kuhn. **Catálogo de Material Arqueofaunístico da Residência Conselheiro Maciel**. 2003. 72p. (Conclusão de curso, Licenciatura em História)-Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

NOBRE, Chimene Kuhn. Catálogo do material arqueofaunístico do Projeto de Salvamento Arqueológico da zona urbana de Pelotas/RS, v.1 Casa 8. In: **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v.1, n.1, p.59-80, 2004.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **Memória Fotográfica do Conservatório de Música (1918 – 1969)**. 2002. Monografia (Conclusão de curso, Licenciatura em História)-Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ORSER Jr., Charles E. **Introducción a la Arqueología Histórica**. Buenos Aires: Asociación Amigos Del Instituto Nacional de Antropología, 2000.

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel**. 2004. Monografia (Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PAULA, Débora Clasen de. **Praça Pedro II: a construção de um espaço de sociabilidade (1861-1889)**. 2005. Monografia (Conclusão de curso, Licenciatura em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelota, Pelotas.

PEIXOTO, Luciana da Silva & CERQUEIRA, Fábio Vergara. Salvamento Arqueológico do Centro Urbano de Pelotas/RS. In: **V Encontro do Núcleo Regional Sul da SAB**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2007. p.01-22.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, D. F.: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Manual de Introdução à Arqueologia**. Porto Alegre: Sulina, 1977.

RHODEN, Luíz Fernando. **Urbanismo no Rio grande do Sul: origens e evolução**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. Coleção História, 28.

SANTOS, Carlos Alberto. **Espelhos, máscaras e vitrines**. Estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas, 1870 - 1930. Coleção História e Etnias, n.4. Pelotas: EDUCAT, 2002.

SCHÁVELZON, Daniel. **Catalogo de Ceramicas Historicas de Buenos Aires (Siglos XVI-XX)**. Buenos Aires:EVM, 2001.

SENATORE, Maria Ximena & ZARANKIN, Andrés (orgs). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul**. Cultura Material, Discursos e Práticas. Colección Científica. Buenos Aires: Ediciones Del Tridente, 2002.

SOARES, Leonor Almeida de Souza & VAROTO, Renato Luiz Mello. **Lendo Pelotas**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 1997.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Modernidade Urbana e Dominação da Natureza: o Saneamento de Pelotas nas Primeiras Décadas de Século XX. **História em Revista**, Pelotas, v.7, n.1. p.65–92, 2001.

SYMANSKI, Luíz Cláudio Pereira. **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. Coleção Arqueologia 5.

THIESEN, Beatriz Valadão. **As paisagens da cidade**: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX. Dissertação de Mestrado, 1999. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin et al. **A faiança Fina Em Porto Alegre** – Vestígios Arqueológicos de uma Cidade. Porto Alegre: UE / Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

TOMASCHEWSKI, Claudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência**: a irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas - RS (1847-1922). 2007. 257p. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. **Projeto de Salvamento Arqueológico na área urbana de Pelotas** (RS) - Praça Pedro Osório, Casa da Banha e Casas 2, 6 E 8 - Programa Monumenta. Pelotas, Junho de 2003. Impresso.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. **Projeto Arqueologia Histórica da cidade de Pelotas**: núcleo urbano central (centro histórico e porto), e áreas periféricas (charqueadas e zona colonial). Relatório Parcial de Bolsa BIC/CNPq, Bolsista Estefânia Jaékel da Rosa, Coordenação Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, Março de 2006.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A memória da cidade e o lugar**. In: II Seminário de Estudos Urbanos e Regionais; I Colóquio Internacional sobre as Cidades do Prata, [Geografia Urbana e Histórica da Formação Territorial na Região do Rio da Prata nos Séculos XVII a XIX]. 2006, Pelotas.